

CATIVOS DO PASSADO

ROMANCE

ARMANDO FERNANDES DE OLIVEIRA

EVE
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O livro espírita é sempre veículo de consolação e fonte de aprendizado das verdades eternas; já o romance realiza estas mesmas funções porém transmitindo o "pão do Espírito" de maneira muito atraente e agradável. Ou seja, ensina e consola na mesma medida em que proporciona distração e entretenimento ao leitor.

Cativos do Passado é a envolvente história de dois jovens - Tiago e Helena - que se reencontram para dar seqüência a amáveis ligações de passadas existências.

Por meio de uma trama bem interessante, o Autor narra como o par amoroso que muitos desatinos havia cometido conjuntamente no passado reencontra-se para resgatar seus débitos, conscientizando-se agora dos legítimos valores da vida.

ARMANDO FERNANDES DE OLIVEIRA

CATIVOS DO PASSADO

ROMANCE

CATIVOS DO PASSADO

Armando Fernandes de Oliveira

OPORTUNOS ESCLARECIMENTOS

Caro leitor: queremos inicialmente consignar o nosso melhor agradecimento pela sua preciosa atenção. O presente livro retrata acontecimentos da vida humana, emoldurados em cenários do dia-a-dia. Ninguém ignora que a vida é feita de tristezas e de alegrias, de fracassos e de sucessos. É exatamente nessas constantes mutações, incompatíveis entre si, que fomos encontrar os subsídios para desdobramento deste romance.

As tintas da alegria e da tristeza dão colorido às vidas humanas, criando ângulos de luz e de sombra. As alternativas marcam as existências, valorizando-as. Cada lance, cada episódio, vai a pouco e pouco amadurecendo os seres humanos, suscetíveis de progresso, tornando-os ainda mais interessados na própria evolução, o que ocorrerá ao longo do tempo, na identificação da criatura com o Criador.

Quando as pessoas ficam realmente saturadas das coisas enganosas do mundo, transitórias e perecíveis, buscam avidamente outros recursos a fim de se edificarem espiritualmente. Nas fases sofridas da jornada terrena de cada indivíduo, a alma se volta para as conquistas eternas na ânsia de querer crescer intimamente e poder, conseqüentemente, realizar algo que possa justificar a concessão da existência que desfruta por misericórdia divina.

Os acontecimentos descritos, embora não sejam inusitados, valorizam a história, assemelhando-se a saborosas iguarias já conhecidas do nosso paladar, mas que nem por isso deixam de ser apetitosas. Os protagonistas conheceram momentos de euforia e sofrimentos. Semearam cardos e ceifaram aflições. Viveram situações ilusórias, deixando-se levar com relativa facilidade pelas aquisições que falam mais alto aos cinco sentidos; depois ocorreu fatalmente o reverso da medalha: despertados para os autênticos valores, conheceram as asperezas da estrada, burilando assim seus espíritos.

Souberam perseverar, logrando a vitória nas importantes pelejas encetadas, que representam nobres exemplos e normas seguras para as nossas vidas, ainda bastante atribuladas pelas situações difíceis e penosas, reflexos de atitudes e obras condenáveis cometidas por nós no pretérito. Todavia, tenhamos em mente que ninguém estará irremediavelmente perdido; quem nô-lo afirma é Jesus, Mestre dos mestres (Lucas 15:6 e 7).

Um pouco da vida de todos nós está registrado nas páginas de "CATIVOS DO PASSADO", ora vivido por um personagem ora por outro. Contudo, vale acrescentar que qualquer semelhança será tão-somente mera coincidência. Não tomamos a vida de quem quer que seja para roteiro da narrativa.

Finalizando, queremos esclarecer ainda que a elaboração deste livro contou, como não poderia deixar de ser, com a inestimável colaboração dos Benfeitores Espirituais, que nos auxiliaram através da intuição. Os acertos, portanto, são deles, a quem agradecemos o valioso apoio; as falhas obviamente são nossas, razão porque pedimos escusas.

Que Jesus nos abençoe a todos.

O Autor

1 O NASCIMENTO DE TIAGO

— Podemos entrar? — perguntou Luísa, abrindo a porta do quarto da Maternidade em que estava internada Júlia.

— Naturalmente, o prazer em recebê-las é todo meu —, adiantou Júlia, cujo rosto demonstrava a alegria que ia em sua alma sensível e boa.

— E o garoto, onde está? Queremos vê-lo. Dizem que é lindo è forte!

— Tiago está no berçário. Esse o seu nome; para um lindo menino, um lindo nome, não acham? Todas concordaram. Luísa era amiga íntima de Júlia. Estava acompanhada de duas jovens também companheiras da internada, compartilhando do seu júbilo.

— Como o Jorge recebeu o Tiago? Segundo falaram, ele aguardava uma menina, não é? — disse Laura, uma das jovens presentes, querendo brincar com Júlia.

— Jorge não cabe em si de contente, ganhou até várias apostas no serviço. À noite ele vem nos visitar, a mim e ao Tiago.

Júlia estava casada há dois anos, esperava a visita da "cegonha" ansiosamente. Tanto ela quanto Jorge eram descendentes de famílias ricas. O marido trabalhava para preencher o tempo, não tinha nenhuma necessidade disso. Moravam em uma rica mansão situada em bairro nobre da cidade. Tinham muitas propriedades, além de depósitos consideráveis aplicados em estabelecimentos financeiros da localidade.

Júlia tinha vinte e dois anos e Jorge vinte e cinco. Formavam um belo par. Ela loira, ele moreno. Tinham de tudo que pode fazer alguém feliz no casamento. Tiago vinha na hora certa coroar de alegrias aqueles corações amigos e fraternos. Uma casa sem crianças é o mesmo que um jardim sem flores. Inexiste o colorido e o perfume da vida.

Jorge é proprietário de várias empresas de transporte de cargas pesadas, trabalha somente na área administrativa. Está à testa de tudo o que ocorre sob as suas vistas vigilantes. Os funcionários ganham bem e jamais tiveram motivos para se rebelarem contra a sua correta administração, que sempre primou pela justiça.

Júlia, da mesma forma, sempre foi justa e pródiga em atenções com todos os serviços de sua casa, razão porque sempre foi estimada, muito menos como patroa e muito mais como amiga interessada em resolver os problemas de todos, desinteressadamente.

Foi nesse ambiente de felicidade que Tiago cresceu, recebendo demonstrações de amor de todos que conviviam com ele; jamais conheceu qualquer tipo de dificuldade, sempre teve as suas vontades

atendidas, apesar de muitas delas serem inconvenientes e prejudiciais. Era um garoto difícil no trato, exatamente pelo mimo excessivo que recebia dos pais, que o amavam demais.

O amor quando demasiado também traz prejuízos. Na vida tudo precisa ser comedido e partilhado. As distribuições eqüitativas de bens devem merecer nossa melhor atenção. Os valores, quando concentrados egoisticamente, produzem malefícios. Por outro lado, quando bem administrados em favor de todos, produzem a vida e a prosperidade, semelhantes a fontes de água fresca que mata a sede de viajantes cansados que seguem pelos caminhos do mundo. A água igualmente fecunda os campos, beneficiando culturas promissoras, indispensáveis à preservação da vida.

Tiago era objeto de todas as atenções, não era contrariado em nada, mesmo que suas vontades fossem absurdas, sob a alegação de que era uma criança e não sabia avaliar as coisas. Os pais eram de opinião que, com o passar dos anos, tudo tenderia a se normalizar. Afinal, era uma criança sadia e inteligente.

Frequentava boas escolas, porém nem sempre se revelava bom aluno. Aplicação apenas razoável nos estudos; era mais afeito aos divertimentos com os companheiros. Ao final de todos os anos enfrentava dificuldades para lograr a média necessária à promoção para a série seguinte. Quando perguntado a respeito, dizia:

— Os professores não gostam de mim, não sei por quê. Sou aplicado tanto quanto os outros que gozam de suas preferências e obtêm boas notas.

Ocorre que ao invés de estudar as matérias, Tiago sempre estava envolvido em brincadeiras com os amiguinhos. Estudava somente o necessário, nada mais. Os de mais colegas eram aplicados nas disciplinas escolares.

Aos dezoito anos de idade, quando completou o 2º Grau, exigiu dos pais uma moto, como presente de formatura, no que foi atendido prontamente. Os genitores não sabiam lhe dizer não! Por outro lado, Júlia não poderia ter mais filhos, suas condições físicas não permitiam outros descendentes, devido à demorada operação que sofrera. Daí o excessivo amor por Tiago, único rebento do casal. Viam nele a continuação de suas vidas. As águas que fecundam os campos, em grande quantidade aniquilam tudo, devastando as leiras promissoras. Há venenos letais que em pequenas doses são remédios salvadores.

Tiago dentro do lar não era solicitado a nada, recebia tudo, não podia pois avaliar o valor das coisas, a grandeza dos benefícios de que desfrutava. Culpa sua? Não! Culpa dos pais que, infelizmente, não sabiam educá-lo para que mais tarde tivesse sucesso na vida, quando os obstáculos da caminhada se fizessem presentes, requerendo esforços para superá-los.

Os pais devem ser amigos dos seus filhos, preparando-os para as ásperas jornadas, transmitindo-lhes os autênticos valores que não são evidentemente os materiais e, sim, o conhecimento da verdade e o hábito da prática da lei do amor.

2 GRAVE ACIDENTE

Como Tiago sempre contasse com tudo de que precisava, julgou conveniente abandonar os estudos. Afinal queria gozar a vida. Para que estudar? Seus pais eram ricos, jamais deixariam de fazer a sua vontade. Quantas vezes monologava: — A vida é boa para quem sabe aproveitá-la, principalmente quando se é jovem e saudável.

Com sua moto, acompanhado de colegas inconsequentes, corria a cidade em todas as direções, inclusive fazendo loucas corridas pelas estradas em busca de sensações inusitadas. Tudo era festa, motivo de risadas sarcásticas de quem só pensa em gozações e sandices.

Inúmeras vezes planejaram brincadeiras inconvenientes envolvendo outras pessoas, somente para se divertirem à custa alheia. Eram conhecidos como os "filhinhos de papai", sempre à procura de encrencas e depois iam embora velozes em suas motos barulhentas, infernizando a vida do próximo.

A finalidade das reencarnações na Terra é o progresso intelectual, moral e espiritual dos seres humanos. Além, naturalmente, do ressarcimento das dívidas porventura contraídas em vidas pregressas, das quais ninguém pode fugir, face à perfeitíssima lei divina que governa o Universo, na plenitude da sua grandeza. Todos os retornos à paisagem terrestre têm como objetivo a conquista de tais valores. Entretanto, após o regresso, os espíritos acabam abandonando os compromissos outrora assumidos, e são atraídos pelas facilidades de todos os matizes que o mundo oferece aos despreparados espiritualmente. As coisas terra-a-terra falam mais alto aos sentidos humanos, em virtude da inferioridade que ainda medra em cada criatura. Os legítimos valores são olvidados, quando é exatamente o contrário que deveria acontecer, até porque a verdadeira vida é sem dúvida a espiritual.

Estamos aqui na Terra para um breve estágio de aprendizado, para desfrutarmos depois de algo melhor, mais condizente com as leis eternas. Os jovens de hoje, na sua maioria, alimentam pensamentos frívolos e ilusões passageiras, deixando-se levar desprevenidos por atalhos tortuosos, difíceis de serem abandonados no futuro. Difíceis, sim; impossíveis, não!

A reencarnação representa uma nova oportunidade de recapitulação de experiências fracassadas, a qual não deve ser desprezada de modo algum, para quem quer realmente evoluir, quem quer conquistar aquisições eternas capazes de os tornar livres e felizes sem quaisquer limitações.

Infelizmente, as gloriólas do mundo acabam fazendo muitos vencedores materiais, que mais tarde irão fatalmente chorar o tempo perdido e aguardar ansiosamente nova experiência de reabilitação moral e espiritual.

Com Tiago ocorreu a mesma coisa. Demasiadamente compromissado com as leis maiores, prometeu voltar para corrigir erros, pagar dívidas, expiar crimes, além de lutar pela conquista da verdade que liberta o coração das sombras da retaguarda. Contudo, envolvido por excessivas manifestações de amor, procurou constantemente as coisas fáceis, que tanto gratificam os sentidos humanos, anestesiando a consciência, dificultando a assimilação das lições de luz.

O tempo fluía rápido. Tiago agora já contava vinte anos de idade, continuava levando a mesma vida de desatinos, em companhia dos amiguinhos inconsequentes. Até parecia que ele adivinhava o seu futuro e procurava gozar a vida o mais possível, tendo em vista os acontecimentos dolorosos que, brevemente, se abateriam sobre sua existência.

Certa manhã fez a mochila e comunicou aos pais que iria partir, fazer uma longa viagem pelo Brasil afora e que não o aguardassem, pois iria demorar. Viajaria sem destino em uma autêntica aventura, queria conhecer outras pessoas, outros hábitos.

— Não se preocupem comigo, sei o que estou fazendo. Levo comigo tudo de que preciso —, informou aos pais, beijando-os na despedida.

A moto roncou forte e lá foi Tiago demandando outras localidades. Viajou sozinho, alguns dos seus amigos não dispunham na ocasião de recursos financeiros e outros estavam presos a compromissos inadiáveis.

Viajava de dia, dormia à noite, refazendo-se, assim, das energias físicas gastas na aventura. Após uma semana de viagem, quando percorria uma estrada não muito movimentada, para evitar séria colisão com um animal que atravessava a pista, ao fazer uma manobra rápida, a moto desgovernada projetou-se num abismo. Ao chegar ao fundo do precipício, o jovem bateu violentamente com a cabeça em uma pedra, ficando desacordado. O veículo espatifou-se todo, tornando-se irrecuperável.

Permaneceu inconsciente algum tempo; depois, voltou a si, sentou-se, procurando avaliar a situação. Não se lembrava de nada, tinha o corpo dolorido e uma dor intensa na cabeça. Levantou-se a muito custo, estava atordoado, procurou andar, as pernas se moviam com dificuldade, mesmo assim reunindo forças começou a sair do local a fim de ganhar uma estrada e pedir auxílio. Após esforços inauditos, caindo e levantando-se muitas vezes, encontrou um atalho; já era alguma coisa. Do atalho chegou a uma estrada de terra batida, andou mais, talvez algumas horas, logrando enfim uma rodovia asfaltada, porém de pouco movimento, mas já era uma conquista.

Sentou-se à margem da estrada, no sentido de reunir energias físicas e depois pedir socorro a quem passasse por aquele caminho quase deserto. Estava tudo estranho para ele, não sabia dizer para onde ia nem de onde vinha. A cabeça estava dolorida e sentia tremores no corpo. A quem pedir socorro? Tudo era dor e solidão; sentia-se desfalecer.

3 LENA, O AUXÍLIO PROVIDENCIAL

— Moço... moço... você está doente? O que lhe aconteceu? — perguntou a andarilha.

— Estou ferido, não sei o que ocorreu comigo. . . bati com a cabeça em algo muito duro — respondeu, erguendo a cabeça para identificar quem estava lhe falando.

— Qual o seu nome? O meu é Lena, moro nestas imediações.

— O meu eu não sei; depois do que me aconteceu, esqueci tudo. O passado para mim não existe. Não sei de onde venho nem para onde vou. A minha cabeça está vazia!

A moça com certa dose de humor e acreditando naquilo que o jovem dizia, comentou:

— Enquanto você não se lembrar do seu verdadeiro nome, vou chamá-lo de João, está bem?

— Pode ser. No momento preciso apenas de socorro, tenho fortes dores na cabeça.

Lena olhou o ferimento, havia um grande edema. Socorro por perto não havia e era urgente fazer alguma coisa.

— Moro em uma cabana lá em cima, debaixo daquela árvore frondosa —, falou Lena apontando a direção com o indicador da mão direita.

João olhou, era difícil chegar lá em cima, mas precisava ir de qualquer jeito. Reunindo forças, amparado em Lena, foi subindo devagarinho até chegar à porta da moradia.

— Este barraco eu já o encontrei pronto. Quem morava aqui se mandou, deixando inclusive algumas roupas que devem servir em você — esclareceu Lena, fazendo João entrar.

A pobreza sem dúvida morava ali, não havia nada, apenas alguns pertences dela, uma esteira em péssimas condições, algumas panelas, roupas sujas nos cantos. Sobre uma cadeira um recipiente com água.

— Deite-se nesta esteira. Vou aquecer um pouco de água e fazer um curativo no ferimento.

João deitou-se, estava exausto e febril. Lena limpou a ferida, aqueceu alguns panos na água e colocou-os sobre a cabeça de João. Fez em seguida um chá com algumas ervas do campo e deu de beber ao rapaz. João esteve uma semana entre a vida e a morte, a febre não cedia, delirava o tempo todo. Lena continuava aplicando panos embebidos em água quente no ferimento e dava de beber o chá preparado por ela.

João, a cada dia que passava, ficava mais debilitado. O estado de saúde do rapaz era delicado, sem qualquer alteração. Após uma semana de trabalhos exaustivos em prol de seu reequilíbrio, João deu sinal de que ia se recuperar. A febre cedeu, as dores diminuíram bastante, o apetite voltou.

— Bom sinal! — disse Lena contente. Vencemos a parada, agora é só recuperar as energias físicas, enquanto isso o restinho da dor desaparecerá... Graças a Deus!

Com o passar dos dias a amizade entre os dois foi se firmando cada vez mais. Entre eles havia muitos pontos em comum. Certa vez, João perguntou:

— Lena, onde você consegue o necessário para sobreviver? É bem verdade que a vida aqui é bem simples, porém sempre é preciso alguma coisa.

— Sem dúvida... A água, por exemplo, não está longe, é só descer e atravessar a estrada, ganhar um atalhozinho e depois de andar uns cinco metros temos uma biquinha de água fresca e pura. Quem fez o barraco conhecia bem este local e demonstrou inteligência. Veja bem, o barraco fica aqui em cima, lugar de difícil acesso e protegido pela árvore. — Lena fez uma pequena pausa, depois retomando a palavra, continuou:

— Toda vez que eu desço para apanhar água, paro na estrada e peço auxílio a quem passa. São poucos os automóveis, a estrada quase não é transitada, contudo eles sempre param e as pessoas me ajudam com alguma coisa. O meu aspecto não inspira suspeita. O que poderá fazer uma pobre mulher maltrapilha neste lugar ermo? Dessa forma consigo algum alimento, roupas e calçados usados. É só o que preciso.

— Mas sempre se tem necessidade de outras pequenas coisas, como por exemplo: fósforos, alguns remédios. ..

— Quando isso ocorre — interrompeu Lena —, vou a um vilarejo perto daqui; fica a uns cinco quilômetros. O caminho é do outro lado do barraco, tomo todo cuidado possível para não ser vista destes lados, não quero ser incomodada por ninguém. Vou ao vilarejo, como eu disse, e peço esmolas

na pracinha e na escada de entrada da igreja. Com o pouco que consigo compro o de que necessito e volto para cá.

— Você já está aqui há muito tempo? — perguntou João.

— Quanto tempo, não sei, talvez um ano. Quando cheguei, aquela paineira estava florida e agora também está, daí a minha conclusão de que já se passaram doze meses. Essa tem sido a minha vida. Sem responsabilidades e compromissos, longe de tudo e de todos.

Lena baixou a cabeça e dos seus olhos caíram duas lágrimas. João respeitou o seu silêncio. Aquela mulher desconhecida despertava o seu carinho. As suas palavras repassadas de tristeza tocaram fundo as fibras mais íntimas de sua alma sofrida.

Lena tinha presumivelmente a mesma idade que ele, contudo demonstrava ter vivido muito mais, amalhado experiências dolorosa ao longo de sua existência. Nesta altura de suas meditações, João pensou: — Gostaria de conhecer o passado dessa pobre e ignorada mulher.

4 SONHOS E FRACASSOS

No dia seguinte, bem cedo, Lena foi para a estrada, como fazia habitualmente, com o objetivo de conseguir algum recurso e buscar água fresca da bica. Dos poucos carros que passaram, apenas dois pararam; seus ocupantes deram algum dinheiro, nada mais. Era preciso ir à vila próxima para providenciar o que comer. O dinheiro não era muito, mas sempre daria para adquirir algum alimento.

A tarde Lena foi à vila, acompanhada de João, que apresentava acentuada melhora. O ferimento não doía mais, persistindo apenas uma leve pressão na cabeça, o inchaço estava cedendo. No vilarejo porém era preciso que cada um seguisse caminho diferente, para não serem vistos juntos, o que dificultaria a obtenção de esmolas. Ao final do dia ambos voltariam juntos para o barraco com os vívres necessários.

João passou grande parte da tarde sentado em um dos bancos do jardimzinho, enquanto Lena fazia a coleta dos auxílios que o povo já estava habituado a lhe dar. Ela era bem conhecida na localidade e as pessoas a estimavam por sua humildade; apesar das condições de penúria, muitas até indagavam:

— Lena, há muitos dias você não aparece! Por quê? Esteve doente? — Ou então, brincando, diziam: — Está ficando rica, não precisa mais da gente?

Lena sorria, gostava daquela gente compreensiva e boa. Ao final do dia compraram o que precisavam e voltaram em seguida para o barraco. Durante o percurso João encontrou na calçada, embaixo de uma janela, dois livros; apanhou-os e levou-os para casa. Não poderia avaliar o valor das obras, pois não sabia ler (tinha esquecido, devido à amnésia que sofrerá, profunda e anterógrada), porém um livro quase sempre é um bom amigo, disposto a oferecer algum esclarecimento sem exigir nada em troca. Guardaram em casa o pouco que trouxeram. Lena fez chá que ambos tomaram, acompanhado com um pedaço de pão adormecido. Após se refazerem do cansaço, João procurou diálogo, perguntando:

— Lena, gostaria de saber alguma coisa de sua vida. Eu, infelizmente, nada posso lhe dizer da minha; é como se a minha vida tivesse começado no dia em que você me encontrou ferido à margem da estrada.

— A minha vida não tem nada de bom e de singular que possa lhe interessar. Sou filha de família de classe média, não rica, mas aquinhoada com tudo que se possa imaginar para se viver folgadoamente, sem problemas de ordem financeira. Eu sempre fui uma menina difícil, procurava os meus direitos esquecida dos deveres que me competiam, reclamava demais, para mim tudo estava errado, o certo mesmo era como eu pensava e exigia. Meus pais, coitados, se viam em "palpos de aranha" para me atenderem. Era reclamação em cima de reclamação.

Lena fez uma pequena pausa, para poder recordar os principais lances de sua vida e narrá-los, atendendo assim ao desejo de João. Depois, retomando a palavra continuou:

— Aos dezoito anos de idade, não aguentava mais a vida no convívio do lar. Arranjei um companheiro, tinha quarenta anos, homem já bastante vivido e experimentado, que desejava antes de mais nada descansar. Afinal saí de casa para ganhar a liberdade e não para viver em cativeiro. Diante disso discutíamos muito, de modo algum meus pontos de vista se ajustavam com os dele. Aquilo não era vida! A cada desentendimento a distância entre nós aumentava mais. Você sabe, não é, João? "Duro com duro não faz bom muro", diz a sabedoria popular. Após alguns meses cientifiquei-o de que ia deixá-lo, tencionava mudar de cidade e viver outra vida. Ele respondeu-me: — Pense bem; saindo, não volta mais. Não tenho duas caras, comigo não tem reconciliação!

— Lena, você não mais voltou a encontrá-lo?

— Não. A minha vida tomou rumos diferentes. Abandonando o compromisso familiar, saí da cidade, fui para outra localidade em busca de caminhos novos. João, aí é que eu comecei a sentir a dureza da vida. Avalie só: sem nada, somente com a roupa do corpo, sem amigos, sem apoio. Como eu era bonita, não faltaram convites aviltantes. A princípio recusei todos veementemente, tal situação me causava repulsa e (por que não dizer?) nojo! O que não faltavam eram homens desumanos, interessados em gozos puramente materiais e satisfação de suas paixões, mesmo que tudo isso causasse dano a seus semelhantes. — Lena fez pequena pausa, depois prosseguiu:

— Minha resistência foi pequena, porque a necessidade era grande. Cedi aos convites. Prostituí-me. A partir daí tinha todas as minhas carências atendidas, vivia folga-damente, sem preocupações materiais, mas de consciência enegrecida. Havia violentado meu corpo, maculara-o. Minha alma estava enojada com aquilo que era forçada a fazer para sobreviver.

— É, Lena, não foi fácil. Imagino o seu sofrimento. . .

— O homem com quem eu convivi alguns meses era um animal! Procurou inclusive fazer comércio com meu corpo, fazer de mim um meio-de-vida. Aquilo foi a gota d'água. Fugi mais uma vez, desorientada e infeliz, quase enlouquecida. Isolei-me das cidades, ganhei as estradas e comecei a viver como você já sabe, sem destino.

— Lena, quantos anos faz que você está nesta vida? — perguntou João.

— Não sei dizer, desconheço o calendário do mundo. Tenho a impressão de que estou neste sofrimento há dois anos aproximadamente, mas é bem melhor que estar sendo explorada por cafajestes da última espécie.

5 A MENSAGEM DE LENA

— Lena, se os anos pudessem voltar e você estivesse agora com os seus pais, qual seria o seu comportamento face à experiência conquistada? — inquiriu João.

— Jamais faria o que fiz. A grande maioria dos filhos que vivem insatisfeitos com os pais estão totalmente errados. Despreparados para a vida, pensam que sabem tudo, que são donos da verdade, que os genitores, coitados, são uns "quadrados", quando a coisa é bem diferente. Os pais são sempre os melhores amigos dos filhos, sempre dispostos a oferecer tudo em troca de nada. Dão carinho, compreensão, afeto, amor.. . e o que recebem? ... só ingratidão!

— Eu não conheço seu passado, mas mesmo assim afirmo que meu comportamento não deve ter sido diferente desse que você apontou, do contrário eu não estaria aqui, carpindo a minha dor. A única coisa boa que me aconteceu, foi conhecê-la. Eu lhe devo a vida, não fossem os seus cuidados fraternos e eu teria de há muito tempo desaparecido de vez, sem deixar vestígios.

— Não lamente, afinal estamos vivos, isso é o que importa. Ainda seremos felizes, alguma coisa me diz no fundo do meu coração que esta fase difícil será vencida. Sou bastante otimista, não me pergunte o porquê, eu não saberia dizê-lo, mas confio no meu destino, é tudo!

João e Lena dialogavam muito. A amizade entre os dois se estreitava cada vez mais. Um era o apoio do outro. Eles se completavam como dois irmãos que se estimam verdadeiramente.

— Os jovens de hoje que pensam muito bem antes de abandonarem suas casas, deixando seus pais desesperados e muitas vezes enlouquecidos. Toda sementeira de maldades irá produzir sofrimentos um dia, cedo ou tarde, como atualmente acontece comigo. Estou sinceramente arrependida, não volto para a casa dos meus pais porque tenho medo das notícias que poderão me dar. Quando deixei o lar, eles estavam doentes, agora portanto não será novidade alguma se souber de suas mortes, o que para mim será uma punição das maiores.

Assim, procuro desconhecer o que poderá ter acontecido a partir daquela malfadada data em que tomando uma iniciativa das mais condenáveis, abandonei-os para sempre, entregando-os à própria sorte.

Lena parou de falar por um momento. Limpou duas lágrimas que teimavam em cair dos seus olhos, depois recobrando ânimo, aduziu:

— É, João, tenho sofrido muito, mas de modo algum reclamo. A minha vida é consequência natural de minha imaturidade e rebeldia. Como compliquei a minha existência! Há remotíssima possibilidade de me reabilitar aos olhos da sociedade. Perante Deus, penso que sim. Para mim, Ele é Pai de amor e de modo algum repele seus filhos, desde que estes sejam sinceros e arrependidos. Eu tenho uma concepção diferente de Deus, da conhecida pelo mundo, daí a razão da minha tranquilidade. Jamais roubei ou cometi outra qualquer coisa passível de pena, exceto, naturalmente, a falta com meus pais. Prostituí-me, sim, porém por absoluta necessidade. Hoje, contudo, sinto que meu corpo não está mais sujo e sei também que meu espírito nunca esteve enodado com as imundícies dos homens. Essa é a verdade. Eu sei que para Deus eu estou limpa, isso é o que conta, nada mais!

João, aproveitando o ensejo, mudando de assunto, perguntou:

— Lena, você me ensina a ler?

— Eu não gosto de ler, sei muito pouco, mas ensino a você o que sei. Vá amanhã à vila e compre lápis e caderno. Os livros nós já temos, aqueles que você encontrou na calçada. A letra é miúda, mas nós, felizmente, enxergamos bem, não é?

No dia seguinte João foi à cidade e comprou o necessário para começar a aprender a ler. Lena mostrava-se muito interessada em ensiná-lo e, com a boa vontade do amigo, até que não foi nada difícil. Decorridos alguns meses e em virtude do interesse que tinha em aprender a ler, João finalmente logrou seu intento. No início de maneira vacilante, sem entender o que lia, pois não observava bem as pontuações, depois tudo foi ficando mais fácil, até porque o interesse pela leitura ia aumentando progressivamente. As lições dos livros prendiam sua mente, devido às verdades que encerravam.

— Lena, que ensinamentos maravilhosos têm esses livros. Como é que alguém teve a coragem de jogá-los fora? É um tesouro de incalculável valor! Ainda hoje eu estava pensando, como os homens não sabem o que querem, jogam as coisas boas fora e guardam as que não servem para nada. Posso até apostar que quem os jogou, tem muita coisa inservível em casa, que não tem valor algum, enquanto estes livros com as lições de luz que encerram foram atirados sem piedade à rua!

— Você está sendo ingrato. Já pensou um pouco, se a pessoa que se livrou deles não o tivesse feito, você hoje teria a alegria de estar folheando suas belas páginas?

— Lena, é isso mesmo! Graças a Deus que eles tiveram o destino da calçada. Olha só como as coisas têm vários ângulos, o que foi bom para esse amigo desconhecido, dispensando-os, também foi bom para mim. Se ele egoisticamente os guardasse, eu não os teria agora em meu poder.

Os Benfeitores Espirituais sempre nos ajudam através de mil maneiras: um diálogo com um amigo, um sonho, um livro, etc.

A verdade é que não existe o acaso. Sejamos, pois, inteligentes acolhendo os avisos espirituais com amor e seguindo-os com fidelidade e perseverança.

O caro leitor a esta altura já deve estar curioso, desejando saber os títulos dos livros, pois não:

O Evangelho Segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos, ambos de Allan Kardec.

6 O "SEAREIROS DO CAMINHO"

Neste intervalo, em sua residência Jorge e Júlia estavam desesperados com o desaparecimento de Tiago, pois já se passara um ano sem terem qualquer notícia sua. A princípio a confiança dominava os corações. Tiago era dado a essas demonstrações de desapego à família. Apreciava ficar na companhia de amigos longe de casa, em aventuras perigosas percorrendo as estradas com sua moto.

Após alguns meses da sua partida, sem notícias, os pais levaram o caso ao conhecimento das autoridades policiais, que se colocaram a campo para as necessárias averiguações, sem contudo lograr qualquer resultado positivo. Assim, as investigações não foram encerradas, porém suspensas,

tendo em vista o pequeno efetivo policial. O delegado encarregado do caso conversando com Jorge, lhe disse:

— Vamos aguardar algum acontecimento novo para reiniciarmos as investigações. Qualquer notícia a respeito informe-nos, por favor, com brevidade.

— Sem dúvida. Gratos pela atenção — concluiu Jorge.

As coisas estavam nesse pé. Tiago havia desaparecido de vez, sem deixar vestígios. A família ficara em pranto, curtindo a sua ausência, alimentando a esperança de vê-lo entrar pela porta a qualquer momento, são e salvo, para alegria de todos.

No sentido de dirimir qualquer dúvida, convém deixar claro que Jorge e Júlia, em existência passada, foram os responsáveis diretos pelo afastamento de um jovem do seu lar, deixando igualmente seus pais em pranto por longo tempo. Agora a Lei de Causa e Efeito ou de Ação e Reação, cumpria-se integralmente, comprovando a sabedoria e a justiça divinas. Jesus sobre o assunto afirmou: "... a cada um segundo as suas obras." (Mateus 16:27).

O casal, vendo frustradas suas esperanças de rever o filho querido, não tinha mais alegria em se divertir com os parentes e amigos em reuniões sociais. A alegria outrora reinante em seus corações dera lugar à dura tristeza e com ela a velhice precoce não se fez esperar. Os cabelos encaneceram, as rugas surgiram para espanto de muitos, pois sabiam que tanto Jorge quanto Júlia não eram velhos.

Os momentos de amargura que tanto fazem as pessoas sofrer, afastam-nas das coisas do mundo e as aproximam das coisas de Deus. Foi isso realmente o que aconteceu com os pais de Tiago. Afeiçãoaram-se às verdades cristãs, foram em busca de outros recursos, ou seja, da verdadeira fonte da vida. Deixaram os princípios tacanhos e obsoletos das religiões tradicionalistas. De início um tanto desorientados, depois aceitando a opinião de autênticos amigos e sob a orientação de Mentores Espirituais, que jamais se omitem nessas ocasiões, chegaram, consumidos pela amargura, ao Centro Espírita "Seareiros do Caminho".

O "Seareiros do Caminho" acolhia a todos com muita fraternidade e calor humano, procurando atender as pessoas nas suas reais necessidades. O presidente, irmão Teófilo, dizia sempre que a religião de Jesus era a do amor incondicional e desinteressado, que deveria residir nos corações humanos, criando o Reino de Deus entre os seres humanos, para libertação e felicidade de todos.

As palavras do irmão Teófilo eram convincentes e lógicas, respondendo às perguntas que lhe eram feitas, sem deixar qualquer dúvida. Estavam perfeitamente sintonizadas com as lições do Cristo e os princípios espíritas.

Os genitores de Tiago, logo de início, sentiram-se bem. O acolhimento cristão despertara em seus corações o respeito, a confiança e o interesse de se inteirarem de todo movimento espírita. Começaram a ler as obras da Codificação e a frequentar palestras doutrinárias. À medida que o tempo foi passando, mais e mais matavam a sede de conhecimento e consolo. Inteligentes como eram, logo perceberam a grandeza dos ensinamentos do Espiritismo que resistiam com firmeza aos ataques gratuitos das demais correntes religiosas, oferecendo sempre os mais legítimos argumentos a favor da verdade que liberta de vez.

De frequentadores passaram a ativos cooperadores das atividades do "Seareiros do Caminho", colocando-se na linha de frente de todo movimento que viesse beneficiar os desalentados e sofredores

daquelas paragens. Sentiam-se felizes atendendo aos aflitos, procurando minimizar suas dores e feridas ou então curando-as, quando permitido por Deus.

A compreensão dos conceitos da Lei divina foi dissipando a tristeza de suas almas doridas, em seu lugar surgiu a floração de novas esperanças, agora fundamentadas na legítima fé, aquela capaz de "transportar montanhas", (Mateus 17:20). Não montanhas de pedra e terra, porém montanhas de imperfeições e mazelas seculares que ainda vicejam nos corações humanos.

Alguma coisa no íntimo dos dois dizia que Tiago estava vivo e que um dia estaria de volta ao lar, para alegria deles.

Saberiam esperar, trabalhando em benefício dos necessitados e aflitos que recorriam ao "Seareiros do Caminho".

O apóstolo Pedro foi bastante sábio quando asseverou: "... a Caridade cobrirá a multidão de pecados" (1 Pedro 4:8).

7 ACONTECIMENTOS INESPERADOS

João estava morando no barraco com Lena há dois' anos, sem qualquer novidade, tudo era rotina. Os dois gostavam de dialogar sobre os acontecimentos inusitados que marcaram suas vidas. Agora suas mentes já admitiam a grandeza incontestável de Deus, através dos seus infinitos atributos de Sabedoria, Misericórdia e Justiça.

O Evangelho Segundo o Espiritismo era diariamente'. compulsado, para júbilo e amadurecimento espiritual dos dois, que encontraram finalmente o caminho, a verdade e a vida, nas suas lições de luz eterna.

Certo dia, logo pela manhã, João disse a Lena:

— Já estou cansado desta vida... Tenho necessidade de procurar outras motivações para viver e ao mesmo tempo, concretizar os meus ideais. Jamais pensei em ficar parado, estagnado. Preciso de atividades que atendam aos meus desejos de progresso e libertação.

— Eu também penso da mesma maneira, alimento idênticos desejos. A vida que estamos vivendo não soluciona os nossos reais problemas. É muito monótona e insípida, sem atividades construtivas.

— Se você pensa como eu — disse João —, prepare as coisas, amanhã bem cedo abandonaremos este cenário em busca de um novo destino. Não podemos permanecer por mais tempo isolados da comunidade.

No dia imediato, cumprindo o combinado, puseram-se na estrada, levando somente os seus pertences, o que haviam encontrado no barraco quando chegaram ficou naturalmente à disposição de mais alguém que estivesse perdido naquelas paragens, necessitando daquela moradia. O dia estava maravilhoso. Céu azul... muito sol! Leve brisa beijava suas faces, acariciando-as, como que parabenizando-os pela acertada deliberação da véspera. Depois de percorrerem alguns quilômetros

encontraram uma camioneta parada no acostamento. Seus ocupantes interromperam a viagem para tomar um lanche. O veículo estava lotado de víveres que se destinavam a uma fazenda distante.

— Onde vocês vão? — perguntou um dos homens do grupo.

— Tão perdido?

— Perdidos não é bem o termo. Estamos procurando uma cidade que possa nos acolher.

Desejamos trabalhar e viver honestamente — respondeu João.

— Vocês não têm parente e amigo? São casados?

— Infelizmente estamos sozinhos no mundo. Somos apenas bons amigos. Juntamos as nossas tristezas e ao invés delas aumentarem, diminuíram sensivelmente — filosofou João.

O grupo era composto de três homens que se afastaram uns passos, a fim de conversarem em voz baixa para que João e Lena não ouvissem o que pretendiam combinar

— São dois moço forte, sem ninguém por eles e tão percurando trabaio, parece que "o mer caiu na sopa". O patrão percisa de mais braço na fazenda, pro trabaio. O que ôceis acha?

— Prefeito. Vamo leva os moço prá lá. O patrão vai ficá contente com o nosso servicinho.

O outro companheiro fez sinal afirmativo com a cabeça. Estavam os três de acordo. Depois, aproximando-se de João e Lena, comunicaram:

— Sabemo de um lugá onde ôceis vão encontra o que deseja. Nós levaremo ôceis até lá. É só subi no caminhão.

— Deus está ao nosso lado, ajudando-nos a solucionar os problemas que até então se apresentavam difíceis — disse João a Lena, sorrindo.

Em seguida todos se acomodaram no veículo. João e Lena em cima, na carroceria. Os três homens, mensalmente, iam à cidade mais próxima comprar alimentos e outras utilidades indispensáveis à propriedade rural.

Rodaram por dezenas de quilômetros, por fim entraram em uma estrada de terra batida, único caminho para a fazenda. Após mais uma hora de viagem, se tanto, chegaram na fazenda. Todos desceram, inclusive os dois caronas. João foi logo observando que aquele lugar não era o que eles ansiavam. Os trabalhadores da "Alvorada" apresentavam-se tristes e até desnutridos, dando a impressão de que eram tratados desumanamente.

— Há um equívoco, não é bem esse o lugar que desejamos. Os senhores nos ensinam o caminho de volta e nós iremos em seguida. Agradecemos o atendimento que nos deram — falou João, olhando para Lena, que se mostrava medrosa.

— Vocês tão enganado, é aqui que vão ficá. Terão comida e trabaio. O patrão não gosta de gente de cabeça dura. Joana, mostre a esses moço os seus quarto, aqueles perto da casa grande, não sabemo do que pode fazê.

Joana adiantou-se. Mulata forte com cara de poucos amigos. Sem dizer palavra, fez sinal com as mãos para que os dois a seguissem. Andando depressa, contornou a casa grande e foi em direção a dois quartos desocupados.

— Chegamo, nada de desobediência. Não aborreça o patrão. É homem brabo e não perdoa ninguém. No caso de fugi, o capatais prende com facilidade. A fazenda tá longe da estrada.

— Então seremos tratados como escravos? — inquiriu João.

— É isso aí moço, até que o patrão resorva o contrário — respondeu Joana, sempre com a cara fechada.

8 EXPERIÊNCIAS DOLOROSAS

Depois de alojados nos cômodos fétidos, foram levados à presença do fazendeiro, senhor Jerônimo. Ali também estavam os três ocupantes da camioneta, serviçais de confiança do patrão, que cumpriam fielmente as ordens absurdas que recebiam, mediante pagamento compensador.

— Digam os nomes — inquiriu o fazendeiro.

— João.

— Lena.

— É verdade que vocês não têm família.

— É sim — respondeu João, timidamente.

O fazendeiro olhou João e Lena fixamente, depois dirigindo-se aos três capangas, disse:

— Pelo excelente trabalho que fizeram, dobrarei seus ordenados este mês. Continuem assim e saberei como recompensá-los. Sempre que se oferecerem oportunidades como esta, saibam tomar as providências acertadas e não se arrependarão.

— Cumprimo nosso dever — respondeu respeitoso o mais truculento dos três, o que atendia pelo nome de Tonho.

— Tonho, estão dispensados. Dê ao João serviços próximos da casa. Joana, leve Lena para a cozinha, lá tem muita coisa para ser feita. Vigie os seus passos, não admito rebeldias. Sei ser generoso e também enérgico quando necessário. Todos ao trabalho. . . nada de corpo mole...

Chicão, o capataz da fazenda, era indivíduo que gozava da inteira confiança do patrão. Não titubeava em castigar cruelmente quem quer que fosse para cumprir as ordens do fazendeiro. Quando precisava punir alguém ia sempre além das determinações recebidas. Chicão tinha prazer em aplicar chicotadas nos infelizes que caíam em suas mãos.

Na tarde daquele dia, João e Lena receberam a primeira refeição: uma cuia com duas conchadas de mingau e um pedaço de pão escuro, feito há alguns dias. Não reclamaram, mesmo porque convinha primeiro verificar como iam ficar as coisas. Lena na cozinha era melhor tratada, pois cuidava exatamente da comida dos empregados e da limpeza. João recebia duas refeições por dia, ou seja, no almoço e no jantar; sendo permitido receber chá pela manhã, acompanhado de um pedaço do mesmo pão.

O trabalho era dos mais exaustivos, de sol a sol. Ninguém poderia parar antes, a não ser por motivos de doença, assim mesmo permanecendo poucos dias longe das culturas e dos tratos com os animais. Para isso, Jerônimo contava com a fidelidade do seu capataz, homem de punhos de ferro, dado a violências inacreditáveis.

As semanas foram passando. João dificilmente conversava com Lena e quando isso ocorria era apenas por alguns minutos, nada mais. Cada um tinha as suas tarefas distintas em áreas bem

diferentes. Moravam bem próximo, porém à noite seus corpos cansados exigiam repouso para poder executar os serviços do dia seguinte, obedecendo sempre a mesma rotina.

Os empregados ganhavam pouco e trabalhavam muito. Aqueles que tinham família, deixavam com o patrão o pouco que ganhavam em troca de um pouco mais de comida. Jerônimo exercia severa vigilância sobre tudo e sobre todos através do capataz, que tinha a seu turno três elementos prestativos: os ocupantes da camioneta daquele malfadado dia.

O fazendeiro tinha dois filhos moços: Carlos, com vinte e quatro anos de idade, que se formara contabilista em cidade próxima e atualmente cuidava dos apontamentos de tudo o que ocorria na propriedade, para conhecimento e providências do pai, e Izaura, de vinte anos, uma flor, o encanto de todos, boa e prendada, formara-se professora na mesma época do irmão.

Dona Cândida, esposa de Jerônimo, não se imiscuía nos labores do marido; contudo, em casa quem dava as ordens era ela, disso não abria mão. Era enérgica e vigilante com tudo que acontecia na casa grande. Distribuía as atividades com equidade, dando aos mais fortes os trabalhos mais rudes e aos fracos as atividades menos pesadas. Conquanto concordasse com o método usado pelo marido no sentido de coibir abusos, sempre que podia favorecia aos seus serviçais com pequeninos favores. Todos a respeitavam e a estimavam pelas suas atitudes justiceiras.

Izaura cuidava de pequenos serviços e confeccionava as peças do seu enxoval. Moça bonita, de fino trato. Jerônimo amava os dois filhos. Eram seus herdeiros, continuadores de sua casa, merecedores do seu melhor afeto.

Cabe aqui registrar a ambição desmedida do capataz.

Chicão amava Izaura. Esperava tê-la um dia como esposa. A moça desconhecia esse amor; pelo contrário, temia-o pela violência com que tratava seus subalternos, quando estes cometiam pequenos deslizos e justificadas omissões. Pensava o capataz que casando-se com Izaura seria também dono da propriedade e na morte de Carlos, tudo passaria às suas mãos sero obstáculos e dificuldades.

Izaura por sua vez tinha afeição por João, que sempre se mostrava cumpridor dos seus mínimos deveres e revelava comportamento dos mais dignos à frente dos serviços do dia-a-dia. Apesar de levar vida das mais desditosas, João jamais deixava transparecer qualquer mágoa; pelo contrário, alimentava otimismo com relação aos fatos futuros.

Chicão não via João com bons olhos. Na sua pequenez hedionda, sentia em João um sério rival às suas descabidas pretensões, passando então a maquinar alguma coisa que pudesse afastá-lo do seu caminho. João tinha em Izaura apenas uma amiga, nada mais, mas o cérebro doentio do capataz adivinhava coisas que não existiam, como sói acontecer com as criaturas maldosas, que se deixam dominar pelo egoísmo e pelo orgulho.

Os acontecimentos seguiam o seu curso normal em obediência à sábia e justa lei divina.

9 O PEDIDO DE LENA

Dona Cândida gostava muito de Lena, com mais de seis meses de serviço na fazenda, por seu comportamento nobre, dando cumprimento às suas tarefas com jeito e amor. Jamais a vira parada, sempre se movimentando em providências necessárias. Lena que não era nada boba e sim esperta, procurava ganhar a confiança da patroa, com a intenção de ver também as suas vontades atendidas. Assim que Lena percebeu que dona Cândida estava mais acessível, encorajando-se, pediu:

— Dona Cândida, a senhora sabe do meu carinho por tudo isto. A sua família agora é também a minha família. Só posso agradecer a acolhida fraterna que tenho recebido — não era isso, porém não podia no momento dizer o contrário. — Gostaria de lhe pedir um favor muito especial...

— Quantos rodeios, diga logo o que você deseja; se eu puder, atendê-la-ei com prazer. Sinto que você é minha amiga, pelo seu correto procedimento aqui na fazenda — respondeu dona Cândida.

— É o seguinte: Eu e o João somos bons amigos, nada mais. Assim eu gostaria que me fosse permitido visitá-lo todas as noites, apenas por uns trinta minutos...

— O seu pedido é bastante estranho. Vocês são empregados da fazenda, sujeitos às mesmas disciplinas — acrescentou dona Cândida.

— Concordo com a senhora. Entretanto, é só para um breve diálogo e uma prece. Estávamos habituados a fazer orações juntos. Estou sentindo falta dessa prática...

— Já sei... já sei... Vou conversar com o meu marido, porque ele também precisa estar de acordo. Não faço nada às escondidas, é por isso que mereço sua total confiança. Todavia, pode ficar sabendo desde já que vou advogar a sua causa.

— Obrigada, saberei ser grata por sua bondade — concluiu Lena, satisfeita.

João desconhecia a pretensão de Lena e ficaria imensamente feliz se disso soubesse. Naquele mesmo dia dona Cândida inteirou o marido do pedido feito por Lena; este, como notou o interesse da esposa em atender, não se opôs.

— Concedido; porém na primeira desobediência tudo voltará à estaca zero. A visita não deverá ultrapassar a meia hora, desde que não prejudique de modo algum as atividades da casa. Enquanto forem merecedores da concessão, tudo bem.

Quando à noite Lena foi procurar João e o inteirou do sucedido, este exultou de contentamento. A partir desse momento procuraram sempre usufruir os melhores resultados na breve convivência. Liam as páginas de luz de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e faziam rápidos comentários, depois oravam fervorosamente rogando a Jesus forças para os companheiros de experiências desditosas. Os Mentores espirituais fizeram de suas humildes moradias redutos de amor sublimados. Incontáveis criaturas receberam medicamentos espirituais adequados aos seus males sem mesmo terem conhecimento das rogativas feitas em favor delas. O pensamento aliado ao sentimento, quando nobres, edificam verdadeiras maravilhas. As dádivas do céu, à maneira de flocos luminosos, desciam sobre os infelizes revigorando suas forças físicas e mentais.

— Quanta coisa bonita encerra o Evangelho de Jesus. No dia em que a Humanidade descobrir essa fonte viva de amor, capaz de mitigar os males, então seremos felizes, embora comprometidos e endividados, sujeitos a pagamentos dos débitos, tendo como companheiras inseparáveis a dor e a lágrima regeneradoras — finalizou João, após a leitura da mensagem da noite. Lena estava plenamente de acordo com o comentário do companheiro de árduas e dolorosas experiências.

Assim, os momentos de estudo, de meditação e de orações aconteciam todas as noites, após o encerramento das atividades diárias, bastante exaustivas. Os jovens recebiam à noite, por ocasião das preces, os recursos espirituais indispensáveis para poder suportar as vicissitudes do dia-a-dia, porque o trabalho quando excede às nossas forças representa um castigo, exaurindo as energias físicas e motivando revoltas com o tratamento desumano. É bem verdade que esse não era o caso de João e Lena, que sempre se mostraram dispostos ao trabalho e resignados com o sofrimento.

Acresce notar que quem sofre resignadamente, sofre menos; quem sofre revoltado, sofre mais. A intensidade da dor está ligada à maneira de como é recebida. Nesse particular as lições evangélicas representam adequado remédio, minimizando e curando, primeiramente as chagas da alma e depois as do corpo, através da paciência, da compreensão e da fé, na certeza de que após as noites escuras de dores há sempre uma nova alvorada, com renovadas perspectivas de vida.

João e Lena já estavam na "Alvorada" há mais de ano. Estavam habituados à rotina, pouca coisa fugia à programação diária. O sofrimento era uma constante em todas as almas. Trabalho exaustivo quase sem remuneração, pouco alimento, ambiente de desconfianças e punições desumanas.

Chicão espreitava João como um animal espreita a presa para o bote final. O que lhe dava um pouco de tranquilidade era o fato de Lena visitar diariamente João, indicando quem sabe um possível romance entre os dois. Chicão não queria intervir no caso para não desgostar dona Cândida. Precisava da sua simpatia na concretização dos seus planos, isto é, casar-se com Izaura, a quem amava perdidamente. A moça, contudo, continuava ignorando a doentia paixão do capataz.

Nuvens pesadas de sofrimento pairavam na atmosfera espiritual daqueles cenários. Resgates de dívidas antigas estavam na iminência de serem realizados.

10 EXPECTATIVAS SOMBRIAS

— Leôncio, venha cá! — chamou ríspidamente Chicão.
— Pronto — atendeu o subordinado respeitosamente.
— Quero que você me faça um servicinho especial. Ninguém precisa saber. Como capataz da fazenda tenho que tomar certas precauções que fazem parte das minhas obrigações.

— Pode falá, tô às suas ordens — respondeu Leôncio.
— Não sei se o João e a Lena estão tramando alguma coisa contra todos nós. A verdade é que eles ficam juntos por algum tempo todas as noites. Nós não sabemos o que fazem. Desconfio de tudo e de todos. Sou empregado fiel ao patrão.

Fez uma pequena pausa, como a se certificar se todos os detalhes do seu plano estavam certos, depois continuou:

— Leôncio, amanhã quando o João e a Lena estiverem trabalhando, portanto ausentes dos seus quartos, eu quero que você vistorie com cuidado os dois cômodos, tudo que encontrar de suspeito você traz ao meu conhecimento, a fim de tomarmos providências antes que seja tarde demais.

— Farei o que o senho mando — Leôncio afastou-se silencioso. Tornara-se amigo de João, a quem respeitava, porém teria que cumprir as ordens recebidas.

Na manhã do dia imediato vasculhou tudo, aliás era bem pouco o que os dois tinham. Não encontrou nada a não ser os livros de João. Como Leôncio não sabia ler, trouxe os volumes para que o capataz visse do que se tratava. Este assim que pôs os olhos sobre os livros, gritou:

— Leve de volta! Coloque no mesmo lugar! São livros espíritas... é coisa do diabo! — respondeu Chicão empurrando Leôncio para longe de si — vá imediatamente.

Leôncio apavorado correu o mais que pôde afinal a coisa era mais feia do que à primeira vista parecia ser. Ele não entendia nada desse assunto, mas Chicão naturalmente tinha as suas razões. Face a esse acontecimento o capataz passou a respeitar João, mais por medo do que por outro qualquer motivo.

À noite, tanto João quanto Lena viram que seus modestos quartos haviam sido completamente revistados. Como não tinham nada que os comprometesse, ignoraram o fato, na certeza de que nada de mal adviria desse acontecimento indigno e condenável.

Chicão, até então, não havia tomado providências escusas contra os dois. Respeitava a decisão de dona Cândida, embora condenasse os diálogos entre os colonos. Sempre que empregados conversavam entre si, Chicão imaginava que estivessem elaborando planos de rebeldia e fuga.

João era um espinho na carne de Chicão. João o incomodava, tinha mais amigos na casa grande que ele, capataz da propriedade e pessoa da confiança do senhor Jerônimo. Precisava estudar e pôr em prática um plano para afastá-lo de vez de dentro da casa dos patrões. Dona Cândida não admitia intromissão dos empregados do campo nas dependências da casa. Somente João gozava dessa liberdade no cumprimento do seu mister.

Isso de certa forma mexia com os nervos de Chicão, que ficava enciumado, temendo o risco de perder Izaura para João, que era obediente e maneiroso.

O capataz era um déspota! Agia com pulso de ferro, punindo os colonos por qualquer coisa, por mais insignificante que fosse. Fazia valer a sua posição para punir os infelizes que não simpatizavam consigo. Além do mais, durante os castigos se exorbitava, descarregando o seu ódio contra os desditosos trabalhadores. À sua aproximação ninguém fazia corpo mole; mesmo assim, se porventura avaliasse que o serviço não estava sendo bem executado ou sem rendimento, levantava o chicote e dava uma Lambada nas costas dos pobres infelizes, que se retorciam de dores.

Raramente passava um dia sem que alguém levasse umas chicotadas. Todos tinham marcas de agressões nas costas, ferimentos escuros denunciadores da violência do desalmado capataz. Quanto sofrimento! A maioria das vítimas alimentava pensamentos de vingança, que não eram levados a efeito porque a "Alvorada" estava muito distante da rodovia, portanto sem oferecer condições de fuga. Ademais ninguém conhecia o caminho de saída, a não ser os proprietários e o capataz, além dos comparsas que trabalhavam na camioneta.

Chicão curtia pensamentos sombrios, aguardava uma oportunidade propícia para realizar os seus projetos condenáveis, atraindo desse modo para si o reconhecimento dos patrões. O pior é que João e Lena não davam motivos, eram laboriosos e disciplinados, além de ajudarem tanto quanto possível os próprios companheiros de infortúnio, sempre com a aquiescência de dona Cândida, que se revelava cordata, tendo em vista a nobreza dos objetivos.

Dona Cândida conhecia perfeitamente as angústias daquelas criaturas sofredoras, porém não queria de modo algum contrariar seu marido, homem nervoso, intransigente e severo. Tanto quanto

possível, procurava minimizar o sofrimento alheio, compensando de alguma forma os maus tratos recebidos a mando do marido e executados pelo malvado capataz, que não media esforços para conquistar a simpatia e a confiança do patrão.

O tempo foi passando e as coisas de certa forma continuavam sem maiores alternativas; no entanto, todos aguardavam, intimamente, graves acontecimentos. Os coações estavam temerosos pelo que pudesse acontecer.

Cativos do Passado

11 JOANA, A CÚMPLICE

Chicão andava pensativo. Como solucionar o problema decorrente da presença de João na fazenda e mais particularmente na casa grande? Só ele podia entrar e sair da casa, o que irritava o capataz. Precisava resolver com urgência a questão, custasse o que custasse. Por outro lado, não queria se incompatibilizar com dona Cândida e seu marido. Afinal, tinha necessidade da simpatia de ambos para a concretização dos seus projetos de casamento com Izaura.

"Através do pensamento podemos construir ou destruir realizações. Trata-se de uma energia mental ainda um tanto desconhecida pela Humanidade. Mentalizando o mal, produzimos vibrações que irão fortificar as energias mentais negativas do ambiente, que, conseqüentemente, em razão da sintonia, nos prejudicarão cada vez mais.

"Por outro lado, se mentalizarmos o bem, robusteceremos as ondas mentais positivas existentes na atmosfera terrestre que, igualmente, nos beneficiarão, em regime de reciprocidade. O assunto é de suma importância, não podendo ser ignorado, em virtude de a nossa felicidade depender unicamente de nós mesmos. Cada um é autor do seu próprio destino.

"Somente a renovação da nossa mente, com base no estudo da verdade e na prática do bem desinteressado, permitirá emitir energias mentais nobres e elevadas, melhorando a nossa vida e a vida daqueles que convivem conosco. Em tempo algum devemos desconsiderar a recomendação evangélica, relativa à necessidade de orar e vigiar a todo o instante. Os pensamentos malévolos nos tornam cativos de sofrimentos inesperados, enquanto os benévolos nos libertam, capacitando-nos a conquistas enobrecedoras no campo da evolução infinita. A opção é nossa, eis tudo!"¹

Chicão mentalizava o mal; portanto, seria fatalmente auxiliado pelas forças da sombra, que desejam ardentemente a desventura alheia. Se tivéssemos, pois, a possibilidade de ver o que se passava no âmbito espiritual ao lado do capataz, ficaríamos estupefatos. Entidades vingativas aliavam-se aos seus pensamentos de ódio, incentivando-o a levar avante o seu intento ignóbil. Tudo é questão de sintonia: o mal atraindo o mal. Infelizes os que se deixam envolver em tramas de ódios e vinganças; sem saberem, estão escravizando-se a sofrimentos idênticos, como fatores de regeneração moral e progresso espiritual.

¹ (1) O Pensamento. Um dos capítulos do livro

O capataz vivia irritado, quando lhe ocorreu uma ideia, sugerida por um dos verdugos que no momento comandava seus pensamentos. — Achei a solução! — monologou Contudo, preciso da cumplicidade de alguém que conviva com o pessoal da casa grande. Não será difícil. Mãos à obra!

Aproximando-se da sede da fazenda, encontrou Joana que estendia roupas no varal. Ficou observando a serviçal por algum tempo e depois, como quem não quer nada, disse-lhe:

— Tudo bem Joana? Muito trabalho?

— Tudo bem, trabalho é que num falta — respondeu respeitosamente a empregada.

— O dinheiro também é curto, não é?

— É isso aí, nem dá pra cobrir a despesa que tenho. O sinhô já ganha meio. . . é da confiança do patrão.

— Quando a gente quer, sempre aparece um servicinho extra, que ajuda muito — disse Chicão, alongando a conversa.

— Pro pessoa da casa grande é mais difícil.

— Joana, você quer ganhar um dinheiro como pagamento de um trabalhinho fácil?

— Sem drúvida. . . sem drúvida. . . se num atrapaiá o meu trabalho. Num quero "puxão de orelha" de dona Cândida.

— É fácil e sigiloso, ninguém precisa saber. Se você aceitar, eu digo. Aceitando, não pode recuar. O dinheiro é bom, equivale ao seu salário mensal. Como é?

— Topo, pode dizê.

— Está bem. Na primeira oportunidade que você tiver, é só tirar uma jóia de dona Cândida e me trazer. Só isso, nada mais. No ato da entrega, recebe o dinheiro.

— Isso num faço! Sô de confiança, tenho cinco anos de fazenda e num quero sê castigada — respondeu Joana, assustada.

— Joana, você disse que aceitava, agora é tarde. Ou você faz o que eu quero ou então eu levo ao conhecimento da patroa, certos hábitos do seu passado que eu conheço muito bem.

— Pelo amor de Deus, num faça isso! Eu era moça e num sabia o que fazia. Concordo, sim, que ninguém fique sabendo dessa sujera.

— Fique tranquila, ninguém saberá, tudo correrá normalmente. Você já sabe: uma jóia de dona Cândida, só isso — finalizou Chicão sorrindo sarcasticamente.

Coitada da Joana, nem sequer desconfiava da enrascada em que havia se metido, aliando-se ao capataz nas suas artimanhas maquiavélicas.

Após três dias, Joana cumpriu o prometido: entregou a Chicão um anel valiosíssimo de dona Cândida, jóia de estimação que pertencera à sua genitora.

12 O ANEL É ESCONDIDO

— Espero que o sinhô cumpra a sua parte, quero receber o dinheiro — disse Joana depois de entregar o anel.

— Não há dinheiro algum, não abra o bico, do contrário você sabe o que lhe acontecerá. O patrão não tolera ladrões na sua propriedade. Esqueça o que ocorreu. A minha palavra vale muito mais do que as suas juras. Não há dinheiro, volte ao trabalho.

— Isso num tá certo!

— Só eu sei o que é certo. Roubar a patroa é certo? — finalizou Chicão agressivamente, levando a mão ao chicote.

Naquele dia após o episódio que narramos, Joana adoeceu. Invadira todo o seu ser uma revolta terrível contra o capataz, que a seu ver tratava-se de indivíduo asqueroso, abjeto e covarde. Todavia, infelizmente, estava nas suas mãos. Vencida por febre alta, passou muitos dias em sua cama, insensível a tudo o que ocorria a seu redor. A enfermidade estava em sua alma arrependida, sem poder se reabilitar do delito. Tratada com carinho pelos companheiros de trabalho, conseguiu levantar-se depois de uma semana de prostração. Contudo, já não era mais aquela laboriosa e esperta serviçal, habituada a atender prontamente as ordens de dona Cândida.

Chicão, satisfeito, pretendia agora levar a efeito a outra parte do seu plano diabólico. Convinha aguardar um pouco mais, nada de precipitação, agora tudo seria mais fácil, tinha os trunfos nas mãos. O tempo se encarregaria de ajudá-lo, era só saber esperar o momento aprazado.

Joana vivia em constante preocupação, adivinhava a reação da patroa ao dar pela falta da joia. Seria um reboliço, podendo até recair a culpa do roubo sobre um inocente. Não sabia o que fazer: contar a dona Cândida o sucedido e correr o risco de ser severamente punida e enxotada como um cão raivoso? Ou silenciar, esperando os acontecimentos e sofrer as consequências do seu ato condenável?

Chicão esperava uma ocasião propícia, mas não poderia aguardar muito. Precisava concluir o seu projeto antes de ser conhecida a falta do anel. Assim, aproveitando a ausência de João que tinha ido buscar lenha no mato juntamente com outros companheiros, aproximou-se do seu quarto e entrou pela janela dos fundos sem ser visto por ninguém. Correu rápido os olhos pelo cômodo procurando um lugar para ocultar a joia. Em seguida abaixou-se e retirou com cuidado um tijolo do piso, fez com o canivete uma pequena reentrância no chão de terra e ajeitou ali o anel. Finalmente recolocou o tijolo de tal forma que ninguém desconfiasse do ocorrido, saindo rápido como havia entrado.

O esquema estava armado, agora era só aguardar o resultado, nada de pressa. A empregada não daria com a língua nos dentes, confiava na sua intuição. O plano era arriscado, mas fora cuidadosamente arquitetado, tinha certeza do êxito.

Decorridos vinte dias aproximadamente, dona Cândida, revendo as joias, notou a falta do anel. Não disse nada a ninguém, queria inicialmente fazer algumas investigações por conta própria. Confiava em todos os serviçais da casa. De fora, somente João tinha acesso ao interior da moradia, mas ele também não lhe parecia capaz de cometer semelhante delito. O culpado precisava ser conhecido e punido, do contrário coisas mais graves poderiam acontecer. Além do mais, a joia era de estimação; portanto, de valor incalculável.

Como dona Cândida não fosse capaz de descobrir o autor do roubo levou o caso ao conhecimento do seu esposo, que classificou o fato como dos mais graves e passível de severa punição. Era preciso

castigar com rigor o culpado para que o delito não mais se repetisse. Chamada toda a criadagem à presença do senhor Jerônimo, este sentenciou:

— O ladrão será descoberto, tenham a certeza disso e receberá punição das mais enérgicas, seja quem for. Se alguém tem alguma coisa para dizer sobre o assunto que fale agora, a fim de poupar trabalhos na identificação do autor do roubo — terminou Jerônimo olhando todos bem no fundo dos olhos.

Nesta altura, Joana teve uma leve vertigem. E agora o que fazer? Se falasse a verdade seria punida severamente; assim, resolveu calar. Seu coração pulava como um corcel indomável afeito à liberdade dos campos, não aceitando qualquer tipo de disciplina e opressão.

Como ninguém fizesse uso da palavra, o fazendeiro chamou o capataz e o incumbiu de procurar o anel, fazendo portanto as averiguações que bem entendesse. Este exultou de alegria, era exatamente isso o que desejava, para poder concluir seus planos de vingança.

Chicão com mais três companheiros — os ocupantes da camioneta — aliados de muitas tramas diabólicas, revistaram toda casa, passando depois para as dependências ocupadas pelos empregados, sem obter resultados positivos.

— Dona Cândida, além dos serviçais da casa, quem mais tem liberdade de entrar e sair daqui? — inquiriu Chicão.

— Ninguém que trabalha na fazenda pode entrar aqui, exceto o João, que executa os trabalhos mais pesados aqui dentro, isso quando chamado; porém posso adiantar que se trata de pessoa de minha inteira confiança — esclareceu dona Cândida.

— Entretanto, a senhora permite que olhemos também o quarto do João? Afinal precisamos chegar a uma conclusão, preciso dar contas do meu serviço ao senhor Jerônimo. Se ele é de confiança, por certo não deverá temer coisa alguma.

Nesta altura dos acontecimentos, João que ouvia a conversa, adiantou-se e disse:

— Perfeitamente. Cumpra a ordem do senhor Jerônimo. Estou absolutamente tranquilo.

Cativos do Passado

13 EXPIAÇÃO DOLOROSA

O grupo seguiu em direção ao quarto de João, que nada temia. Após minuciosa procura, quando tudo fora detidamente examinado, Chicão indicando o chão, disse:

— Leôncio, esse tijolo foi removido recentemente. Re tire-o com a ponta da faca.

O companheiro abaixou-se e retirou com facilidade o tijolo. Qual não foi o espanto de todos ao constatarem ali a presença do anel de dona Cândida! Todos olharam para João e gritaram a uma só voz:

— Ladrão! Miserável!

Chicão, rápido como um animal ferino, pulou à sua frente e apanhando-o pelo colarinho da camisa, levou-o ao tronco amarrando-o com cordas resistentes.

— O patrão é quem vai decidir o que fazer com este miserável ladrão, que nos colocou a todos sob suspeita. Quando eu não gosto de uma pessoa não é à-toa, sempre tenho razões fortes para isso. Chegou o ajuste de contas!

Passadas algumas horas, o fazendeiro foi inteirado do assunto; tanto ele quanto a esposa não sabiam o que dizer, estavam atônitos, confiavam plenamente em João. Todavia, diante da evidência, precisavam castigar o culpado para que ninguém mais se atrevesse a realizar idêntica proeza.

— Chicão, castigue o malfeitor com trinta chicotadas e que permaneça no tronco até amanhã cedo — sentenciou Jerônimo.

Chicão, com punhos de ferro, aplicou as trinta chibatadas. As costas de João ficaram lanhadas, em carne viva, sangrando muito. Isso aconteceu por volta das dezesseis horas. João teria que ficar ali até a manhã do dia imediato.

O que causou espanto a todos, principalmente à dona Cândida e ao marido, era o comportamento e a resistência moral de João, que não esboçou qualquer tipo de defesa, aceitando o castigo. Durante a punição, não manifestou qualquer atitude de revolta, sujeitando-se humildemente. Apenas dos seus olhos, grossas lágrimas rolavam, ensopando o peito da camisa, toda em frangalhos.

Lena, de coração ferido, recolhera-se ao seu quarto para orar. Conhecia muito bem João e sabia da sua inocência. À noite foi à presença de dona Cândida e lhe disse respeitosamente:

— Não quero que a senhora entenda como insubordinação de minha parte, mas desejo falar do João, a quem estimo como a um irmão. Tenho certeza da sua inocência. Contudo, não posso explicar como tudo aconteceu. Somente sei que de modo algum se apropriaria de coisas que não lhe pertencem, principalmente joias.

— Lamento muito Lena, mas todas as evidências estão contra ele. Não posso fazer nada, você sabe como o senhor Jerônimo é severo e não admite qualquer falha por parte dos empregados. Roubo, então, nem se diga!

— Só quero rogar à senhora que fale ao seu esposo para que ele permita que eu fique à noite com o João. Quero ajudá-lo nessa fase difícil que está passando. Por favor, dona Cândida. . . por favor...

— Falarei, sim, porém não posso prometer atendê-la. Logo mais lhe darei a resposta — finalizou dona Cândida.

Às vinte horas, mais ou menos, Lena foi chamada à presença da patroa que lhe informou ter sido atendida na sua vontade. Jerônimo concordara com a pretensão de Lena, face aos excelentes trabalhos que vinha exercendo em sua casa. Várias vezes a esposa fizera elogios ao seu correto desempenho nas mais variadas tarefas que lhe eram confiadas.

Lena apanhou uma jarra com água fresca e o Evangelho e foi para junto do amigo, onde permaneceu toda a noite. Leu várias páginas, sob a luz de uma lamparina, deu várias vezes água ao companheiro, fez pequenos curativos com panos limpos embebidos na água, enfim fez o que pôde para que o seu amigo recobrasse forças e pudesse enfrentar o seu calvário de dores superlativas. João nada dizia, permanecia em silêncio, apenas chorando.

— João, diga alguma coisa, eu sei que você está inocente, graças a Deus. Já pensou se você realmente fosse o culpado pelo roubo? Nem quero pensar, é horrível!

— Lena, eu sou inocente, porém não quero falar disso. Agradeço a sua presença, a sua dedicação. Você já salvou a minha vida uma vez. Agora está minimizando o meu sofrimento. Que Jesus a abençoe, minha querida irmã.

— Respeito a sua vontade. Após as noites de trevas densas, sempre nasce a aurora de um novo dia. Tenhamos confiança em Jesus, paradigma do bem e da verdade.

Lena ajeitou-se no chão próximo a João e permaneceu imóvel até o dia seguinte, vigilante e em orações, rogando a Jesus amparar seu companheiro e a ajudá-lo a cumprir o seu destino. Ela sabia que todas as coisas têm uma razão de ser. Nada ocorre à revelia da lei divina, plena de sabedoria, amor e justiça inigualáveis.

O capataz não gostou nem um pouco da assistência que Lena estava dando ao moço castigado, mas por outro lado o interesse de um pelo outro — no seu entender — faria com que Izaura se afastasse de João. E aí daria certo o seu plano de casar-se com a filha do fazendeiro.

O tempo mais tarde daria as respostas certas para os problemas de agora. Lena partilhava da amargura de João, aliás tudo o que acontecia com eles sempre motivara júbilos e sofrimentos aos dois. Estavam sinceramente unidos na dor e na alegria.

O responsável pelo crime ignominioso, não importava para eles. Dentro de cada um de nós há um tribunal a nos julgar constantemente: a consciência. O inimigo deles teria que resgatar o delito contraído contra as leis maiores. Cada um de nós responde por aquilo que faz, cedo ou tarde, nesta ou em outras existências. Essa é a verdade!

14 DÍVIDAS E RESGATES

Na manhã seguinte, quando o sol despontava, o capataz deu ordem para que o moço fosse retirado do castigo. Quase desfalecido João foi levado ao seu quarto. Lena o acompanhou, permanecendo ao seu lado por algum tempo, sofrendo tanto quanto ele. Como teria que retornar à cozinha para os seus afazeres normais, apanhou o Evangelho e abrindo-o ao "acaso", leu uma das suas belas e edificantes páginas que, como sempre, esclarecem e confortam. O tema: A paciência.²

"A dor é uma bênção que Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, portanto, quando sofrerdes, mas, pelo contrário, bendizeis a Deus todo-poderoso que vos marcou com a dor neste mundo para a glória do céu.

"Sede pacientes, pois a paciência é também caridade e deveis de praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste em dar esmolas aos pobres é a mais fácil de todas. Mas há uma bem mais penosa e conseqüentemente bem mais meritória, que é a de perdoar os que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos de nossos sofrimentos e submeterem à prova a nossa paciência.

"A vida é difícil, bem o sei, constituindo-se de mil bagatelas que são como alfinetadas e acabam por nos ferir. Mas é necessário olhar para os deveres que nos são impostos e para as consolações e

² (1) Página 170 da 71." Edição da FEB.

compensações que obtemos, pois então veremos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece mais leve quando olhamos para o alto do que quando curvamos a fronte para a terra.

"Coragem, amigos: O Cristo é o vosso modelo. Sofreu mais que qualquer um de vós e nada tinha de que se acusar, enquanto tendes a expiar o vosso passado e de fortalecer-vos para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos: Esta palavra resume tudo."

— João, que página maravilhosa! Adapta-se perfeitamente à nossa vivência de agora. Jesus está conosco! Seja forte, haveremos de vencer. Preciso começar meu trabalho diário, porém vou conversar com dona Cândida e ela por certo irá autorizar minha permanência junto à sua cama, acompanhando assim o seu calvário de dores — Lena despediu-se do querido amigo, beijando-lhe a testa.

A lição evangélica fora um refrigerio para as suas dores, minimizaram seu coração amargurado e sofredor. Todavia, tão logo Lena se afastara, uma grande prostração assaltara o físico enfraquecido e severamente castigado de João, acompanhada de febre intensa.

Lena conversara com dona Cândida a respeito, recebendo autorização para ir amiúde ao quarto do amigo a fim de se inteirar de como ele vinha reagindo aos ferimentos recebidos e poder ao mesmo tempo orar ao seu lado pela sua completa reabilitação, já que não podia, infelizmente, fazer nada mais, por falta de remédios adequados ao caso.

Como o estado de saúde de João se agravara consideravelmente, dona Cândida, observando a aflição de Lena, cientificara o marido sobre o assunto, ficando autorizada a permanência de Lena ao lado de João, pelo tempo que fosse necessário. A abnegada "enfermeira" desdobrava-se em atenções e carinho, a fim de poder mais uma vez bem realizar suas tarefas de preservar-lhe a vida, pois no seu íntimo alguma coisa dizia que as dores ainda se alongariam por muitos dias e era preciso ser forte para poder superá-las.

Enquanto a febre perdurou, o corpo de João agitou-se intensamente, dando a impressão de estar enfrentando uma luta de vida ou morte, dominado por terríveis pesadelos dos quais não podia fugir. Lena recorria às lições do Evangelho, lendo suas páginas em voz alta e orando com muita fé, em silêncio, na certeza de que os momentos difíceis seriam vencidos de vez.

Abandonava o seu mister somente para tomar as refeições na cozinha, isso mesmo de maneira frugal e às pressas. Sabia da importância daquele momento e não que ria de modo algum falir no seu labor. A vida de João era—lhe altamente preciosa. Se o destino os colocou juntos, tinham necessidade de continuar juntos até o fim. Lena sabia agora que o acaso não existe. As leis divinas são soberanas, governam todas as coisas, desde as infinitamente pequenas até as incomensuravelmente grandes como o Universo, que é infinito e eterno.

Após longas horas de permanência junto ao seu querido companheiro de amarguras, vencida pelo cansaço, Lena adormecera por um instante e sonhou: João estava à sua frente, risonho e feliz, estendendo-lhe as mãos, dizendo-lhe:

— Lena, nada de tristezas. Estamos superando mais essa terrível expiação. Seremos vencedores e a vitória é totalmente sua. Não fosse a sua dedicação e eu não teria suportado a flagelação imposta. Lena, que Jesus a abençoe sempre e que eu possa estar junto de si por muitos e muitos anos ainda, nesta vida e quem sabe para toda a eternidade.

Em seguida, Lena acordou; estava feliz, porém ao constatar que fora um sonho, que as coisas estavam no mesmo pé, ficou pensativa... o que teria acontecido? Fora um aviso? O sofrimento estava na iminência de terminar?

— Confio em Ti, Jesus! Que a Tua vontade se realize acima dos nossos caprichos — exclamou, chorando...

15 INIMIGOS DO PASSADO

Durante o sono o corpo repousa, recupera as energias gastas no dia. O espírito, porém, jamais descansa. Liberto parcialmente — a libertação total significa a morte —, ligado ao vaso físico por um cordão fluídico, participa da vida espiritual. Quem teve comportamentos dignos durante o dia, ajudando aos seus semelhantes a solucionar problemas aflitivos, doando carinho e atenção em prol do bem-estar alheio, terá sem dúvida bons sonhos, participará de atividades gratificantes à noite enquanto seu corpo repousa.

Por outro lado, quem se comprometeu em atitudes condenáveis, embasadas em orgulho e egoísmo, fazendo infelizes e desditosos os seus semelhantes, procurando vencer mesmo que seja à custa da infelicidade dos outros, não pode, evidentemente, viver feliz no plano espiritual, ficando portanto sujeito a acontecimentos imprevistos e dolorosos na convivência com entidades das sombras, que também pensam como ele, que igualmente alimentam os mesmos propósitos de usura e soberba, não importando os meios e sim somente os fins.

João revia acontecimentos dolorosos de outras vidas, que agora surgiam na tela da sua mente com uma rapidez incrível, com a finalidade de esclarecê-lo sobre os motivos do seu sofrimento. O passado, o presente e o futuro são expressões de tempo solidárias entre si. O presente como um retrato do passado é igualmente básico na edificação do futuro. Hoje colhemos da semente de ontem e plantamos hoje para ceifar amanhã. Essa a legítima realidade!

Enquanto Lena lia a lição sobre a paciência, por sinal das mais apropriadas ao momento, João sentiu-se bem, porém depois as dores aumentaram, tornando-se quase insuportáveis. Simultaneamente teve a impressão de estar sendo transportado para trás, no tempo. Surgindo à sua frente uma visão dantesca que foi se aproximando até tomar proporções normais. À medida que a visão se aproximava, tinha a nítida certeza de estar sendo levado para dentro daquele cenário de sofrimentos inauditos. Agora percebia claramente: ele era um dos protagonistas daquela cena de dores e lágrimas superlativas.

Identificou-se como sendo Tertuliano, o mais impiedoso e agressivo dos que ali estavam. No momento castigava impiedosamente a um pobre e infeliz que atendia pelo nome de Custódio. O cenário: uma fazenda. Havia roubado uma vf.ca das mais valiosas e Custódio estava sendo apontado como cúmplice do roubo. Diziam que ele facilitara a ação criminosa, sob promessa de dinheiro fácil. Isso diziam, era voz corrente, contudo não era a realidade dos fatos. Custódio era inocente daquele crime, porém em vida anterior assumira um compromisso idêntico e alguém pagara por ele. Não há inocentes na face da Terra, tampouco privilegiados gozando bens imerecidos,

não fosse assim e como entender e aceitar a grandeza da lei divina, embasada em justiça e amor infinitos?

Custódio estava recebendo uma punição desumana. Tertuliano era ele, João, e Custódio quem seria? Nessa altura dos acontecimentos procurou ver o rosto da vítima e ficou estupefato, ali estava Chicão! A vítima não gemia nem chorava de dor, somente olhava o rosto do algoz, prometendo intimamente vingança. Terminada a flagelação, Custódio foi levado para um cômodo sujo, onde ficavam apetrechos da fazenda. Foi jogado a um canto, sem piedade, como um animal imprestável.

Permaneceu ali sem assistência por dois dias, recebendo somente água e pão. Custódio era homem forte, resistiu aos ferimentos, além disso precisava viver para vingar-se da punição recebida, o que não aconteceu naquela vida, pois decorridos vinte dias, foi picado por uma cobra e veio a falecer, passando por dores horríveis.

Como responsável maior pela fazenda, Tertuliano recebera "carta branca" para agir. O que o patrão queria era o progresso da propriedade. O regime era de escravidão, vigorava a lei do mais forte. Tertuliano era respeitado e odiado ao mesmo tempo, mercê dos maus tratos que infligia aos seus semelhantes, criaturas humildes e sofredoras, desprovidas de quase tudo, até da liberdade, dádiva divina concedida a todos os seres humanos.

Tertuliano tinha a seu serviço, cúmplices odientos e covardes que tudo faziam encobertos na sombra do anonimato, recebendo significativos pagamentos em dinheiro. Quantos sofrimentos não foram semeados naquelas paragens em época pretérita. João não tinha mais dúvida, o castigo que sofreu não se igualava ao praticado no passado a dano dos seus irmãos de experiências rurais. Havia se exorbitado no seu trabalho, logrando êxito para o patrão à custa da infelicidade alheia.

Os acontecimentos realizados pelas criaturas humanas, principalmente aqueles que se tornaram marcantes, motivando alegrias e tristezas, estão devidamente anotados em arquivos espirituais, podendo a qualquer momento serem revistos para elucidações que se tornarem indispensáveis, comprovando o que Jesus disse: "...nada há encoberto que não haja de revelar-se, nem oculto que não haja de saber-se" (Mateus 10:26).

Os fatos não davam margem a qualquer dúvida, ali estava a dívida contraída em um passado distante, dívida essa que exigia resgate. A lei divina teria que ser cumprida fielmente. A vida de João era o retrato fiel do passado. Na expiação dos crimes cometidos em outras vidas, estão a libertação e a felicidade definitivas.

16 AS REVELAÇÕES

CONTINUAM

Tertuliano desfrutava de liberdade para agir como bem entendesse. Morava em uma das melhores casas da fazenda. Homem rude e ignorante que somente ouvia os conselhos da esposa. Em muitas

oportunidades a própria mulher fora a culpada direta de atitudes maldosas tomadas pelo marido. Apesar de ser menos responsável que o esposo, em virtude das suas fraquezas e inseguranças.

Entretanto, era fora de dúvida que exercia sobre o marido uma força ignorada. Quantas vezes ele chegava em casa desgastado pelas atividades do dia e alimentando ideias de vingança contra algum colono e ela com jeito tirava essas ideias da sua cabeça, fazendo-o esquecer os problemas. Outras vezes, ela é que incentivava o marido a ir contra os infelizes, dando vazão ao seu capricho, vingando-se dos desditosos, que a seu ver não mereciam consideração.

Tertuliano e Vitalina — esse o seu nome — viviam bem, afinavam-se harmonicamente. Quando havia qualquer divergência entre ambos, um deles se anulava dando razão ao outro e assim as coisas sempre ficavam mais fáceis. Eles se amavam e se respeitavam mutuamente. Não tinham filhos, apesar de querê-los. Quem em outras vidas os rejeitou, agora não tem merecimento para recebê-los. A vida pretérita serve de matriz para os acontecimentos atuais, dando <a cada um segundo o seu merecimento.

João agora sabia que Tertuliano era ele mesmo em outra existência, tão viva agora diante dele quanto na ocasião. Ele sentia-se o Tertuliano, responsável pelos infortúnios e ao mesmo tempo espectador das atrocidades que desfilavam sob os seus olhos e sentidos aguçados. Quem seria Vitalina? Se todos estão de algum modo vinculados aos que convivem com eles quem seria Vitalina?

Procurou examiná-la bem e quanto mais a olhava com interesse, mais ela se modificava fisionomicamente aos seus olhos, transformando-se finalmente em Lena. Sim, Lena fora a sua esposa nessa vida de vilanias sem limites, daí a razão porque vinha enfrentando com ela todas as vicissitudes. Ela não tinha idêntica responsabilidade, porém pesava sobre ela o resultado de incontáveis fatos condenáveis. Ela fora autora intelectual e Tertuliano o executor dos mesmos. Vitalina deixava-se levar com facilidade, assumindo caprichos reprováveis.

A lei divina é soberana, nada ocorre à sua revelia. Temos a liberdade de fazer o bem ou o mal na edificação do nosso futuro: de felicidade e libertação, ou infelicidade e clausura.

As revelações eram claras e conclusivas, não dando margem a sofismas. Enquanto João via tudo o que se passava à sua frente, as dores físicas desapareceram de vez. É bem verdade que seu espírito estava parcialmente fora do corpo, facilitando o fenômeno. Uma agradável sensação dominava todo o seu ser, estava ausente para as coisas do mundo e atilado para as realidades espirituais. Aliás era necessário que assim fosse. Os Mentores espirituais presidiam o fenômeno, fazendo com que João pudesse se inteirar perfeitamente de parte do seu passado, gênese dos sofrimentos da presente vida.

João tornara-se merecedor dessas revelações, face à sua retidão de caráter, até porque era preciso conscientizá-lo sobre fatos que deveriam ocorrer no futuro e ainda na presente vida. Incontáveis realizações dependiam das suas mãos. Se por um lado era indispensável liquidar dívidas antigas, por outro era imprescindível preparar-se para o porvir, que de modo algum seria fácil, ao contrário, estava pontilhado de dores e lágrimas acerbadas, que exigiriam na ocasião compreensão e resignação ímpares.

A seguir a revelação tomou um rumo diferente e inesperado. Diante dos seus olhos surgiu um fato novo que teve marcante decisão na sua vida. O cenário era o mesmo, porém Tertuliano agora estava muito velho, viúvo há dezenas de anos, Vitalina já havia falecido vitimada por um câncer nos pulmões. Sua morte não apareceu na revelação, mas João tinha pleno conhecimento do ocorrido.

A vida de Tertuliano caminhava para o fim. Inúmeras vezes ele se questionava, quanto a validade das suas atitudes condenáveis em defesa da propriedade alheia. Caso tivesse tomado atitudes diferentes, não estaria agora com a consciência tranquila? Pelo menos teria a estima de todos e o necessário apoio para os seus tristes dias. O arrependimento iniciara o seu trabalho de regeneração daquela alma culpada de inumeráveis crimes. O que verdadeiramente vinha acontecendo era o apoio benéfico de Vitalina junto ao ex-esposo, fazendo-o refletir sobre os resultados desastrosos obtidos na sua vida, onde preponderavam atos indignos e reprováveis.

Certa madrugada, vitimado por um mal súbito, Tertuliano partiu para as sombras da morte. Seu corpo foi encontrado dois dias depois já em decomposição. Sua vida fora de desamor, portanto teria sofrimentos inesperados pela frente, até que surgissem novas oportunidades de redenção. Jesus sobre o assunto esclareceu: "...haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lucas 15:7).

17 A VERDADE SEMPRE TRIUNFA

Decorridos dois dias, dos mais aflitivos, João despertou. Não se lembrava das revelações, contudo, uma agradável sensação dominava seu corpo. As dores diminuíram consideravelmente, persistindo apenas uma grande fraqueza, impossibilitando-o, inclusive, de se movimentar com facilidade no leito.

Lena, revelando zelo, acompanhava com justificada preocupação seu estado de saúde. Passara dois dias alheio a tudo, debatendo-se, como se estivesse fugindo de inimigos implacáveis e invencíveis. A febre era das mais altas, daí a impressão de que estivesse delirando.

Agora João estava bem, tinha a certeza de que algo muito importante acontecera nesses dois dias de prostração quase absoluta, porém não guardava lembrança alguma, apenas a agradável impressão de ter vencido uma batalha das mais penosas da sua atual vida e que recebera, sem dúvida, um apoio dos mais preciosos de Amigos espirituais, possibilitando-lhe superar a aspereza da porfia.

Lena não cabia em si de contente, afinal aquela criatura era muito cara à sua vida, sabia do auxílio espiritual que haviam recebido. A lei divina, face à sua justiça, exige reparação dos delitos praticados, porém age com misericórdia, a fim de que os faltosos logrem sucesso nas reparações indispensáveis. Jesus lecionou: "Se vós sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai celestial" (Mateus 7:11).

Depois de uma semana, João estava completamente refeito, voltando aos seus labores. Dona Cândida não o afastou das suas habituais ocupações, dando-lhe um voto de confiança. Chamando-o à sua presença, falou-lhe:

— João, não sei como tudo aconteceu. Confio em você. Um dia a verdade virá à tona, tenho a certeza disso. O seu trabalho é o mesmo de sempre, mãos à obra.

João permaneceu ouvindo de cabeça baixa, assim que dona Cândida terminou de falar, pediu desculpas humildemente, afastando-se. Ninguém aguardava semelhante reação de dona Cândida, ficaram todos surpresos. É bem verdade que a patroa sempre se revelava compreensiva e tolerante, somente agindo com rigor quando a falta era grave e não tinha atenuantes.

O modo de como o roubo do anel fora praticado indicava mais uma cilada do que realmente um crime, cuja responsabilidade fora atribuída a João. Contudo, como explicar tal situação? João tinha as evidências contra si e nada a seu favor. Ele não estava interessado em descobrir o autor da criminosa "armação" que tanto o prejudicara. Daí a sua tranquilidade; pior seria se fosse realmente culpado e tivesse permanecido impune, aí sim, estaria com a consciência enegrecida pelo crime.

Além do mais, amanhecera tão feliz e não seria uma bobagem como essa que iria tirar o seu bom humor. Todos os companheiros de trabalho o olhavam de um modo estranho; alguns desconfiados, não acreditando na sua inocência; outros estavam convictos de que tudo não passava de mais um golpe preparado, como aliás tiveram ensejos de conhecer inúmeros. Situações preparadas ardilosamente para culpar pessoas que eram "pedras no sapato" de indivíduos inescrupulosos. Todavia, infelizmente, os verdadeiros autores não eram conhecidos, somente suas vítimas julgadas e castigadas cruelmente, apesar de jurarem inocência.

Todos os crimes, malgrado muitos praticados no anonimato, serão conhecidos um dia. A verdade sempre triunfa na sua luta incansável contra a ignorância humana.

Quando o indivíduo reconhece a maldade que ainda mora na sua consciência, isto é, comprometimento condenável contra os seus irmãos em flagrante desrespeito à sábia e justa lei divina, aí então principia a sua reabilitação moral. Quem tem a consciência ilibada, esteja onde estiver, sempre estará no céu; quem tem a consciência enodada, esteja onde estiver, estará sempre no inferno. Céu e inferno são estados de consciência, nada mais.

As criaturas humanas agem e reagem de conformidade com a própria evolução. O crime atribuído a João despertara reações diferentes na comunidade. Uns admitiam a sua culpabilidade, outros julgavam-no inocente, sem contudo terem elementos elucidativos para absolvê-lo. Os patrões aceitavam as coisas com reservas, principalmente dona Cândida. Jerônimo tomara as providências que, a seu ver, o caso exigia, porém sem convicção, mais para exemplo aos demais colonos, a fim de coibir possíveis abusos para o futuro.

Lena merece citação à parte: por sua conduta fraterna, não punha em dúvida o caráter do amigo, conhecia-o muito bem. Tratava-se de excelente criatura que de modo algum se apropriaria de objetos alheios, apesar da situação de penúria em que vivia. Materialmente pobre, espiritualmente rico. Lena estava feliz em poder mais uma vez mostrar sua dedicação a João, a quem prezava mais que nunca. Nos escaninhos íntimos de sua alma sensível, alguma coisa lhe assegurava que a vida do seu querido companheiro estava estreitamente ligada à sua. Deveria, pois, fazer de tudo para defendê-la, mesmo que fossem necessários atos de renúncia e abnegação ímpares.

Quantas amarguras vencidas e quantas ainda por superar. Lena e João, mesmo assim eram felizes, pois conheciam o legítimo caminho a trilhar em busca da redenção definitiva.

18 CRIME AOS OLHOS DE DEUS

Joana... a infeliz Joana, ralada de remorsos, vendo o que acontecera a João e conhecendo toda a verdade, foi definhando a olhos vistos. Já não era mais aquela servidora diligente e prestativa. Todas as noites revia mentalmente os acontecimentos que culminaram com a punição imposta injustamente a João, que aceitara a flagelação com resignação, jamais se revoltando contra quem quer que fosse, ao contrário, amarrado ao tronco, humilde e ferido, orava pelo verdadeiro responsável.

Aceitara tudo passivamente, confiante em Jesus. E ela, o que fez? Nada! Diante da ameaça de Chicão silenciou seus lábios, acarretando o castigo de um inocente. Essas ocorrências marcaram seu espírito com o fogo do remorso, que aniquila as melhores florações de esperança, de libertação, de amor.

Certa madrugada, quando a dor se fez mais intensa, sufocando sua alma, atirando-a num mar de sofrimentos insuportáveis, pensou encontrar no suicídio a solução ideal para os seus problemas aflitivos. Continuar vivendo assim não era vida, além do mais poderia enlouquecer, entrando por atalhos ignorados, cujo destino desconhecia totalmente. Dizem que a morte é o fim de tudo, logo é melhor morrer do que viver dessa forma, carregando consigo, dentro do peito, o fogo do arrependimento.

Assim, Joana, incentivada por entidades sofredoras, que a ela se juntaram pela sintonia de pensamentos e sentimentos deprimentes, deixou-se envolver pela ideia de suicídio, ingerindo grande dose de veneno, que agiu rapidamente anulando as poucas forças do seu organismo debilitado pelas amarguras decorrentes do crime perpetrado, levando-a à morte.

Quem se entrega ao suicídio, como única solução para os problemas angustiantes da vida, está completamente enganado. A vida não tem fim, é patrimônio eterno concedido por Deus aos seus filhos, cuja finalidade é o progresso crescente dos seres humanos até lograrem a perfeição espiritual.

O suicida enfrenta na Espiritualidade situações desesperadoras, mais intensas e dolorosas que as que conheceu aqui na Terra. Ninguém tem o direito de pôr termo à própria vida. O corpo morre, desaparece; o espírito, porém, continuará vivo, respondendo pelas ações praticadas, em cumprimento à sábia lei divina, eterna e imutável.

Acresce notar, ainda, que nas futuras encarnações o espírito culpado irá enfrentar problemas maiores e mais aflitivos que poderão, inclusive, marcar seu novo vaso físico com sequelas irreversíveis, consequências naturais do seu comportamento irrefletido.

Quantas pessoas atualmente vivem existências dolorosas, marcadas pelo suicídio cometido em outras vidas. A deserção da vida orgânica não põe fim às amarguras, ao contrário, complica-as consideravelmente, criando matrizes de sofrimentos que só as vidas sucessivas conseguirão eliminar de vez.

A terapêutica indicada na cura de males julgados insuportáveis é, sem dúvida, a oração, a paciência, a compreensão, a resignação, a confiança em Deus, aliadas ao estudo da verdade e ao

trabalho nobilitante voltado ao bem-estar alheios, conforme Jesus ensinou ao longo da sua vida missionária.

Assim, a fuga pela porta da morte sempre representa delito dos mais graves aos olhos de Deus, que, cedo ou tarde, terá que ser reparado, através de dores e lágrimas regeneradoras.

Joana, por ignorância, escolhera o pior caminho, desrespeitando as leis divinas. Conheceria no futuro reencarnações aflitivas aqui na Terra, destinadas à sua regeneração moral. Contudo, devemos esclarecer que Joana no plano espiritual já estava sofrendo terríveis amarguras, pois a vida continuava da mesma forma, acrescidas pela falta de ter colocado termo à própria vida.

Todavia, vamos lembrar um personagem que não pode ser relegado a segundo plano, em virtude de ter participação ativa em muitos casos dolorosos e indiretamente em outros tantos, como coordenador e insuflador de atos reprováveis. Chicão, o seu nome.

Não fosse o seu maquiavélico plano para prejudicar João, com a cumplicidade de Joana, e esta não teria se suicidado. Logo Chicão assumira compromissos também no ato tresloucado de Joana que, vencida pelo desespero, roída pelo remorso, optou pela morte, a fim de solucionar os seus problemas angustiantes de consciência.

Lamentavelmente, Chicão ainda não tinha condições íntimas para avaliar os compromissos assumidos diante das leis de Deus, soberanamente justas, eternas e imutáveis. Dívidas que teriam de ser ressarcidas em outras romagens terrenas.

Chicão jamais pensara em Deus, somente tinha em mente os seus mesquinhos objetivos e para lográ-los faria qualquer coisa, até infelicitar os seus semelhantes. O que lhe importava eram os fins, sem levar em conta os meios. Espírito ignorante e vingativo, almejava casar-se com Izaura, para ter acesso à riqueza da família. Alimentava uma paixão doentia pela moça, o que colocava Izaura em situação de perigo, que ignorava o que poderia lhe acontecer.

Se porventura Chicão perdesse totalmente a esperança de poder espojá-la, aí então, ele se constituiria em um sério inimigo, não só de Izaura como igualmente de toda sua família.

19 PROVEITOSAS CONSIDERAÇÕES

Com o suicídio de Joana, Chicão ficou mais tranquilo. A única testemunha contra ele no caso do roubo do anel de dona Cândida, já não mais pertencia a este mundo. O seu astuto plano não surtira total resultado, de vez que João continuava a merecer a confiança do pessoal da casa grande. O castigo que sofrerá como pseudo culpado, ao invés de isolá-lo da comunidade, atraíra mais amigos, até aqueles que se mostravam indiferentes a seu respeito, tornaram-se seus amigos, solidários ao seu sofrimento. João e Lena, os que mais sofreram, haviam perdoado a tudo e a todos. Não se

interessavam em conhecer o verdadeiro autor de tão hediondo plano, que visava ao seu afastamento definitivo da casa do senhor Jerônimo.

Chicão, infelizmente, revelava-se insensível com relação aos autênticos valores da vida, lutando sempre no sentido de conquistar bens terrenos e poder merecer mais tarde o amor de Izaura. Ela porém nem sequer desconfiava dos seus pensamentos sombrios. Conhecia bem a sua fama de valentão, agindo sempre com violência desmedida quando se tratava de punir alguém que, a seu ver, havia feito algo reprovável, prejudicando os interesses da "Alvorada".

João e Lena, tanto quanto podiam, dialogavam sobre os ensinamentos do Evangelho, encontrando nas suas páginas as soluções ideais para as suas amarguras.

— O Espiritismo é a religião, porque tem como fundamento o amor a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, conforme exemplificava Jesus — adiantou Lena, certa vez, com convicção.

— Perfeitamente — respondeu João. — Penso da mesma forma. A Doutrina Espírita é o complemento do Evangelho. É sem dúvida o Consolador prometido pelo Cristo, tem a missão não só de fazer com que os homens recordem o que o Messias ensinou, como também completar os seus ensinamentos, equacionando-os à nossa época.

— Eu afirmei, João, que o Espiritismo é a legítima religião, porque tem a capacidade de aproximar melhor o homem de Deus. A criatura do Criador — aduziu Lena.

— Lena, não fossem as lições evangélicas e não teríamos entendido o sofrimento por que passamos. Hoje estamos perfeitamente cômnicos de que os delitos do passado geraram na atual existência dores correspondentes, a fim de que nos libertemos dos compromissos assumidos em desrespeito à lei maior.

— Certamente! — afirmou Lena, que acompanhava atentamente o raciocínio do amigo.

— O determinismo e o livre-arbítrio coexistem. Se por um lado colhemos da sementeira feita em outras vidas, por outro semeamos agora para ceifar no futuro. . .

— Somente assim poderemos entender a sabedoria, o amor e a justiça divina — completou Lena.

— Lena, bendita dor! elemento de purificação de nossas almas, ainda presas a débitos cometidos em experiências pretéritas. Bendita dor!

— João, não existisse a reencarnação ou vidas sucessivas, como entender as desigualdades que ocorrem na face da Terra, onde vivem lado a lado sábios e ignorantes, ricos e pobres, perfeitos e imperfeitos, sadios e enfermos levando-se em conta a perfeição absoluta de Deus?.

— Os princípios da reencarnação constam dos apontamentos evangélicos, porém üv. maneira velada, porque a Humanidade não tinha amadurecimento adequado para poder entender essa sábia lei de equidade.

— Certamente — concordou Lena.

— No diálogo com Nicodemos, doutor da lei, Jesus adiantou que para ver o reino de Deus, era necessário nascer de novo (João 3:3). Não havia dúvida de que João Batista era a reencarnação de Elias (Mateus 11:14), inclusive os discípulos não ignoravam essa verdade, conforme consta do próprio Evangelho (Mateus 17:12 e 13).

Fizeram uma pausa no diálogo, evocando novos ângulos da questão; depois Lena retomando a palavra, disse:

— As criaturas humanas evoluem de experiência em experiência, de etapa em etapa, de encarnação em encarnação, até atingirem a perfeição, embora esta seja sempre relativa.

— Muito bem, é isso mesmo — parabenizou João.

— Concluída a etapa de aprendizados em um mundo, quando o ser completar todo progresso atinente a esse mundo, então será promovido a outro mundo, onde poderá prosseguir sua peregrinação evolutiva na esteira infinita do tempo.

— Bravos, Lena! Excelentes as suas conclusões. Há mundos primitivos, de expiação e provas, regeneradores, ditosos ou felizes, celestes ou divinos. A Terra pertence à segunda categoria: de provas e expiações — arrematou João.

— É por isso que na Terra ainda há muito sofrimento. O homem precisa purificar-se espiritualmente, limpar as nódoas da consciência, consequências de delitos praticados em vidas pregressas. Qualquer agressão à lei divina em detrimento do nosso próximo, implica em sofrimentos da mesma natureza para reparação do delito outrora praticado.

— Jesus disse da necessidade do escândalo, mas ai por quem vier o escândalo (Mateus 18:7). O que equivale a dizer: na Terra há necessidade da dor, mas ai daquele que fizer o seu semelhante sofrer.

Nessa altura concluíram a conversa, proferindo uma prece sincera e espontânea de agradecimento ao Pai celestial, pelo dia de estudo e trabalho proveitosos que usufruíram.

20 PLANOS DE LIBERTAÇÃO

Os meses sucediam-se rapidamente sem novidades, tudo era rotina, muito trabalho e alimentação controlada. Ali na fazenda moravam dezenas de trabalhadores em regime de escravidão. Os colonos pouco recebiam e eram devedores da "Alvorada", o que lhes impossibilitava de partir. Careciam antes de mais nada saldarem as suas dívidas e não tinham cem quê. Às vezes algum deles se atrevia a fugir, mas logo era recapturado pelo capataz e seus comparsas e castigado severamente. A estrada asfaltada que dava acesso às cidades mais próximas ficava distante da propriedade.

Lena e João já haviam conversado sobre o assunto. Não poderiam permanecer mais tempo sem tomar algumas providências a respeito, do contrário teriam que ficar ali até o final de suas vidas, sempre temerosos de ocorrerem fatos dolorosos, como o caso do roubo da jóia de dona Cândida, em que João pagou pelo que não fez.

Certa vez em que João foi apanhar lenha para o fogão, distanciou-se um pouco mais da sede da fazenda, ocorrendo-lhe uma idéia: subir a uma árvore das mais altas para investigar as imediações, verificando então que a estrada realmente deveria estar bastante longe. Do ponto onde estava, não podia divisá-la.

À noite João inteirou Lena do que havia feito. A esperança maior era poder contar com o auxílio dos Amigos da Espiritualidade.

— Lena, a estrada não está perto, não! mas se agirmos com inteligência tudo poderá dar certo — aduziu João.

— Não sei, não. Você já conhece os verdugos daqui, se nos pegarem punir-nos-ão barbaramente. Tenho bastante receio. É bem verdade que isto aqui não é vida, precisamos realmente fazer algo, porém não sei como.

— Existe um caminho que suponho dar acesso à estrada, transitado frequentemente a cavalo por Chicão e seus capangas. Se conseguirmos um cavalo poderemos perfeitamente lograr a estrada, daí se tivermos sorte de pegar uma carona em automóvel ou caminhão, estaremos finalmente em liberdade — adiantou João, cheio de otimismo.

— O plano me parece viável, porém bastante arriscado, teríamos inclusive de levar um animal da fazenda. . .

— Nada de escrúpulos, afinal estamos sendo roubados não é de hoje. Sabe quanto tempo estamos aqui vivendo em regime de escravidão? Cinco anos completos!

— Tudo isso?! Você não está enganado? — perguntou Lena, perplexa.

— Tenho certeza do que estou afirmando.

— João, nada de afobação, tudo dará certo um dia.

— Exato, porém não custa nada irmos pensando desde já, até porque a oportunidade poderá surgir a qualquer momento, daí a necessidade de estarmos devidamente preparados para que a fuga dê resultados positivos.

— Concordo!

— Se não conseguirmos um cavalo, então teremos de percorrer a pé senda difícil, abandonando o caminho que normalmente é escolhido. A distância é maior na fuga pelo meio da mata, mas estaremos abrigados pelas árvores. . .

— Tenho medo. .. muito medo, podemos fracassar. ..

— É preciso tentar ou então ficarmos aqui conformados o resto da vida. Eu sinto que é quase chegada a hora de partirmos em busca de outro destino — concluiu João.

Após tais considerações, fizeram as orações da noite, rogando a Jesus amparar a todos da localidade, principalmente aos verdugos daquelas pessoas humildes. Ninguém nasce destinado a fazer o mal, pelo contrário, Deus tudo faz para que seus filhos percorram o caminho do bem e da verdade. Todavia, o homem fazendo uso do seu livre-arbítrio acha mais fácil enveredar pelos atalhos da ilusão, dando vazão ao egoísmo e orgulho, complicando portanto a própria vida.

Os espíritos através de incontáveis vidas adotam os mesmos costumes. Os séculos vão se sucedendo e as criaturas encontram dificuldades para abandonar hábitos enraizados em suas almas. Enquanto o ser não se conscientiza das próprias imperfeições morais, não consegue vencê-las.

Chicão e seus comparsas vibravam de alegria quando apanhavam alguém em falta. Após castigá-lo, levavam a vítima à presença do senhor Jerônimo, que os elogiava pelo cumprimento do dever, premiando-os financeiramente e concedendo-lhes folgas para que pudessem se divertir na cidade mais próxima. Até quando as coisas ficariam assim? Não o sabemos.

João e Lena agora sabiam que a dor é instrumento de purificação. Quanto mais o ser sofre mais se burila e se capacita a cometimentos nobres no porvir. Nada ocorre sem esforço próprio. Se a

peessoa não tem condições íntimas favoráveis à obtenção de dádivas espirituais, por certo não as receberá. A culpa é de Deus? Não, absolutamente não!

Deus concede os recursos necessários em favor de todos os seus filhos, sem discriminação, a fim de progredirem e se libertarem das mazelas morais. O indivíduo é que não se posiciona intimamente para merecer as bênçãos do Pai celestial. Quanto mais procuramos nos identificar com Deus através da sua lei de amor, mais O sentimos dentro do nosso coração, nos escaninhos profundos da nossa Alma sequiosa de progresso.

Deus é infinito e eterno, presente em toda parte, logo está ao nosso redor e dentro de nós, contudo para senti-Lo torna-se indispensável viver a sua sábia e justa vontade, servindo aos nossos semelhantes sem outro móvel que não seja o amor cristão.

21 A INFELICIDADE DE MARINA

No dia imediato, Tiana, uma das colonas, trouxe sua filha à presença de dona Cândida. A garota tinha apenas dezesseis anos e estava grávida. Não queria declinar o nome do pai, com medo de ser punida. Contara à mãe que há algum tempo vinha sendo forçada a manter relações sexuais com um dos cafajestes da fazenda, pessoa da confiança do patrão. Se Marina não acedesse aos seus apetites animalescos, seus pais seriam perseguidos e prejudicados. Assim, com medo e para poupar os pais, submetia-se à vontade aviltante do canalha.

Chicão e os comparsas foram chamados à presença de dona Cândida. Inteirados da ocorrência negaram peremptoriamente, até pareciam uns "anjinhos". Marina nada dizia, aterrorizada com o que poderia acontecer aos seus pais, como represália.

À noite, Lena e João, trocaram alguns pontos de vista a respeito, lastimando o sucedido, até porque o crime fora praticado contra uma menor de idade, indefesa e despreparada para a vida.

— Você soube Lena, o que o Manoel, peão da casa cinco, disse?

— Não.

— Ele acha que para esses crimes só mesmo a pena de morte. Depois de punir alguns com a pena capital, os outros com medo de seguirem o mesmo destino, pensariam mais antes de ousarem a mesma proeza — informou João.

— Não partilho dessa opinião. Se Deus é justiça ilimitada, nada ocorre à sua revelia. O que Marina infelizmente está sofrendo é um reflexo de atitude igual que teve no passado a dano de alguém. A hora é de colheita — sentenciou Lena.

— Certamente. Ainda mais, dependendo de como o acontecimento será encarado, as coisas podem melhorar ou piorar. Não podemos igualmente esquecer que todos os renascimentos recebem o aval divino, sem o que as reencarnações jamais se dariam.

— A Tiana que aconselhe a filha a aceitar com amor o neném. Os integrantes de uma família, quase sempre, são criaturas ligadas entre si desde o passado longínquo e que, por misericórdia divina, se reuniram mais uma vez em busca de reconciliação e progresso moral — afirmou Lena.

E, confiante na justiça de Deus, falou João:

— O responsável que aguarde o momento da reparação do delito, expiação do crime. As leis que governam o Universo não falham nem tampouco se omitem, dando a cada um segundo as suas obras, conforme deixa bem claro a Boa Nova do Cristo.

E demonstrando seguro conhecimento do assunto, comentou a jovem:

— Feliz daquele que conhece a verdade e procura vivê-la intensamente durante suas experiências do dia-a-dia. A pena de morte não passa de mais uma violência e nós sabemos que as violências geram violências. Essa a verdade, João.

Ao encerrar a conversa da noite, antes que cada um fosse para o seu quarto, disse João:

— Não é fácil aceitar certos fatos, quando não se conhece a gênese dos mesmos. É por isso que o Espiritismo é uma Doutrina consoladora, porque faz luz nos mais intrincados problemas com lógica irrecusável. Lena, procuremos auxiliar tanto quanto possível não só à Marina como também aos seus pais que, por certo, estão sofrendo demais.

Decorridos alguns dias, João conversou com Pedro, genitor de Marina, procurando aconselhá-lo a não fazer nada contra ninguém; seria embarçar mais a vida, já bastante complicada.

— Pedro, seja inteligente, aceite as coisas como estão, nada de revolta. Você tem outros filhos que precisam do seu amparo; tomar uma atitude drástica contra alguém, implicará em receber igualmente outras represálias. Por outro lado, colocando-se uma pedra em cima, logo mais tudo estará esquecido. Quem sabe se a criança que vem aí é um dos nossos amigos de outras vidas que deseja nos ajudar a vencer as agruras do caminho? Pense bem. Sempre que precisar de algo me procure, sou seu amigo e estarei incondicionalmente à sua disposição.

Lena seguiu o exemplo de João, orientando Tiana, para que ela a seu turno amparasse carinhosamente a filha, que se sentia tão desditosa.

— Tiana, Deus sabe de tudo e no momento certo a auxiliará. Aceite o netinho com amor, ele está chegando para alegrar sua vida e sua modesta casa. Esqueça as circunstâncias do seu nascimento. A vontade de Deus deve ser aceita com humildade e submissão. As vicissitudes de hoje são o remédio adequado ao nosso mal, reabilitando-nos de vez, libertando-nos dos delitos cometidos impensada mente em Vidas pretéritas. Eu sei que as minhas palavras não estão sendo bem entendidas por você, porém eu voltarei outras vezes para lhe contar muitas coisas bonitas e que a amiga ainda desconhece — completou Lena.

— Muito obrigada. Venha sempre.

Os genitores de Marina, considerando o fato da maneira enfocada por Lena e João, sentiram-se menos infelizes, aceitando a vontade divina. Conversaram depois longamente com a filha, colocando-se ao seu lado, sem qualquer restrição, até porque Marina fora forçada a aceitar tal situação, para defendê-los de graves represálias. Tinham agora condições de avaliar e discernir bem os fatos. Sua querida filha fora vítima de um canalha que merecia piedade, porque não sabia o que havia feito. Contraíra uma dívida que deveria ser resgatada com dores e lágrimas em circunstâncias idênticas.

Marina e os seus pais estavam resgatando igualmente delitos cometidos em outras vidas. A lei de Deus é soberana, age com justiça e misericórdia, dando a cada um dos seus filhos, conforme suas necessidades e merecimentos.

22 ENERGIA E AMOR, DOSADOS

A chegada de um neto é sempre um presente maravilhoso, até porque os avós são genitores duas vezes. Pedro e Tiana aguardavam o nascimento do filho de Marina em intensa expectativa, o mesmo não acontecendo com a gestante, tendo em vista as condições de violência em que concebera. A violência deixa sulcos fundos na alma, enfermado-a por longo tempo. Certos episódios somente o tempo consegue apagar, porém sempre que os mesmos retornam à nossa mente, passamos a revivê-los e o sofrimento volta à lembrança trazido pelas marcas do passado. Aproximêmo-nos de um lago de águas límpidas e tranqüi las, basta mexermos com uma vara as suas profundezas e a água se tornará lodacenta e fétida.

Os ideais de Marina eram bem diferentes; ter filhos, sim, a maternidade constitui uma bênção divina. A mulher, quando mãe, alcança níveis de felicidade jamais pressentidos ou vislumbrados. Até nos momentos mais ásperos, a mãe sempre encontra coragem e forças para lograr o melhor. Os misteres maternos são feitos de dedicação e renúncia. Quando o filho se apresenta com sérias limitações, tanto físicas quanto mentais, aí então ela se desdobra em atenções e cuidados, ultrapassando as suas normais possibilidades de amar. Desdobra-se em tarefas sacrificiais, porque o doentinho é seu filho, fruto das suas entranhas, dependente do seu afeto, carente dos seus cuidados maternos.

Marina queria ter filhos, porém não frutos de estupro e sim do amor desmedido entre duas criaturas que se querem, que se procuram, no sentido de se completarem mutuamente, logrando ideais sublimes. Pedro e Tiana, orientados por João e Lena, esforçavam-se para olvidar o triste episódio que envolvera sua filha. Por outro lado, Marina não se mostrava tão resignada com a situação. À noite muitas vezes tinha pesadelos horríveis, acordando aos gritos, despertando os genitores e os demais irmãos.

Lena e João, sempre que possível, procuravam esclarecê-la, com relação ao nascimento do filho.

— Nós estamos solidários com você — dizia Lena. — Contudo, não podemos esquecer que todos os renascimentos levam o aval da Espiritualidade maior, sem o que ninguém consegue retornar à face da Terra para nova peregrinação de aprimoramento espiritual.

— Perfeitamente — aduziu João, que ouvia com atenção as ponderações da amiga.

— Você venceu uma etapa das mais difíceis da sua vida, resgatou uma dívida das maiores, dê pois graças a Deus. Aguarde com muito amor a chegada do bebê. Que seja forte, saudável, inteligente — finalizou Lena.

Marina sorriu... um sorriso triste... mas era finalmente um sorriso, isso o que importava aos seus dois amigos sinceros, que tudo fariam para ajudá-la a superar heroicamente as agruras de sua vida.

A gravidez correu normalmente, sem qualquer contratempo. Marina poupou-se fisicamente, sem deixar de trabalhar, mas jamais se excedia. Com base na orientação recebida, procurou alimentar pensamentos otimistas, deixando as amarguras de lado, até porque tristezas não pagam dívidas", diz a sabedoria popular.

Na medida do tempo disponível e dos recursos monetários, foi fazendo o enxovalzinho do bebê, agora já esperado com carinho. As mães são as criaturas mais generosas do mundo, sempre dispostas a darem tudo em favor da sua prole, muitas vezes recebendo em troca ingratidões. Quando os filhos são educados com "energia e amor dosados" crescem mais conscientes das suas obrigações e deveres, correspondendo aos anseios paternos.

Hoje em dia, com o modernismo, as coisas estão ficando cada vez mais difíceis, tendo em vista a excessiva liberalidade concedida pelos pais sem a conscientização dos percalços que a vida oferece. Liberdade sem responsabilidade, leva os jovens despreparados a cometerem graves deslizes, com sérias repercussões dentro da família e da sociedade.

Incontáveis pessoas alegam que as crianças atualmente são mais difíceis de serem educadas, considerando a vivacidade e inteligência que revelam. São de opinião que antigamente era bem mais fácil cuidar dos filhos. Realmente, os menores hoje são muito mais espertos que ontem, porém os pais de agora, pela escolaridade que têm e pela vivência que desfrutam, também têm maiores recursos para educá-los que os pais da geração passada. Crianças mais inteligentes com pais melhor capacitados para orientá-las.

O que realmente muitas vezes ocorre é a omissão paterna em incontáveis casos. O alheamento dos genitores tem levado os menores a acompanhar outros conselhos nem sempre dignos, na maioria das vezes até condenáveis. Como fuga, entregam-se depois aos vícios, notadamente os tóxicos.

Convém ressaltar a grande responsabilidade dos pais diante dos filhos, entezinhos confiados por Deus à sua guarda. Um dia terão de dar contas da tutela que receberam. Na educação dos filhos como em tudo na vida, devem andar juntos a sabedoria e o amor, grandes remédios na redenção da Humanidade.

Marina aguardava o futuro filho com ansiedade, aprendera a amá-lo, graças às orientações amorosas e sábias de João e Lena. Pedro e Tiana, a seu turno, também viam na chegada do netinho, um acontecimento dos mais jubilosos, ambos gostavam demais de crianças. Seriam na certa avós corujas.

Apesar da miséria em que viviam, nada impedia de sonhar alto com a geração futura. Assim é que vivia o velho casal, Pedro e Tiana.

O nome que dariam ao menor ainda não tinha sido cogitado. Seria o mais bonito possível e deveria ser tratado como um reizinho, com muito amor e cuidados especiais, para que crescesse gente, gente com "G" maiúsculo, como afirmava Pedro, o futuro vovô, com euforia.

23 SEVERA ADVERTÊNCIA

Jerônimo chamou Chicão à sua presença, juntamente com os três capangas: Tibúrcio, Leôncio e Tonho, a fim de adverti-los a respeito da violência cometida contra a menor Marina. Ela não queria apontar o responsável pelo estupro. Os quatro comparsas tinham um pacto de silêncio e estavam

demasiadamente comprometidos em uma longa série de delitos, daí a razão porque nenhum deles se atreveria a citar o nome do culpado pela crueldade.

Ao entrarem na varanda da casa grande, Jerônimo olhou-os de frente, bem nos olhos, como a desafiá-los.

— Estou para conversar com vocês há algum tempo; não procurei fazê-lo antes, porque julguei melhor realizar uma investigação por minha conta no sentido de descobrir o responsável pela violência feita a Marina — falou Jerônimo.

Eles não se manifestaram, estavam imóveis, nenhum músculo de suas faces se contraiu, dando a impressão de serem as pessoas mais inocentes do mundo.

— Como nada consegui de concreto, resolvi ter uma conversa séria com vocês; não quero que aleguem ignorância mais tarde. Não gostei nada do que foi feito. Como a menor nada quer dizer, temendo uma represália contra seus pais, parece que teremos um caso insolúvel — o fazendeiro fez nova pausa e se pôs a examinar melhor os quatro empregados. Depois de alguns minutos retomou a palavra:

— Vocês sabem que eu sou um homem enérgico, não tolerando violência com meninas aqui na fazenda. Castigo, sim, os preguiçosos e os revolucionários que causam problemas à propriedade. Quem é disciplinado e trabalhador tem tudo comigo. Um de vocês quatro é o autor da violência contra a filha do Pedro. Quero só ver com quem vai se parecer a criança. Será a melhor e mais segura maneira de se apanhar o criminoso. Mais dia menos dia, saberemos de tudo, aí então iremos acertar as contas. Contudo, quero deixar bem claro que outro crime dessa espécie não será tolerado. Os quatro serão responsabilizados e como tal punidos severamente. Ouviram? Muito cuidado, quem avisa amigo é!

— Patrão... — começou a falar Chicão.

— Não quero conversa, se você não quer apontar o criminoso, nada de papo fiado. Já falei o que era necessário. Quem tiver medo de ser punido com rigor, que seja inteligente e ande na linha. Não gostei nada do que aconteceu. Agora ao trabalho... ao trabalho! — finalizou Jerônimo, um tanto alterado.

Convém esclarecer que Jerônimo igualmente não era flor de se cheirar. Cheio de artimanhas procurava realizar as suas intenções sem considerar os meios ilícitos que eram empregados para tanto. Como fazendeiro, explorava os colonos, pagando pouco e prendendo-os a compromissos financeiros, impossibilitando-os de abandonarem, a fazenda. Concedia apenas o estritamente necessário, nada mais.

O abuso cometido contra Marina poderia trazer graves consequências, daí sua atitude contra os quatro cafajestes, deixando bem claro com relação às punições que seriam aplicadas aos reincidentes. Jerônimo tomara tal posição atendendo também a um pedido feito pela esposa que de modo algum tolerava comportamentos animais em detrimento dos desprotegidos da sorte.

A advertência surtira efeito, o clima era outro, até quando? Não o sabemos.

Transcorreram alguns meses, sem maiores novidades. Chicão e seus companheiros passaram a respeitar os trabalhadores, naturalmente para não dar motivos de desagrado ao patrão. Poucas vezes eram vistos juntos conversando, para não dar a impressão de insubordinação contra as ordens emanadas. Eles sabiam que a corda arrebenta sempre do lado mais fraco.

Além disso, como já foi dito, Chicão alimentava desejo de se casar com Izaura, logo não queria de modo algum desrespeitar as ordens recebidas. Qualquer desentendimento nesta altura com o senhor Jerônimo poderia ser fatal aos seus objetivos. Se bem que, ninguém conhecesse seus propósitos inferiores, nem mesmo os amigos. Ele sabia que o segredo é a alma do negócio. É isso mesmo, para Chicão o casamento era um negócio, apesar de sua paixão doentia pela moça.

A legítima felicidade não é deste mundo, se levarmos em conta a imaturidade e a ignorância em que a Humanidade ainda vive. Contudo, todas as pessoas que estão satisfeitas com o que possuem, que não têm em mira conquistas absurdas e que confiam na sabedoria e justiça de Deus, são ditosas.

A felicidade eterna somente será lograda quando o homem estiver quite com seu passado de delitos, tiver conquistado evolução intelectual, moral e espiritual, quando for plenamente conhecedor de todas as coisas que a escola do mundo oferece em termos de progresso espiritual. Assemelha-se ao aluno que somente conseguirá diplomar-se quando dominar todas as disciplinas escolares, obtendo as notas indispensáveis à conclusão do curso.

Se na Terra é assim, apesar da confusão reinante, na Espiritualidade os valores serão avaliados corretamente, sem falhas nem omissões. As conquistas sublimadas dependem de boa vontade, esforços, perseverança e amor.

Forçar situações sem merecê-las, como era pensamento de Chicão, é complicar a vida e atrair para si sofrimentos inesperados e reparações dolorosas.

24 A PERSPECTIVA DE FUGA

Carlos e Izaura — os filhos do fazendeiro — voltavam da cidade, onde foram fazer algumas compras para a mãe e vinham radiantes com a notícia do que souberam. No dia quinze do mês seguinte aconteceria uma vaquejada. Nas praças da cidade a Prefeitura Municipal havia colocado grandes cartazes dando informações sobre a festa. Era a primeira vaquejada na região, reunindo os maiores peões em grandes desafios, inclusive grandes apostas seriam feitas, movimentando os mais bem aquinhoados apostadores.

A Prefeitura Municipal era a promotora do evento e não regatearia dinheiro na realização em pauta. Nessas ocasiões as coisas são feitas com fundo político. Os recursos são da Municipalidade, e os lucros auferidos de alguns politiquieiros ambiciosos em conquistar posições mais elevadas, quem sabe até visando uma vaga nos escalões mais altos da política nacional.

Lena ouvira tudo sem emitir palavra, os jovens estavam eufóricos. Afinal a competição agitaria a região, há muitos anos monótona. O pessoal da casa grande incontinentemente passou a fazer projetos. Todos queriam comparecer à festa e competir, além da oportunidade de rever amigos da redondeza.

Quando Jerônimo chegou à noite para o jantar, foi inteirado do assunto. A surpresa foi das melhores, pois assim teria a possibilidade de levar alguns animais para as competições, como também adquirir alguns espécimes de excelente linhagem para cruzar com os seus, obtendo descendências mais fortes e saudáveis e até mais produtivas de leite. Ele estava também inclinado a

comprar alguns cavalos, desde que fossem puro-sangue. Antevia a possibilidade de passar a criar cavalos de corrida. Alguns amigos lhe disseram tratar-se de ótimo investimento, caso os animais fossem bem selecionados.

A notícia propagou na "Alvorada" como fogo em mato seco. Todos ficaram entusiasmados, ninguém cogitava ficar de fora, todos queriam participar das porfias e poder assim concorrer aos ambicionados prêmios. O primeiro colocado ganharia um cavalo de raça apurada, comprovada em "pedigree". Quem abischoitasse esse prêmio, teria na certa ganho algumas dezenas de milhares de cruzados.

Contudo, havia um porém. Os colonos deveriam permanecer na fazenda, sob o comando de alguém que fosse de confiança do proprietário. Quem seria a pessoa indicada para a tarefa de retaguarda, zelando pela disciplina na "Alvorada"?

A data aprazada para o evento se aproximava, todos estavam contentos. Jerônimo mandou o filho à cidade para conseguir um cartaz e o regulamento das competições. Assim todos ficaram cientes de que a festa tomaria toda a tarde, prolongando-se até à noite, quando aconteceria um grande churrasco oferecido pela Prefeitura a todos os munícipes.

Jerônimo inscreveu nas competições alguns homens da fazenda afeitos ao trabalho de vaqueiros, cuja experiência e habilidade no campo eram notáveis. Representariam a "Alvorada". As inscrições foram pagas por ele, os prêmios, conseqüentemente, seriam dele também, cabendo porém aos participantes uma percentagem sobre o valor do galardão conquistado, como incentivo à luta no sentido de se aureolarem vencedores.

João e Lena viam os acontecimentos sob outro prisma. A fazenda por certo ficaria com pouca vigilância durante toda a tarde e boa parte da noite. Os peões da fazenda eram dados a bebedeiras, isso facilitaria em muito os planos de fuga dos dois. Todos voltariam altas horas da noite embriagados.

— Lena — disse João — a oportunidade de fugirmos está próxima. Não podemos perdê-la. Temos de planejá-la com cuidado e segurança, nenhum detalhe poderá escapar. Trata-se da nossa liberdade!

— João, mesmo assim é muito arriscado. Você conhece bem o pessoal daqui, não gosta de perder para ninguém. Não quero ser castigada... tenho medo...

— Você prefere ficar aqui levando vida de escrava a tentar a liberdade a que temos direito como filhos de Deus? Vamos preparar e programar tudo direitinho, sem medo nem precipitação.

— Ainda faltam dez dias, acho que o tempo é suficiente, porém só de falar sinto um friozinho na barriga.

— Lena, a distância a vencer não é pequena, contudo teremos muitas horas à nossa disposição. Fugiremos tão logo anoiteça. Enfrentaremos o desafio, confio em Deus!

— João, e se não der certo?

— Não pense nisso. Pensamentos negativos atraem vibrações más que nos desajustarão frustrando a fuga. A partir de hoje faça uma seleção de objetos, não vamos levar todos, apenas irão conosco os indispensáveis. Eu procederei da mesma forma. Os primeiros a serem selecionados serão os livros espíritas, sem dúvida. As suas lições têm sido o nosso roteiro de vida.

— Na semana que anteceder à fuga, trataremos de nos alimentar melhor, tanto quanto possível. Pegarei ainda alguma coisa para a viagem. Como trabalho na cozinha, tratarei de desviar algum alimento com essa finalidade — alvitrou Lena.

— Se conseguirmos um animal iremos pelo caminho de terra batida, caso contrário nos embrenharemos pela mata, por lugares difíceis, porém mais confiáveis ao nosso ideal.

O diálogo terminara aqui, mas seus pensamentos continuaram noite adentro martelando seus cérebros.

25 CAMINHADA EXAUSTIVA E DIFÍCIL

No dia da vaquejada, pela manhã, a "Alvorada" viveu horas de intensa expectativa. Os peões saíram bem cedinho fazendo todo o percurso a cavalo. A cidade distava dali quatro ou cinco horas bem caminhadas. Jerônimo e sua família, mais o pessoal em serviço na casa grande, seguiram mais tarde, porém de camioneta. Na carroceria do veículo foram colocados bancos, bem adaptados e seguros. Na propriedade ficariam os trabalhadores do campo (os cativos), mais João e Lena, que sequer foram consultados a respeito, temendo suas fugas, facilitadas pelo povo que naturalmente afluiria de toda região. Benjamim foi o escolhido para cumprir a tarefa difícil de tomar conta de tudo, evitando-se assim possíveis surpresas.

De um lado tudo era feito em relação a vaquejada da tarde, envolvendo brincadeiras e desafios, com farta venda de pipocas, amendoim torrado, cachorro-quente, bolos, doces variados, refrigerantes e bebidas. A cachaça, principalmente, iria correr livremente. Tudo festejado ao som de uma banda barulhenta, composta às pressas de músicos da região. Por outro lado, Lena e João também não se descuidavam dos preparativos para a fuga. Os objetos foram selecionados, começando pelos livros espíritas. Levariam pouca coisa: uma muda de roupa e alguns alimentos, além de pequenas utilidades.

João sabia que teriam que andar a noite toda, por atalhos difíceis, às escondidas para não serem vistos e qualquer descuido poderia ser fatal ao projeto. O pessoal da "Alvorada" era muito conhecido na região, assim precisavam fugir sem deixar rastros, uma informação de alguém poderia frustrar a fuga e, conseqüentemente, a tão alimentada libertação do cativo que suportavam há mais de cinco anos.

Assim que o dia terminou, João que conversava com Benjamim, lhe disse:

— Amigo, já é hora de irmos para casa. Hoje estou mais cansado que nunca, talvez pela correria motivada pelos preparativos da vaquejada. A esta hora todos estão comendo churrasco e festejando os vencedores. O que não deve faltar igualmente é bebida. Amanhã teremos notícias.

— Graças a Deus aqui tá tudo bem. Eu tamem vô dromi. Num sei que hora o pessoar chega, tarveis de madrugada, perto du amanhece. Boa noite, Juão.

— Boa noite, Benjamim, durma bem — finalizou João.

João voltou para casa às pressas, Lena já o aguardava ansiosa. Fizeram uma breve leitura do Evangelho, à luz de uma lamparina, em seguida preces rogando aos Benfeitores espirituais ajudá-los na libertação do cativo. Apanharam suas coisas, os livros, alguns lanches feitos às escondidas, alimento para um dia, não mais, e partiram sorratamente. Benjamim, àquela hora já estaria dormindo, bem como os demais companheiros que ficaram na propriedade, considerando que o dia de trabalho na "Alvorada" iniciava às primeiras horas da manhã.

Como não conseguiram animal de montaria (os da fazenda foram utilizados pelo pessoal que foi à cidade), tiveram que seguir a pé. A noite estava clara, a luminosidade da lua os ajudaria na fuga, teriam que caminhar entre as árvores e afastados do rio, para não serem vistos por possíveis pescadores.

— Lena... a caminhada vai ser dura... confiança em Deus, não estamos fazendo nada de condenável. Afinal precisamos continuar nossa vida, conquistar novas experiências e alguém me diz bem no fundo do coração que é chegada a hora de partirmos em busca de novos caminhos.

A moça não respondeu de imediato, por estar orando, rogava a Jesus forças para poder vencer mais aquela jornada, das mais ásperas, por sinal. Todavia, levavam na alma a certeza de não estarem realizando nada de reprovável aos olhos de Deus. Se o Pai celestial concede liberdade a todos os seus filhos, por que então levarem vida de escravidão, submetidos a duros trabalhos, pouca alimentação e castigos pelas possíveis falhas ou esquecimento dos deveres impostos pela força bruta?

— Desculpe-me João, se eu não respondi de pronto. Estava orando por nosso êxito. Deus está conosco, tenho certeza. Não estamos fazendo nada de errado. É bem verdade que não há inocentes na face da Terra, tudo o que passamos tem uma razão de ser.

— A noite está agradável. A lua revela-se nossa companheira, clareando o caminho a percorrer. Precisamos muita atenção, se houver algum movimento suspeito procuremos nos ocultar sob as árvores. Não podemos facilitar. Tenha cuidado em não se machucar. Caminhemos com firmeza e resolutos, a vitória será nossa!

Andaram sem descanso até às primeiras horas do dia, alimentando-se com os sanduíches e matando a sede com a água de uma garrafa, dispensando-a pela manhã, já vazia. Muitos quilômetros foram vencidos, sempre em linha reta, distanciando-se assim o mais possível da fazenda. Pela manhã, quando o sol despontava no horizonte, João subiu a uma árvore para descortinar melhor a situação e saber se havia uma estrada à vista.

— Lena... Lena... estamos salvos! A estrada não está muito longe, graças a Deus! O nosso esforço não foi em vão. Vamos querida amiga, lutemos mais um pouco. Eu posso avaliar o seu cansaço. Andar toda a noite entre obstáculos não é nada fácil — avaliou João.

João deu o braço a Lena, a fim de andarem mais depressa e ganharem a estrada. Deus estava com eles. O primeiro caminhoneiro que passou lhes deu carona.

26 CAÇADA FRUSTRADA

Jerônimo e a família, mais o pessoal da casa grande, regressaram por volta das duas horas da madrugada, bastante cansados. Os trabalhadores do campo têm o hábito de se deitar bem cedo para poderem assumir as ásperas tarefas logo às primeiras horas do dia. Os homens chegaram alterados pelas bebidas ingeridas e ficaram conversando mais um pouco. As mulheres recolheram-se rápido. Benjamim acordou com o barulho que fizeram e veio ao encontro deles.

— Como é, Benjamim, tudo bem? — perguntou Jerônimo.

— Sem novidade, patrão, tudo bem — respondeu o subordinado humildemente.

— Melhor assim. Na cidade deu tudo errado, nossos homens são uns frouxos. Ninguém conseguiu fazer nada certo, perdemos todas as apostas, foi um dia de fracassos. Ao final da tarde começou o churrasco, aí então encheram--se de carne e de pinga. Só tivemos despesas. Os animais estavam muito caros, preços exorbitantes, não compramos nenhum. Quantos projetos desfeitos! Bem, estão dispensados, vamos dormir um pouco, o dia não demora a clarear — terminou Jerônimo, afastando-se do grupo.

Os demais que foram a cavalo, somente chegaram pela manhã. Saíram antes e retornaram depois. Estavam cansados e sujos. Não havia ninguém machucado. Durante as porfias dois homens ficaram bastante feridos e uma dezena deles com escoriações pelo corpo, em virtude das inesperadas quedas, contudo não pertenciam à "Alvorada".

Assim que amanheceu o dia, dona Cândida notou a ausência dos dois serviçais mais importantes na casa grande. Lena não se apresentara na cozinha e João também não dera o ar de sua presença. Os seus pertences em sua maioria estavam nos quartos. Jerônimo, inteirado a respeito do ocorrido, mandou chamar Benjamim à sua presença.

— Como é moço, você disse que tudo estava bem, então o que você tem a dizer da fuga do João e da Lena? — inquiriu ríspidamente o fazendeiro.

— Eu vi, eles entraro nu quartu pra drumi. Malditus! Malditus!

— Corram a fazenda, vejam se falta algum cavalo... chamem o Chicão. Não podemos abrir mão deles. Nunca ninguém fugiu daqui e não será desta vez! — Jerônimo estava realmente transtornado com o episódio.

Logo em seguida vieram os homens incumbidos de verificar a falta de algum animal, acompanhados de Chicão.

— Patrão, falta o "Maiado" — informou alguém. O Malhado era um cavalo já velho que havia ficado na fazenda, pois não tinha condições físicas para acompanhar aos demais na viagem.

— Se foram com o Malhado não estão longe — adiantou Chicão. — Eu vou procurá-los e trago-os debaixo de chicote. Vou providenciar a caça. Irão comigo o Tibúrcio e o Tonho. Sairemos a seguir. Vão ver "com quantos paus se faz uma canoa."

Em menos de quinze minutos, ouviu-se um tropel de cavalos, eram os três que partiam em busca dos fugitivos. Percorreram o longo caminho de terra batida até a estrada asfaltada. Gastaram várias horas e nada de vestígios dos dois.

— Voltemos ao ponto de partida e percorramos os atalhos. Cada um de nós seguirá por um caminho diferente, aquele que os encontra dará um tiro, alertando os companheiros do êxito. Está certo? — perguntou Chicão.

Assim foi feito, regressaram ao início da estrada, o percurso era longo. Cumprida essa etapa, saíram pelos atalhos, cada um em uma direção, sem lograr resultados satisfatórios. Ficaram embrenhados na mata a tarde toda, deram uma busca em regra, nada ficou esquecido, todas as direções foram devidamente checadas, nada dos dois! Onde teriam ido? Não havia moradias nas proximidades da fazenda, Jerônimo não permitia vizinhança. As estradas de movimento ficavam bem distantes, impossibilitando alcançá-las, era preciso conhecer bem o terreno e em que ponto elas estavam mais perto da propriedade.

À noite, exaustos e famintos, regressaram à "Alvorada". Jerônimo os aguardava; vendo que vinham sozinhos, inquiriu-os:

— Então os pombinhos fugiram a pé e vocês nem sequer puderam alcançá-los. Vocês são uns frouxos, isto sim. Molóides, não prestam para nada!

— Patrão, eles não foram com o Malhado? — perguntaram.

— Nada disso! O Malhado foi encontrado amarrado no meio do mato, distante da casa grande. João foi inteligente, soube nos despistar. Enquanto vocês os procuravam no caminho e nos atalhos, eles fugiam a pé sem deixar vestígios.

Abaixaram a cabeça, humilhados. Benjamim, como castigo, foi colocado na cozinha no lugar deixado por Lena, o que era motivo de chacota por parte de todos.

Os jovens conseguiram seu intento, fugir à escravidão; antes de revelar o que lhes aconteceu, aceleremos um pouco o tempo para relatar alguns fatos envolvendo personagens da fazenda "Alvorada".

Marina deu à luz uma linda menina, que recebeu o nome de Lúcia, era o encanto dos avós, compreensivos e generosos. Os esclarecimentos e apoio de João e Lena a Marina e seus pais foram decisivos na vida de Lúcia e motivo de felicidade de todos.

Carlos e Izaura, cansados da vida do campo obtiveram do pai autorização para trabalhar em grande cidade do Estado, queriam conhecer novos horizontes, novos costumes, além naturalmente de se aprimorarem nos estudos.

Chicão, vendo os seus ideais malogrados, também partiu em busca de outro destino. Leôncio, por determinação de Jerônimo, ocupou sua vaga. Os colonos ficaram contentes, porque Leôncio era mais companheiro, mais humano. Tinha a seu cargo a administração da fazenda.

Jerônimo e dona Cândida, depois de longos anos e exaustos da vida do campo, transferiram-se para a cidade, visitando a propriedade de quando em quando.

27 DOIS BENFEITORES

— O senhor para nós é um emissário do céu — falou João —, estávamos perdidos nestas bandas, agora parece que tudo irá bem.

— Os moços tiveram sorte, ninguém pára na estrada para dar carona. Eu mesmo nunca faço, porém não sei dizer porque hoje parei para atendê-los — adiantou o motorista.

— Como se chama? — perguntou Lena.

— Aristides — respondeu —, e vocês?

— Eu sou Lena e ele, João. Não tenha qualquer receio, somos amigos. Graças a Deus o senhor passou e mostrou--se fraterno conosco. Somos imensamente gratos.

Aristides aparentava ter pouco mais de quarenta anos, bastante forte, olhar inteligente, atitudes definidas. Ganhava o seu pão de cada dia transportando mercadorias de um lado para outro. Onde houvesse um carroto para ser feito, ele se apresentava como candidato ao serviço.

— Vocês têm algum destino em mente?

— A cidade a que o senhor for serve para nós. Precisamos de ajuda, queremos trabalhar, qualquer serviço serve — disse João.

— Então vamos em frente, vocês irão comigo, ficam em casa como hóspedes por uns dias e depois resolvem o que fazer.

O desejo de sair dali era tão grande que superou o medo de serem enganados mais uma vez e, assim, com muita esperança arriscaram-se a pedir carona ao primeiro que surgisse na estrada.

Após duas horas de viagem, se tanto, Aristides informou:

— Estamos chegando, minha casa é pobre, não dispomos de muitos recursos, mas gostei de vocês. Enquanto não tiverem outro lugar para ficar, fiquem conosco. Minha mulher se chama Odila. É muito generosa, vai gostar dos dois. Não temos filhos, daí o prazer de auxiliar a todos os que nos procuram. Afinal somos todos irmãos, não é?

— Perfeitamente — concordou Lena.

Chegaram a uma modesta moradia situada nos arredores da cidade. Casa humilde, porém acolhedora. Odila veio ao encontro dos três, sorrindo.

— Olha Odila, eu trouxe dois amigos, estavam perdidos na estrada e pediram carona. Vão ficar conosco alguns dias. No momento, o que eles mais precisam é de um bom banho e, depois, um almoço reforçado.

— Está bem, Aristides. Se são seus amigos também são meus. Faremos tudo que estiver ao nosso alcance em favor dos dois. Estão ligeiramente feridos, providenciaremos um curativo — disse Odila com carinho.

— Estivemos perdidos na mata, caímos muitas vezes, os espinhos dos arbustos nos feriram, porém graças a Deus estamos salvos — exclamou João.

— Muito bem, antes o banho, depois veremos então o que fazer — disse Odila, indicando a porta do banheiro. — Primeiro a moça, depois o rapaz. Há tempo para tudo.

Enquanto Lena tomava banho, Aristides bateu um bom papo com João, na sala, sentados em fofas poltronas. Falando de sua situação, dizia Aristides:

— Moramos aqui há muitos anos, temos ótimas amizades, às vezes penso em mudar, mas Odila não concorda. Está habituada à vida pacata destas paragens. Não quer de modo algum sequer discutir o assunto.

E João intervém falando de suas primeiras impressões:

— É melhor criar raízes do que ficar pulando de um lado para outro. Assim à primeira vista, tenho ótima impressão daqui. Não adianta morar em cidade grande, pode--se até ganhar mais, porém devemos convir que as despesas de manutenção da casa serão bem maiores. Além disso a tranquilidade daqui é contagiante.

— Todos dizem isso da minha casa. Como só pensamos no bem a atmosfera deste lar está impregnada de vibrações boas.

— Certamente.

— É o resultado dos nossos pensamentos e sentimentos harmonizados com o bem e o amor. Como eu já lhe disse, nós gostamos de auxiliar aos nossos semelhantes. Como não temos filhos, buscamos nessas atividades um meio de compensação.

— O senhor tem religião? — indagou João.

— Temos sim, somos espíritas. Contudo, jamais olhamos esse aspecto durante o atendimento. A religião de Jesus era a do amor. Concorda comigo?

— Concordo, sim. Eu e a Lena também somos espíritas, tivemos a felicidade de encontrar dois livros maravilhosos que mudaram completamente nossas cabeças: O Livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo.

— Excelente! Somos então companheiros de ideais. O Espiritismo é luz no nosso caminho, espancando as trevas da ignorância e nos libertando de vez das ilusões físicas.

— Foi Deus que promoveu o nosso encontro. Vou lhe contar a triste verdade de nossas vidas, logo mais à noite. Agora preciso mesmo é de um banho.

Nesta altura dos acontecimentos, Lena deixou o banheiro e João para lá se dirigiu, a fim de se higienizar. Lena foi à cozinha auxiliar Odila a preparar o almoço. Todos estavam famintos.

Aristides continuou onde estava, mergulhado em profundas reflexões. Os jovens inspiravam total confiança e eram dignos de apoio. Tudo faria em benefício dos dois, desejava vê-los felizes.

Aproveitando o momento, fez mentalmente uma oração rogando a Jesus ampará-los, até porque sentia nos escaninhos de sua alma, que aquelas criaturas lhe eram familiares.

28 ACOLHIMENTO FRATERNAL

A tarde, Odila levou os dois visitantes para um passeio na cidade. Não havia muito para se ver. Um jardim central, em cujas ruas laterais estavam situados o prédio da Prefeitura, o cinema, a Matriz e pequenas casas comerciais. Na calçada do jardim, bancas de jornais e de frutas. A cadeia pública e a delegacia estavam a duas quadras dali. Próximo à delegacia podíamos ver um consultório médico e um dentário. A cidade na sua maioria era constituída de casas pobres. Escola só de 1.º Grau, cuja manutenção era de responsabilidade da Prefeitura.

— A cidade é isso que vocês viram — informou Odila —, temos um pouco de tudo que é necessário. Aqui todos se conhecem e se estimam. Não há ladrões e crimes igualmente nunca aconteceram. A

cadeia serve apenas para prender um ou outro indivíduo que se embriaga nos dias festivos e passa a promover arruaças. No dia seguinte, o cidadão é colocado em liberdade.

— Lugarzinho tranquilo para se morar, porém com poucas perspectivas de trabalho — ponderou João.

— Se os hospedeiros não se aborrecerem conosco, pensamos passar algum tempo aqui. O que não queremos é ser inoportunos e inconvenientes — argumentou Lena.

— Considerando o que o Aristides disse a respeito de vocês, podem ficar o resto de suas vidas. Ele tem um sexto-sentido. Sabe das coisas, dificilmente erra — respondeu Odila, sorrindo.

João e Lena precisavam do apoio dos dois e de um prolongado descanso, para recuperar energias e esquecer as amarguras passadas na "Alvorada". O lar de Odila era sem dúvida o lugar ideal para essa recuperação física e mental.

Após o breve passeio, retornaram ao lar, onde os aguardava o dono, ansioso pelas notícias.

— Então, gostaram da "metrópole"?

— Excelente para se morar, levar vida pacata, longe dos problemas tão comuns nas grandes cidades: poluição, carestia, assaltos, crimes — respondeu Lena.

— Concordo em parte...

— João, você concorda só em parte? — interrogou-o Lena.

— Não se esqueça de que são exatamente os problemas e as adversidades que fazem a gente evoluir, ganhar amadurecimento espiritual. Vida fácil não leva ninguém a conquistar progresso.

— Realmente, se olharmos as coisas por esse prisma, não posso deixar de ficar ao seu lado nessa argumentação. Os livros espíritas nos ensinam essas verdades. A luta quando digna aprimora o nosso Espírito, capacitando-o para cometimentos elevados.

— Muito bem, é isso aí — disse Aristides. — Já conversei bastante com a Odila a esse respeito, pois também tenciono mudar-me daqui para outra cidade maior, onde existam mais trabalho e recursos, onde possamos ser mais úteis.

— Eu penso igualmente em ter mais o que fazer, mas aqui até agora jamais ficamos inativos. Há sempre algo para se providenciar. Dificilmente deixamos de servir, há sempre necessitados de compreensão, apoio e ajuda. A paz desta cidade me cativa — concluiu Odila.

— É verdade — concordou o esposo. — Graças a Deus nossos braços não estão cruzados. As oportunidades de servir ao próximo acontecem com frequência. Apenas gostaria de um lugar onde as tarefas fossem bastante diversificadas, possibilitando progredirmos em outras áreas de atividades cristãs. A arrecadação financeira com os carretos seria maior, conseqüentemente, teríamos mais recursos para auxiliar os nossos semelhantes.

— A argumentação do Aristides é forte, um dia terei de acompanhá-lo. Ele tem a sua razão e eu tenho a minha.

Contudo, como esposa preciso acompanhar meu marido. Realmente, podemos servir a Jesus em qualquer lugar onde estivermos. Agora temos que cuidar do João e da Lena, o que vamos fazer com muita alegria.

Aristides estava certo. Quando o potencial de realização é grande, não se pode evidentemente permanecer em lugares onde pouco ou nada é exigido da pessoa. O casal tinha muito ainda para dar de si e os ensejos naquele vilarejo eram poucos. Quando a quantidade de sementes é grande,

torna-se necessário muito chão para semeá-las. Emmanuel, guia espiritual do médium Chico Xavier, esclareceu que "quando o seareiro está pronto, o serviço aparece".

É bem verdade que não se pode ficar inativo, à espera da tarefa e sim atento e disposto, vivamente interessado pelos labores da seara, que é grande e os ceifeiros poucos (Mateus 10:37). Cada um deve fazer a parte que lhe compete, realizando com amor e perseverando sempre no compromisso assumido.

Quando as atividades espirituais fracassam, a responsabilidade do insucesso, quase sempre é do indivíduo, porque assumiu o compromisso despreparado ou então aceitou o envolvimento de adversários espirituais, atraídos pelas suas fraquezas morais e vícios que ainda o dominam intimamente.

Os seareiros bem conscientizados dos seus labores jamais encontram obstáculos insuperáveis, quando almejam auxiliar ao próximo nas suas necessidades e aflições. O bem é uma força invencível, porque tem a sua gênese em Deus. O mal é restrito e passageiro, porque é próprio dos homens.

29 DÉBITOS SALDADOS

No dia imediato, após o café da manhã, João quis saber de Aristides, sobre as atividades do casal, no que tange aos labores espíritas.

— Vocês estão integrados a algum grupo espírita daqui da cidade?

— Cooperamos modestamente em um grupo familiar. A dona da casa, nossa irmã Rosa, possui extraordinária mediunidade de vidência. Seu esposo chama-se Oscar, participa também dos trabalhos. Odila tem mediunidade de incorporação (psicofonia). Eu sou o dirigente das reuniões. Enquanto não surgir alguém capacitado eu vou suprindo a falta e respondendo pela direção.

— Gostaria muitíssimo de conhecer o grupo e participar do trabalho. Até agora só temos teoria, nem eu nem a Lena tivemos a felicidade de assistir a um trabalho mediúnico. Tudo o que sabemos foi aprendido através da leitura do Livro dos Espíritos e do Evangelho Segundo o Espiritismo.

— Os livros citados pertencem à codificação do Espiritismo. Vocês estão bem alicerçados. Devemos conhecer a verdade na sua expressão pura, para que nosso entendimento se desenvolva com naturalidade e convicção. A fé viva é fruto do conhecimento aliado às realizações no campo do amor cristão — esclareceu Aristides.

— Amanhã à noite, iremos à casa de Rosa, para mais uma reunião. Temos a certeza de que vocês vão gostar. O ambiente é humilde e acolhedor. A sinceridade e o desejo de servir são a tônica da reunião — disse Odila.

— Quando você falou em tarefa de servir, lembrei-me de uma passagem evangélica apropriada às nossas ponde rações de agora.

— Qual, Aristides? — perguntou Odila, ávida de novas lições.

— Os discípulos acompanhavam Jesus e conversando disputavam entre si, quem era o maior entre eles, cada um chamando para si aquela honra. O Mestre, conhecendo a pendência, chamou-

os e disse-lhes: "Se alguém quiser ser o primeiro, seja o derradeiro e o servo de todos" (Marcos 9:35).

— Aqui na Terra tudo é bem diferente. As pessoas que se destacam das demais são exatamente as favorecidas pela fortuna, desfrutando de posições de relevo na sociedade, proprietárias de tesouros materiais, transitórios e perecíveis. Os legítimos valores são os espirituais eternos e intransferíveis — afirmou Odila com convicção.

— Eu e Lena — disse João — estamos começando agora, tudo para nós é novidade. Contudo, somos aprendizes estudiosos e dedicados, porque sabemos do valor do estudo e do trabalho, como fatores de progresso. Nossa experiência de vida não foi nada fácil, mas nos deu a vantagem de saber escolher caminhos novos. Conhecemos agora o remédio adequado aos nossos males íntimos. Hoje somos gratos por tudo. À noite, após o jantar, relataremos nossa vida, abrangendo um período de mais de cinco anos.

O diálogo continuou até a hora do jantar, todos queriam expor seus pontos de vista, a respeito dos acontecimentos que tanto infelicitavam a Humanidade, quais sejam: revoltas, guerras, calamidades públicas decorrentes da seca ou então de chuvas torrenciais, frio excessivo, terremotos, incêndios, suicídios, abortos, desastres, violências, etc, gerando sofrimentos indescritíveis e inimagináveis, colhendo a todos de surpresa.

Os fatos eram abordados segundo a ótica espírita, ou seja, à luz do Espiritismo. Quem estuda os conceitos da Terceira Revelação sabe que Deus é infinitamente sábio, misericordioso e justo. Oferecendo soluções que não colidem com a grandeza de Deus.

Tudo na vida tem uma razão de ser. Se a origem do sofrimento não estiver nesta vida, fatalmente estará em outra existência pregressa. O que não se pode sequer admitir é um possível engano ou falha nas leis divinas, eternas e imutáveis. O Criador do Universo estabeleceu normas infalíveis que não podem evidentemente cometer erros a dano das criaturas humanas, feitas à sua imagem e semelhança. À medida que o homem estuda e trabalha, vai pouco a pouco dominando os acontecimentos, adquirindo evolução.

O grupo estava tão interessado na conversação que não sentiu as horas passarem.

— O jantar está na mesa — avisou Odila. Fome é que não deve faltar. Fizemos uma comidinha especial ao João e à Lena, substanciosa e nutritiva.

Realmente o jantar estava uma delícia, todos se fartaram repetindo a porção, depois veio a sobremesa, gostosíssima, e mais tarde um cafezinho, encerrando a refeição.

Em seguida voltaram à sala, quando então João e Lena relataram os lances dolorosos de suas vidas, sem omitir qualquer detalhe. Os jovens não se sentiam constrangidos, ao contrário, havia nos seus semblantes alegria de haverem saldado débitos antigos de existências pretéritas. Consideravam-se cativos em liberdade... liberdade conquistada através de experiências dolorosas.

30 A DESGRAÇA REAL

Na noite do dia seguinte foram à casa do casal Rosa e Oscar, onde se daria mais uma reunião mediúnica, objetivando atender pessoas enfermas que já haviam procurado sem sucesso os recursos da medicina acadêmica na cura dos seus males, sem lograr sequer um diagnóstico exato das suas enfermidades.

"Antes de mais nada, convém esclarecer que há doenças físicas e há doenças espirituais. As doenças físicas são mais facilmente curadas pela Medicina oficial. As enfermidades espirituais, porém, precisam receber terapêutica espiritual.

"Somente os Centros Espíritas, bem orientados, têm condições de atender espiritualmente tais pacientes. Problemas espirituais não tratados adequadamente aumentam cada vez mais, até se tornarem, em muitos casos, insuportáveis.

"Quem sofre, portanto, de um mal de difícil diagnóstico e tratamento deve procurar uma Casa espírita. Conversar com seu dirigente, contar-lhe seu caso detalhadamente e seguir sua orientação espiritual",³

Na cidade não havia um Centro Espírita para atender tais casos, daí a necessidade da reunião domiciliar. Oscar já havia pensado em fundar um Centro, mas considerando a pequenez do lugarejo, optara para a reunião familiar. O grupo era pequeno, mas de boa vontade e perseverava no mister, "dando de graça o que de graça havia recebido" (Mateus 10:8).

A irmã Rosa era uma simpatia. De baixa estatura, um tanto obesa, rosto redondo, olhos vivos, cabelos grisalhos, apesar de não ter atingido a marca dos quarenta anos de idade. "Oscar, alguns anos mais velho, tinha igualmente uma aparência agradável, inspirava confiança em quem tivesse a felicidade de conhecê-lo. Vestia-se com moderação, falava com desenvoltura, mantendo sempre gestos discretos, enfim, tratava-se de um casal de boa vontade e desejo sincero de servir na seara do Cristo.

Feitas as apresentações, João e Lena foram convidados a entrar. A sala onde se realizavam as reuniões primava pela singeleza; aliás, tudo naquela casa era modesto, sem qualquer ostentação, por menor que fosse. No centro da sala uma mesa com seis cadeiras ao seu redor, uma pequena estante com dezenas de livros espíritas, a um canto um televisor, só, nada mais.

Sobre a mesa uma jarra com água, um exemplar de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* destinado à leitura e comentários que precederiam ao trabalho mediúnico, e um caderno em cujas páginas estavam anotados os nomes das pessoas enfermas que aguardavam as vibrações espirituais de reconforto e reequilíbrio físico e mental.

Aristides afastou da mesa duas cadeiras, colocando-as junto à parede e pediu a Lena e João que se sentassem. Os demais companheiros compuseram a mesa de reunião.

— No momento vocês dois precisam ficar fora da mesa, tendo em vista que nunca tomaram parte em reuniões de desobsessão, não obstante já terem bom conhecimento dos princípios da Doutrina Espírita — esclareceu Aristides, que cumpria o mister de orientador do grupo.

Ao seu lado direito, Rosa e Oscar, do outro lado Odila. Todos permaneceram em silêncio por alguns minutos, em mentalizações de amor, com o intuito de harmonizar o ambiente. Em seguida, Aristides, abrindo o Evangelho, leu a belíssima mensagem do espírito Delfina de Girardim, intitulada: "A desgraça real".

³ (1) Livro "Candeia Acesa" — edição ABC do Interior

— A leitura veio ao encontro das minhas necessidades — adiantou João. — Quanto conforto nos oferece o

Evangelho sem pedir nada em troca!

— Realmente estávamos precisando dessa lição que abre novos caminhos ao nosso entendimento — aduziu Lena.

— Os conceitos evangélicos renovam-se constantemente. As entrelinhas sempre falam mais do que as próprias linhas, daí a capacidade de oferecer à nossa reflexão verdades até então desconhecidas. As verdades espirituais vão se desdobrando ao infinito, sem jamais serem superadas, elas representam a lei divina eterna e imutável — Aristides fez pequena pausa, depois continuou:

— A lição é bastante significativa a todos nós. Quantas vezes nos entregamos a preocupações descabidas, que não levam a nada, somente a rudes decepções e, às vezes, até às lágrimas. Os autênticos valores quase sempre são olvidados, colocados à margem. O sofrimento não é uma desgraça e sim um instrumento de purificação de nossas almas ainda um tanto compromissadas com a lei maior. É o pagamento indispensável dos nossos débitos, dos quais não podemos nos furtar de modo algum. Após o pagamento das dívidas contraídas, virão o júbilo e a felicidade de termos vencido duras e ásperas jornadas. Por outro lado, as facilidades que o mundo oferece levam as criaturas a cometer uma série interminável de erros, ensejando a gênese do orgulho e do egoísmo, chagas morais que tanto infelicitam a Humanidade desde os seus primórdios. O que é melhor: sofrer e lograr nossa libertação definitiva ou levar vida de esplendor e riqueza e tornar-se prisioneiro das coisas enganosas do mundo?

Aristides confirmara plenamente o ensinamento evangélico, fixando-o melhor nas mentes dos assistentes.

— Não esqueçamos jamais a lição preciosa do Cristo: "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, acha-la-á". (Mateus 10:39).

31 O ADVERSÁRIO DO PASSADO

Após as vibrações em favor dos enfermos, cujos nomes figuravam do caderno, Aristides deu abertura à parte destinada ao intercâmbio espiritual, convidando a todos os presentes que permanecessem em prece e vigilância, dando assim o melhor de si mesmos em prol das realizações da noite, que visavam auxiliar encarnados e desencarnados na própria reabilitação.

Seguiram-se alguns minutos de silêncio, ocasião em que os Mentores examinavam as possibilidades do trabalho e a viabilidade das comunicações em pauta.

As práticas mediúnicas exigem organização e programação prévias, a fim de colimarem os resultados desejados. Os médiuns que frequentam tais realizações, não devem faltar ao compromisso, pois os Benfeitores espirituais contam com suas presenças, no que concerne às comunicações que precisam ocorrer. A ausência de um médium prejudica todo um esquema previamente organizado, acarretando inclusive, em alguns casos, interrupção na cura dos enfermos.

Os labores mediúnicos são de suma importância e responsabilidade, não podendo ser relegados a segundo plano. Os seareiros mais laboriosos e perseverantes são sempre os Amigos espirituais, que se apresentam bem antes do início da reunião e afastam-se depois do seu término, sem contudo deixar de tomar todas as providências. » Rosa, com sua vidência, auxiliava Aristides a conduzir a contento o seu labor. Logo no início da reunião, Rosa disse:

— Vejo umas manchas escuras na cabeça do João. Os Mentores dizem tratar-se de problemas de fundo espiritual. Essa a causa do seu esquecimento total. Os Guias pedem para que façamos uma vibração intensa em favor da entidade responsável por tal anomalia.

Os presentes empenharam-se em vibrar intensamente, mantendo pensamentos de amor e perdão, pedindo a Jesus auxiliar o irmão ignorante das leis divinas a reconhecer e aceitar seu erro, agravado pelo fato de procurar fazer justiça pelas suas próprias mãos.

— O adversário de João está presente, havia ficado na rua, mas os Mentores foram buscá-lo. Está contrariado, de punhos cerrados dá demonstrações da sua raiva incontida. Afinal, não desejava participar da reunião e sim permanecer incógnito, prevendo o que lhe pode acontecer. Ele não é tão ignorante quanto se possa pensar. Os Guias adiantam que as leituras dos livros espíritas feitas por João e Lena já o ajudaram bastante — falou Rosa.

Realmente, João e Lena jamais deixaram de ler o Evangelho. Diziam tratar-se do livro do coração, pelo bem que trazia às suas almas, minimizando suas aflições. Se a Humanidade entendesse o valor das lições evangélicas, deixariam de existir tantas lágrimas na Terra. Jesus nos aconselhou: "Vinde a mim, todos os que estão cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28).

— Não quero nada com vocês, libertem-me, quero sair daqui — foram as primeiras palavras do espírito vingador, através de Odila.

— Por que ir embora tão depressa se o irmão acaba de chegar? Vamos conversar um pouco — falou o dirigente.

— Não tenho nada a dizer. Tenho direitos sobre ele. Já nos conhecemos de outras épocas.

— Exato. Vocês estão ligados desde o passado. Não é de hoje que vocês se agridem mutuamente em situações alternadas que se estendem através de jornadas passadas. É pois chegado o momento da reconciliação...

— Reconciliação? — interrogou o Espírito.

— Sim, reconciliação. Seja inteligente, quem semeia espinhos não pode colher flores. Cada um de nós edifica o seu futuro, com base naquilo que realiza. O que você está fazendo hoje somente lhe trará problemas. Cada um responde pelo que faz...

— É isso aí... ele está recebendo o que me fez em vida anterior. Eu fui uma de suas vítimas. Chegou a minha vez, pretendo descontar o que sofri.

— Meu amigo, Deus é sabedoria, misericórdia e justiça sem limites. Todo sofrimento que você enfrentou no passado já era pagamento de dívidas antigas, quando então você fez sofrer a vítima de agora. A animosidade entre os dois não é recente. Vamos fazer silêncio por uns instantes e rogar a Jesus que lhe conceda a dádiva de uma revelação de fatos ocorridos no pretérito, não dessa vida que é do seu conhecimento, mas a origem de todas essas ocorrências dolorosas.

Após decorridos alguns minutos, se tanto, ouviu-se um grito de desespero e dor. O espírito havia visto cenas de outras vidas, época em que fizera barbaridades, uma das suas incontáveis vítimas era exatamente João, na ocasião seu subordinado.

Após prolongada conversação e ponderação de lado a lado — doutrinador e espírito — foi possível chegar a um acordo pacífico. Com irrefutável argumentação cristã e com as visões espirituais, o vingativo inimigo do passado se convenceu da verdade, perdendo, prometendo deixar de castigar sua vítima.

— Está tudo certo!... Tudo certo! Realmente o maior culpado de tudo sou eu. Não tenho direito de exigir nada!.. Nada! Ele também já sofreu bastante. Estão dizendo que eu preciso partir. Está bem. Reconheço todos os meus crimes, necessito de forças para vencer minhas imperfeições que não são poucas. Ajudem-me, por favor!

— "Há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos, que não necessitam de arrependimento" (Lucas 15:7). Temos a certeza absoluta de que o irmão será auxiliado a encontrar os legítimos caminhos, embasados na verdade e no amor. Hoje você iniciou uma nova etapa na sua vida, saiba aproveitá-la. Que Jesus o abençoe — rogou Aristides.

— João, perdoe-me. A leitura do Evangelho e as suas orações sinceras em meu favor, muito me auxiliaram. Obrigado por tudo. Adeus. . . — disse, afastando-se em companhia dos Guias espirituais, deixando o jovem livre da sua perseguição.

32 ATENDIMENTO ESPIRITUAL

A reunião prosseguiu normalmente e, ao final, à médium orientou:

— Vamos aguardar mais alguns minutos. Mentores vão aplicar fluidos medicamentosos na cabeça do João, dando início ao tratamento espiritual indispensável à sua completa recuperação. Cooperemos em prece, confiantes na bondade de Jesus — concluiu Rosa.

Todos permaneceram em silêncio por mais de cinco minutos. Em seguida Rosa disse a Aristides que poderia encerrar o trabalho, o que foi feito com uma oração de agradecimento ao Alto pelas dádivas recebidas, bem como às Entidades amigas que dirigiram a reunião.

Após a sessão espírita, comentaram aspectos do seu desenvolvimento, porém o que interessava diretamente aos presentes, era a assistência espiritual feita ao moço enfermo. Fugindo à regra, a senhora Rosa comentou o que viu no plano espiritual.

— Agora já posso dizer alguma coisa do que aconteceu, no momento não era oportuno, tendo em vista a quebra de vibrações — Rosa fez uma pequena pausa, depois retomando a palavra, continuou. — Os Guias fizeram um curativo dos melhores. Primeiro providenciaram a assepsia com algodão embebido em líquido leitoso; a cada aplicação, o algodão ia retirando aos poucos as manchas, tornando-as mais claras; após uma série de aplicações as manchas deixaram de existir, ficando tão-somente vermelhas, depois pincelaram os locais afetados com outro medicamento, encobrendo as regiões doentes com gases. Terminado o curativo, esclareceram que o atendimento final seria feito

após dois dias. João não pode tomar sol, os raios solares dispersariam os fluidos medicamentosos aplicados nos locais enfermos. É conveniente que se mantenha intimamente equilibrado, nada de pensamentos negativos, saiba esperar. Ore e vigie. Os Mentores irão providenciar outros recursos, com o objetivo de que a cura se dê em breve. Durante esses dois dias será medicado espiritualmente à noite.

— Rosa, você acha que podemos ser otimistas, quanto à cura definitiva? — perguntou Aristides, interpretando o pensamento de todos os presentes.

— Tenho a impressão de que sim. As manchas foram eliminadas. A cada aplicação iam ficando cada vez mais claras até desaparecerem, permanecendo só os locais ligeiramente afetados, se assim posso me expressar. Devemos confiar. Os Amigos espirituais farão de tudo no sentido de sanar tais problemas.

— João, tenho a intuição de que você vai ficar perfeitamente saudável e que a sua tarefa em prol do bem-estar alheio ainda não começou. Há muita coisa para ser feita. Essa a minha opinião e eu confio muito na minha intuição — concluiu Aristides.

A expectativa era grande em torno da cura de João. Todos estavam otimistas, mesmo João que às vezes se entregava a pensamentos tristes. Lena, sempre que via o seu amigo um tanto amargurado, intervinha dizendo:

— João, que é isso? Nada de pensamentos pessimistas! As vibrações negativas acarretam prejuízos, mormente no seu caso, atraindo elementos causadores de desarmonias íntimas, prejudiciais às providências que estão sendo atualmente tomadas no plano espiritual com vistas a sua cura completa!

— Você tem toda razão. Contudo, a pressão que sempre sinto na cabeça, traz desânimo ao meu coração, amortalhando-o em pesares, em sombras densas de dúvidas, porém é só por um momento, assim que penso em Jesus, tudo se dissipa como que por encanto e volta ao normal. Afinal só estou pagando o que devo, nada mais.

Durante os dois dias que se seguiram, João seguiu à risca a orientação do Mentor. Nada de sair de casa, permaneceu grande parte do tempo lendo o livro "Nosso Lar", de autoria de André Luiz. Estava maravilhado com as informações dadas pelo autor da obra, com relação às atividades dos espíritos no espaço. Pensando bem, não poderia ser de outra forma. A Natureza não dá saltos, isso implica em dizer que todos os indivíduos que se despedem deste mundo, vivendo conflitos íntimos, continuam na erraticidade da mesma forma. Logo, há necessidade de entidades benfazejas para atendimento amoroso desses infelizes.

O Espírito Santo não é uma individualidade e sim uma coletividade de seres redimidos que cumprem a vontade de Deus e de Jesus na Terra no atendimento da Humanidade sofredora, tanto encarnada quanto desencarnada. O trabalho a realizar é dos maiores e igualmente dos mais meritórios, se considerarmos os problemas aflitivos presentes em toda parte. Todavia, onde há angústia e sofrimento, existe também o remédio salvador. É a misericórdia do Pai celestial para com os seus filhos ainda distantes dos legítimos valores da vida.

João verificou através dos ensinamentos da obra que quanto mais o Espírito evolui mais trabalha. O trabalho é fator de progresso. A ociosidade é entrave dos mais perigosos e prejudiciais, retardando a evolução dos seres a caminho da luz. Todavia, ninguém está irremediavelmente perdido; quem

não atender aos chamados divinos amorosamente, um dia conhecerá a dor, como elemento de depuração. Assim como os metais depuram-se sob o calor do fogo, também os seres humanos refinam-se sob a ação da dor no cadinho do tempo. As frutas verdes são colocadas na estufa para ganharem amadurecimento mais rápido; os seres humanos também sofrem um processo análogo na estufa da dor, a fim de lograrem mais rapidamente a conscientização de que somente o bem e a verdade são os veros caminhos da vida, de libertação e felicidade eternas.

A leitura do livro em trato, e a meditação proveitosa que as suas lições ensejavam, auxiliaram extraordinariamente a recuperação de João, muito mais do que seria justo precisar.

O jovem sofreu calado, como não tinha com quem se comunicar, exceto Lena, foi suportando sua amargura mental, aceitando os longos anos de cativeiro na fazenda "Alvorada". Todavia, surgiu a oportunidade da sua libertação a do atendimento espiritual.

33 CONFIANTES EM JESUS

Vencidos os dois dias, prazo de espera estabelecido pelos Amigos espirituais, o grupo voltou a se reunir, no desejo de continuar o tratamento espiritual de João. Este havia sentido uma pequena melhora. A cabeça estava menos pesada, sem a pressão incomodativa, que persistia desde o momento do desastre com a moto (fato ignorado por João em razão da amnésia). O leitor deve estar lembrado de que João esteve entre a vida e a morte, recuperando-se graças aos esforços de Lena e a Providência Divina. Havia ficado uma sequela, pressão na cabeça, principalmente na região afetada pela queda. Agora, porém, sentia-se melhor, inclusive os próprios pensamentos ganharam mais lucidez.

Chegados à casa de Rosa, foram recebidos carinhosamente com demonstrações inequívocas de solidariedade cristã. Na sala cada um tomou o seu lugar, permanecendo em silêncio, buscando dessa forma a harmonia íntima necessária a tais cometimentos. Assim que o relógio marcou vinte horas, o dirigente da reunião, como de hábito, fez a leitura de uma página espírita. Leitura essa que tinha duas finalidades: uma, harmonizar melhor as mentes dos presentes; outra, o melhor esclarecimento do grupo a respeito das verdades espirituais e da moral cristã. As verdades espíritas representam o remédio adequado às aflições vividas pela Humanidade. Os seres humanos avançam a passos largos na evolução tecnológica, o mesmo não se verificando na área do sentimento, ou seja, do amor. Os pioneiros na fabricação da bomba atômica, também enfrentam um sério desafio, a exemplo do que ocorre com muitos países pobres: menores abandonados, fator de inquietação e medo do povo. Gastam-se recursos incalculáveis em armamentos sofisticados e muito pouco, ou quase nada, nas necessidades reais da população.

Procedida a leitura e o breve comentário, o irmão Aristides fez uma oração agradecendo o ensejo do trabalho e rogando o apoio dos Benfeitores espirituais. A seguir foram feitas as vibrações em benefício dos enfermos em tratamento no grupo. As rogativas, nesta altura, voltaram--se mais em favor da reabilitação de João. O trabalho estava sendo realizado em obediência aos conselhos dos Benfeitores espirituais e tinham como meta a saúde do jovem.

— Estou vendo o cérebro do João — informou a médium Rosa. — Há uma sensível melhora, pelo menos a coloração vermelha quase não existe mais, indício de que o mal está cedendo ao tratamento feito pelos Mentores, que estão otimistas. Continuam com a assepsia, utilizando-se de algodão embebido em líquidos medicamentosos. A operação é feita reiteradas vezes, à medida que dão sequência ao labor, as regiões afetadas se mostram menos congestionadas, o que significa melhora em fase de cura.

Os presentes oravam intensamente, no sentido de cooperarem com os Guias na cura do amigo. Seguiram-se mais alguns minutos de expectativa, quando então Rosa deu continuidade à narrativa do que ocorria no ambiente em favor da cura do paciente.

— Terminada a assepsia, os Médicos espirituais aplicaram uma pomada nos locais enfermos, cobrindo-os com material semelhante a gaze. Estão informando que o tratamento está concluído. A partir deste momento João irá aos poucos recuperar a memória. Não será de imediato, em virtude de ter sido bastante atingido com fluidos deletérios. Contudo, não está descartada a hipótese de a memória voltar de um instante para outro. Os Mentores prometeram visitá-lo todas as noites até que se dê a cura completa, com o retorno da memória perdida. Vamos continuar por mais alguns minutos em concentração.

Odila, nesta altura da reunião, sentiu a presença de um Espírito amigo, dando então passividade ao comunicante do Além:

— Queridos irmãos, que Jesus nos abençoe a todos. Estamos eufóricos com as dádivas celestiais recebidas. Podemos adiantar, sem exagero, que a cura do João será uma realidade muito em breve. Foram retiradas todas as vibrações maléficas que bloqueavam sua memória. Os locais atingidos ainda estão um tanto afetados, porém o atendimento de agora e a medicação espiritual específica ao seu caso, farão com que a recuperação se concretize para júbilo de todos.

Após uma breve pausa, a entidade prosseguiu:

— Nossos irmãos João e Lena lograram uma significativa vitória, desvincularam-se de graves acontecimentos vividos no passado, através do resgate, perdoando de coração os responsáveis pelas vicissitudes sofridas. Somente o perdão incondicional tem o poder de soerguer as criaturas de modo definitivo, libertando-as do cativeiro do passado. Aqueles que perdoam são os legítimos vencedores, porque souberam vencer as barreiras do ódio, produto de imperfeições seculares. Na concretização de ideais enobrecidos não podemos dispensar a terapêutica do amor. O amor é o remédio indicado para as feridas do coração.

— Querido irmão — disse Aristides —, estamos sensibilizados e agradecidos por tudo de bom que temos recebido do amigo neste pequeno grupo espírita, em benefício dos nossos assistidos. Não temos recursos para pagar tantas demonstrações de carinho fraternal...

— Nada disso — interrompeu o Mentor —, a verdade é uma só, todos nós somos grandes devedores do Cristo. O que temos realizado e de modo imperfeito, é tão-somente cumprir nossa insignificante tarefa. Se fomos felizes nesta oportunidade de servir, agradeçam a Jesus, somente. ..

34 MEU NOME É TIAGO

Havia grande expectativa em torno da cura. Os Guias estavam jubilosos, porém João havia notado apenas sensível melhora. Terminada a reunião, tomaram um pouco de água fluidificada que continha a jarra sobre a mesa, despedindo-se dos donos da casa. João e Lena mantinham-se silenciosos, enquanto Aristides e a esposa dialogavam sobre os problemas do dia-a-dia.

Assim que chegaram em casa, recolheram-se para dormir, até porque Aristides tinha que fazer um carroto logo nas primeiras horas do dia. João encontrou dificuldades para conciliar o sono, somente conseguindo dormir altas horas da madrugada. De manhã acordou bem cedo, com o barulho que Aristides fazia no quarto, preparando-se para o trabalho. João acordou gritando:

— Estou curado!... Estou curado!... Já sei quem sou graças a Deus!...

— João, fale mais baixo. A Odila e a Lena continuam dormindo. O que aconteceu?

— Não sei explicar o que aconteceu... só sei que me lembrei de tudo... de tudo... Meu nome não é João...

— Como é então seu nome? — perguntou, curioso, Aristides.

— Meu nome é Tiago!... Tiago!...

Com o barulho que Tiago fez, as duas mulheres acordaram, também não era para menos, acordar sabendo de tudo, que maravilha! É por isso que os Amigos espirituais estavam contentes, naturalmente adivinhando o que iria ocorrer no dia seguinte, pela manhã.

— João... João... o que aconteceu? — inquiriu Lena.

— Agora já não sou mais João... meu nome é Tiago. Sei quem são meus pais... sei como tudo aconteceu... que maravilha! A partir deste momento sou outro homem. Como Jesus é misericordioso! Devo a ele minha cura e a vocês dois, meus queridos e inesquecíveis amigos.

— Realmente, se não fosse o Aristides e depois a Odila, não saberia dizer onde estaríamos agora. É bem verdade que a irmã Rosa e seu marido também têm méritos indiscutíveis na recuperação do Tiago. Somos profundamente gratos a todos — afirmou Lena, limpando as lágrimas de emoção que rolaram pelo seu rosto.

As horas que se seguiram foram de tristezas e de alegrias. Tristezas porque avizinhava-se a hora de os dois partirem em busca de seus familiares. Alegrias de vê-los felizes pelas conquistas logradas em nome de Jesus.

A fé nesses casos tem uma importância muito significativa porque habilita o paciente a receber o socorro do plano espiritual. Quem tem fé abre as comportas do seu coração às dádivas celestiais. Deus não faz distinção, atende a todos os seus filhos da mesma maneira, as pessoas é que recebem ou deixam de receber em virtude do seu posicionamento íntimo. Quem não crê na misericórdia divina, torna-se refratário aos bens que lhe são endereçados, deixando de recebê-los. É este o motivo por que Jesus em incontáveis vezes enalteceu o valor da fé. Nesse aspecto valeram muito as leituras dos livros espíritas, porque robusteceram o conhecimento de Tiago, que também reunia merecimento para ser atendido pelos Benfeitores espirituais.

Naquele dia Tiago deixou de ser João e trabalhou alegre e ativamente ao lado de Aristides. Não era moço de cruzar os braços, as duras experiências no campo fizeram com que ele não rejeitasse serviço.

No fim daquele dia, quando se reuniram na sala, na casa dos seus benfeitores, foi que a surpresa maior ocorreu.

A noite, Tiago levou ao conhecimento de todos, os lances de sua vida ocorridos antes da amnésia, até porque tudo o mais eles já sabiam, comunicando-lhes igualmente o desejo de partir no dia seguinte. Seus pais naturalmente estavam sofrendo por motivo de sua ausência, sem saber o que lhe havia acontecido. Agora já não mais poderiam ficar assim. Todavia, assim que tudo ficasse resolvido, eles dariam notícias e quem sabe até convidá-los-iam à mudarem de cidade, reunindo-se a eles.

— A minha vontade neste instante — disse Tiago — seria viver o resto dos meus dias junto de vocês. Alimentemos o desejo de formar um grupo coeso, homogêneo, visando a combater o mal. Vamos mobilizar todas as nossas forças para colimar esse ideal. O mal vem infelicitando incontáveis pessoas que se deixam levar nas suas artimanhas, sem forças para resistir. Se pudermos viver juntos um dia, essa será a nossa tarefa: Combater o mal, nas suas mais diversificadas expressões, a exemplo da luz que espanca as trevas.

Estavam perplexos com as afirmativas de Tiago, plenas de magnetismo criador, até parecia que alguém falava por ele. Tiago vivia intensamente uma grande alegria e procurava fazer com que todos os seus amigos partilhassem desse júbilo, dos mais preciosos, diga-se de passagem. O projeto era elevado, porém dos mais difíceis se levarmos em conta que a Humanidade ainda está bastante envolvida nas mentalizações das sombras, resultados negativos de vidas pregressas, quando então o egoísmo e o orgulho foram as únicas conquistas a serem logradas.

O dia seguinte transcorreu em grande expectativa. Aristides e Tiago estiveram ausentes toda a manhã, retornando para o almoço. Odila revelava-se triste, aprendera a amar aquelas duas criaturas tão caras ao seu coração sensível. Alguma coisa lhe segredava que já os conhecia de outras jornadas. Lena e Tiago ocuparam a última tarde para uma visita aos irmãos Rosa e Oscar, companheiros de ideais espíritas. Contaram-lhes os últimos sucessos, o que os deixou imensamente felizes. Aproveitaram o ensejo para as despedidas, prometendo voltar a vê-los tão logo fosse viável.

No dia aprazado, pela manhã, partiram. Os dias de sofrimento vividos, assemelhavam-se a pesadelo, cujos frutos eram agora os mais saborosos.

35 CASAS DE AMOR CRISTÃO

Jorge e Júlia, apesar de sentirem a ausência de Tiago, não se deixavam levar pelo desânimo, tinham a certeza de que ressarciam dívidas antigas. O Espiritismo fora em suas vidas a terapia indispensável, minimizando as feridas profundas que tinham em suas almas. As feridas não haviam cicatrizado, porém com a resignação e a confiança em Jesus, já não eram mais motivos de tanta amargura.

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei", disse Jesus (Mateus 11:28). O Espiritismo como Cristianismo redivivo tem igualmente essa propriedade, esclarecer e confortar as almas aflitas, compenetrando-as da indiscutível grandeza de Deus, embasada em atributos infinitos, que não permitem a menor dúvida às pessoas imparciais e ávidas por lições transcendentais.

Tanto Jorge quanto Júlia estavam bem integrados nos trabalhos do Centro Espírita "Seareiros do Caminho". Cooperavam com a instituição em todos os setores, sem esmorecimento ou cansaço. Viam em todos os necessitados, irmãos credores do seu amor. Quanto mais se dedicavam ao bem-estar do próximo mais se sentiam jubilosos, confirmando o que Paulo de Tarso adiantara: "Digno é o obreiro do seu salário" (1 Timóteo 5:18). O apóstolo em tempo algum quis referir-se a pagamento material, até porque o salário de labores espirituais só pode ser igualmente espiritual. Pagamento material não se compatibiliza com misteres espirituais.

Tanto isso é verdade que o convertido de Damasco para não ser pesado às igrejas com a sua permanência, cumpria o ofício de tecelão, buscando recursos materiais para sustento próprio. No que tange aos seus labores em prol do cristianismo nascente, jamais reclamou salário material. Dava de graça o que de graça havia recebido (Mateus 10:8). As dádivas celestiais não podem ser confundidas com a pequenez das coisas da Terra. O que é da Terra desaparece com o passar do tempo; o que é divino é eterno e infinito, falando à alma e não aos sentidos físicos.

Os pais de Tiago não faltavam às reuniões do "Seareiros do Caminho", até porque moravam não distante da sede, o que facilitava os atendimentos mais urgentes. Os oradores de outras localidades que usavam a tribuna do Centro, quando não podiam retornar às suas cidades no mesmo dia, eram hospedados na casa de Jorge, recebendo, inequívocas demonstrações de fraternidade cristã.

O Centro não era grande, suas dependências estavam muito aquém das suas reais necessidades. Todavia, o objetivo dos diretores jamais foi aumentar o patrimônio da instituição. Todos os recursos recebidos eram aplicados em favor dos desprotegidos, quer materialmente, com roupas, remédios, alimentos, etc; quer espiritualmente, com palestras doutrinárias, aplicação de passes magnéticos, orientações pessoais, distribuição de livros espíritas, etc. Irmão Teófilo costumava dizer que as casas espíritas precisam ensinar a caridade, porém devem igualmente praticá-la, do contrário será um contrassenso. É no exemplo que ratificamos o nosso ideal de servir em nome de Jesus.

Os espíritas sabem que o tesouro da Terra somente serve de tropeço à conquista dos legítimos valores da vida, além de sofrerem a destruição por parte das traças e da ferrugem, conforme esclareceu Jesus (Mateus 6:19). Não se concebe, portanto, que a meta dos grupos espíritas seja o tesouro da Terra, o desmedido interesse pelo aumento do patrimônio físico que possuem. Jesus foi inegavelmente a criatura mais fecunda em realizações nobres que pisou o solo terrestre, valendo acrescentar que sempre esteve desprovido de recursos materiais. Os Centros não precisam ser grandes no aspecto físico, porém as lições de amor deverão ser exemplificadas por todos os que militam nessas casas de atendimento espiritual. O valor principal do tesouro da Terra está na sua correta aplicação em favor da solução das reais necessidades do nosso próximo.

Os pais de Tiago, após os trabalhos da noite, voltaram para casa, onde tiveram uma grande surpresa: Tiago os aguardava, acompanhado de Lena. Depois de vencerem uma longa e exaustiva

distância, chegaram felizes, ao reencontro dos familiares queridos ao coração. Uma das empregadas os recebeu, fazendo-os entrar.

— Tiago, meu filho, que alegria! — exclamou Júlia, não podendo conter as lágrimas. — Graças a Deus você voltou!

— Mãe, quanta falta você me fez, principalmente nos momentos de sofrimento por que passei. Só mesmo agora que estava de posse da memória o jovem podia avaliar a falta que faz o amparo materno.

— Dê-me um abraço, meu filho — disse Jorge. — Quanto tempo de ansiosa espera, agora estamos recompensados. Quem é essa moça? É sua esposa?

— Ainda não, mas tenho a certeza de que será em breve.

A afirmativa de Tiago felicitara o coração de Lena, causando-lhe surpresa, uma vez que em tempo algum abordaram semelhante assunto, apesar de se amarem mutuamente.

— Lena é uma criatura muito especial para mim. Eu lhe devo a vida por duas vezes. Além do mais, posso afirmar sem medo de errar que as nossas vidas estão vinculadas desde um pretérito longínquo, do qual temos apenas vagas reminiscências.

— Querido Tiago, se Lena fez parte da sua vida, doravante também integrará as nossas. Afinal somos uma grande família — ponderou Júlia, não contendo a alegria que dominava sua alma.

Após a emoção do reencontro, a conversação se prolongou por boa parte da noite. É que tinham muitos assuntos para atualizar e saber igualmente as notícias da família.

36 SONHOS PREMONITÓRIOS

— Vitorio... Vitorio... venha cá, preciso contar a você um sonho que eu tive — chamou Amélia, sua esposa.

— O que foi mulher, que gritaria é essa?

— Vitorio, sonhei com a Helena. Ela havia voltado, estava feliz. Você acha que é um aviso de Deus?

— Eu acho que seu desejo de rever Helena é tão forte, que você sonha com ela todas as noites.

— Quantas vezes eu me pergunto se não fomos severos demais com ela. Era uma criança, não tinha experiência alguma da vida. .. deve ter sofrido bastante. Criamos a Helena com muito carinho, fazendo todos os seus caprichos ...

— Não fique rememorando essas coisas tristes, não melhora nossa situação nem faz a menina voltar — interrompeu-a o marido, abraçando-a amorosamente.

Eram dez horas da manhã. Amélia vivia com a esperança do regresso da filha, quando alguém bateu à porta chamando:

— Mãe.. . mãe... sou eu, Helena.

— Vitorio... Vitorio... nossa filha chegou. Eu sabia que era um recado de Deus.

Ambos correram até a porta de entrada da casa e abriram .

— Meu Deus!... Meu Deus!... É ela mesmo, Amélia. Entra, querida, estávamos à sua espera desde o dia em que você partiu. Quantas lágrimas... quantas noites de vigília. .. Chega, não vamos falar mais em coisas tristes. O momento é de alegria!

Quem é o moço? É seu esposo? — perguntou-lhe a mãe.

— Ainda não, mas tenho a certeza de que será em breve — respondeu Lena sorrindo, pois havia dado a mesma resposta que Tiago dera aos seus pais. — É um amigo muito querido ao coração. Hoje falaremos a respeito. Agora queremos saber de notícias daqui de casa. Afinal estive ausente quase seis anos. Também sofri bastante, meus olhos verteram muitas lágrimas, mas infelizmente estava impedida de retornar a este lar.

* Os olhos de todos estavam marejados de lágrimas, não mais de tristeza e sim de felicidade.

— Helena, sua mãe sonhou esta noite que você havia voltado. Eu não dei crédito ao sonho, porque ela sonha a mesma coisa todas as noites.

— O sonho desta noite foi bem diferente, parecia verdade. O sonho trouxe ao meu coração uma alegria até então desconhecida.

— São sonhos premonitórios. As pessoas ficam sabendo com antecedência fatos que vão acontecer. Incontáveis pessoas têm essa faculdade, em umas mais desenvolvidas que em outras — esclareceu Tiago.

— Como assim?

— Quando dormimos nosso espírito não fica preso ao corpo, goza de parcial liberdade; a liberdade total seria a morte. Nessas condições toma conhecimento de muitos fatos prestes a ocorrer. É bem verdade que nem sempre são avisos dos amigos espirituais e sim de entidades que desejam nos confundir, tirando proveito das confusões que trazem à nossa vida.

— O assunto é complicado — adiantou Amélia.

— Não é, não! A senhora é que não está familiarizada com ele. Os acontecimentos que marcam demais nossa vida foram previamente programados pela Espiritualidade superior, dos quais tivemos conhecimento antes de retornarmos à Terra. Quando dormimos, o corpo repousa, o espírito hã. Daí a possibilidade de lembrarmos de coisas que a qualquer momento vão ocorrer conosco. Há ainda a possibilidade de ser um aviso dos Mentores espirituais, que almejam nos auxiliar com notícias do nosso interesse e condizentes com a situação que enfrentamos, desde que não interfiram no uso do nosso livre-arbítrio, do qual dependem as valiosas experiências de nossas vidas.

— O Tiago tem toda razão. Essas informações não são criações nossas. São os livros que nos ensinaram. Hoje nós somos espíritas. As dúvidas que tínhamos foram dissipadas pelos conceitos da Doutrina Espírita. Todas as religiões são boas, porém o Espiritismo é excelente para nós. As religiões são degraus evolutivos, elas oferecem recursos espirituais adequados ao entendimento dos seus adeptos. O Espiritismo vai além, revelando luzes até então desconhecidas, que não só esclarecem como igualmente confortam pelas verdades que anuncia aos ávidos de progresso espiritual. À noite, mãezinha, quando formos visitar os pais de Tiago, conversaremos mais detalhadamente a respeito — acrescentou Helena.

— Então o seu nome é Helena? — inquiriu Tiago.

— Desde que nasci. Gosto muito do meu nome, daí o cuidado em resguardá-lo, tendo em vista a vida que passei de equívocos e sofrimentos. Agora porém está tudo mudado... vida nova! Estou certa, Tiago?

— Certíssima. Vamos passar o resto da tarde aqui, conversando com seus pais. A noite iremos visitar minha família. Os senhores irão conosco.

— Por quê? — perguntou Vitorio.

— Porque a partir de agora somos uma grande família, unida para viver a vontade de Jesus. — As palavras de Tiago eram convincentes, não comportando qualquer argumentação contrária.

37 O CONSOLADOR PROMETIDO

À noite, conforme o combinado, foram à residência dos pais de Tiago, situada em bairro nobre, um tanto distante da casa dos genitores de Helena. Estes residiam em bairro modesto e apesar de a casa ser pequena era das melhores daquela redondeza. O percurso foi feito a pé, matando velhas saudades. As cidades do interior não mudam muito através dos anos. O comércio e a indústria não chegam a proporcionar recursos substanciais às prefeituras municipais. Os impostos cobrem apenas pequenos serviços e atendem às despesas com a folha de pagamento do funcionalismo.

Assim que chegaram à casa de Tiago, foram entrando, seus pais já os aguardavam na sala de estar.

— O dia demorou a passar — disse Júlia. — Como é, tudo bem? Estamos curiosos em saber o que aconteceu a você, meu filho, nesses anos de ausência. Não recebemos notícia alguma. Aliás, precisamos inteirar a polícia a respeito de sua chegada, pois a ela recorreremos nos momentos mais agudos da nossa aflição.

Vitorio e Amélia acompanhavam as ponderações de Júlia com muita atenção e, a certa altura, Vitorio disse:

— Nós também sofremos demais com a ausência de Helena. Acresce notar que no dia em que ela partiu, nos deixou enfermos e naturalmente desesperados. O rigor com que a tratávamos fez com que ela não suportasse permanecer mais em casa, preferindo levar vida independente. A partir daí ficamos sem notícia de Helena, começando então o nosso calvário. Doentes e com o coração sufocado pelas lágrimas amargas de sua ausência. Somente na religião foi que encontramos um pouco de conforto. É bem verdade que muitas perguntas que martirizavam nosso espírito, jamais foram respondidas a contento.

— Vocês todos sofreram demais. Nosso sofrimento igualmente não foi menor. Hoje podemos afirmar sem receio de laborar em erro que, graças ao sofrimento somos outras criaturas, cheias de problemas ainda, mas motivadas por ideais enobrecedores, dos quais não abrimos mão, custe o que custar — informou Tiago.

Nesta altura do diálogo, Tiago e Helena, cumprindo o prometido, relataram detalhadamente tudo o que aconteceu durante o período em que estiveram ausentes, ocorrências que marcaram

profundamente suas almas sequiosas de justiça e amor. Ressaltaram inclusive o valor dos dois livros espíritas encontrados na calçada embaixo da janela de certa casa, enfatizando o fato do ex-proprietário ter jogado fora um tesouro dos mais preciosos e guardado, quem sabe, tantas coisas inúteis e supérfluas. São as incoerências humanas, troca-se o que é bom pelo que não presta ou então de pouco valor, como no caso de Esaú que aceitou trocar com seu irmão Jacó, o direito de primo-genitura por um prato de lentilhas (Gênesis 25:29 a 34).

Todos ouviam atentamente a narrativa dos jovens, avaliando as dores por que passaram. Todavia, isso tudo já era passado, o que importava agora era somente o presente, pleno de esperanças e rico de nobres ideais. Tiago analisou igualmente a importância do estudo, sem o que a criatura jamais conhecerá a verdade que liberta os seres das coisas enganosas do mundo (João 8:32).

— Sem querer magoar quem quer que seja, hoje, graças à Providência Divina, somos espíritas convictos — disse Helena.

— Nos apontamentos do Apóstolo João, consta uma promessa do Cristo das mais preciosas para a Humanidade, qual seja, a de que em tempo oportuno enviaria à Terra o Consolador que teria a incumbência não só de lembrar tudo aquilo que ele havia ensinado, como também lecionar todas as coisas. O Espiritismo é o Consolador prometido porque veio no tempo certo concretizar a promessa do Messias. Jesus não disse tudo naquela oportunidade, tendo em vista a imaturidade das criaturas humanas, que não suportariam de modo algum a verdade na sua plenitude. Alunos iniciantes que não teriam a possibilidade de assimilar ensinamentos universitários, sobre a vida e a Espiritualidade.

— Longe de nós o desejo de impor nossas convicções a alguém, cada um de nós é livre para escolher seu próprio caminho — argumentou Helena.

— Meu filho — disse Jorge. — Eu e sua mãe já somos espíritas. Fomos levados ao Espiritismo pela dor causada por sua ausência; descontentes com as coisas da Terra, procuramos nos apegar às coisas divinas. Nesse particular somente a Doutrina Espírita com seus elevados conceitos de vida eterna nos ofereceu a terapêutica ideal às feridas dos nossos corações.

— Se o Espiritismo é tudo isso que vocês estão apregoando, também queremos conhecê-lo e por que não sermos igualmente espíritas? Temos necessidade de entender e aceitar os desígnios divinos — acrescentou Vitorio, entusiasmado com a conversa.

— Não fossem as lições da Doutrina Espírita e não teríamos vencido os tropeços da estrada de nossas vidas — adiantou Tiago. Depois, retomando a palavra: — É exatamente na divulgação da verdade e na prática do bem que vamos fundamentar nossas atividades, tanto eu quanto a Helena.

— Excelente! O que Tiago afirmou veio ao encontro de nossos pensamentos. Eu e sua mãe estamos vivamente interessados no seu projeto. A esse respeito já havíamos falado muitas vezes, sem contudo encontrar companheiros que pudessem nos auxiliar. Trata-se de encargos que exigem braços operosos e de boa vontade, cuja meta será servir ao próximo incondicionalmente. Tiago, amanhã conversaremos detalhadamente sobre o assunto. Nós também temos algumas ideias que poderão ser aproveitadas.

A seguir saíram em direção à lanchonete próxima, para tomar sorvete. A noite estava demasiadamente quente.

38 GRUPO ESPÍRITA "SERVOS DO CRISTO"

A tarde do dia seguinte, reuniram-se todos, para solucionarem os assuntos pendentes da véspera e tomar providências para o porvir, com vistas às realizações em pauta, ou seja, trabalharem em favor do próximo da maneira lecionada pelo Cristo. Havia grande alegria em todos os corações e perspectivas futuras.

Jorge, tomando a posição de líder do grupo, convidou--os a uma prece de agradecimento a Deus e a Jesus pela oportunidade da reunião e rogando inclusive o necessário apoio, com vistas aos elevados objetivos almejados. Feita a prece, Jorge sem mais demora abordou diretamente o assunto:

— Tenho a impressão de que meu desejo é igualmente o de todos os presentes. Com isso eu me rejubilo, porque estamos coesos no mesmo ideal e unidos para as realizações porvindouras. Temos a convicção de que os Amigos espirituais também nos apoiam nesse evento.

— Penso da mesma forma — acrescentou Tiago. — A luta será grande mas nosso ideal de fazer o melhor em benefício do próximo também não é pequeno. Logo, a equipe estará bastante motivada. Convém lembrar que ao nosso lado estarão Deus e Jesus, porque nossa vontade é amar ao nosso semelhante sem restrição. No momento, os maiores entraves se prendem ao local do trabalho. Papai poderíamos trabalhar no "Seareiros do Caminho", engrossando as suas fileiras?

— Tiago, penso diferente. Você sabe que cada grupo tem os seus problemas e os piores são os de ordem doutrinária. Existem criaturas que se julgam donos do Centro e da verdade e nada abertos a diálogos francos e esclarecedores. Vamos trabalhar juntos, sim, mas em outro local. Os nossos propósitos são um só: ajudar ao próximo. Tiago, nós dispomos de uma chácara, hoje desativada. A partir do momento em que eu e sua mãe passamos a nos dedicar às tarefas espíritas, não mais encontramos motivação para viver na chácara. Está situada em local privilegiado para nosso mister. A área é de cinco mil metros quadrados, toda murada. Há uma casa muito boa, desocupada, mais um barracão espaçoso, bem construído.

O barracão pode perfeitamente ser dividido de tal forma que teríamos duas ou três salas menores e um salão. Construiríamos as dependências sanitárias fora desses limites. Se vocês aprovarem, todas as despesas correrão por minha conta. Que tal?

— Excelente!... Não há mais nada a acrescentar — disse Tiago.

— Sem comentários — aduziu Helena. — As coisas vão de vento em popa. Agora sim, creio firmemente no sucesso do nosso ideal.

— Entretanto, há um pormenor de difícil solução que precisa merecer nossa atenção — falou Júlia. — Sou de opinião que devemos arrumar um caseiro para tomar conta de tudo. A moradia já existe e um elemento com essa função será bastante útil ao nosso empreendimento.

— Ótimo!... Ótimo!... — repetiu Tiago. — Eu me encarrego de arranjar o caseiro. Serão mais dois companheiros nos labores espíritas. Eu conheço esses dois companheiros.

— Como assim? — inquiriu Helena.

— Helena, quando partimos da casa do Aristides, eu lhe disse que se fosse possível eu lhe arranjaría uma colocação aqui, para que pudéssemos todos juntos estar a serviço de Jesus.

— Perfeitamente! Aristides e a esposa são ótimas criaturas. Ademais ele nos auxiliou nas horas mais decisivas de nossa vida. Trata-se do caminhoneiro que nos deu carona, hospedando-nos inclusive em sua casa como filhos queridos do coração — informou Helena, com inusitada alegria.

— Assim, inicialmente seremos um grupo de oito pessoas. Contando naturalmente com os irmãos Vitorio e Amélia — falou Jorge.

— Contem conosco. Se por um lado sofremos demais com a ausência de Helena, por outro lado damos graças a Deus pelas dádivas que recebemos agora, em bênçãos de alegria e esclarecimento. Para tanto contamos desde já com a compreensão e tolerância dos amigos, pois nada entendemos das atividades espíritas.

— Muito bem. O Tiago fica encarregado de enviar uma carta ao confrade Aristides, contando os nossos projetos e solicitando sua ajuda. O tempo urge quanto antes ele e a esposa puderem vir, melhor. Eu vou movimentar os meus recursos para que tudo esteja concluído o mais rápido possível.

O ambiente era de camaradagem e entendimento fraterno. O grupo seria em breve tempo uma realidade. Os Mentores espirituais partilhavam do evento, fortificando seus propósitos para o bem e dirimindo possíveis dúvidas através da intuição. Todos estavam receptivos, pois seus corações estavam transbordantes de amor e desejosos de auxiliar seus irmãos de romagens terrenas, em nome do Cristo, de quem se fizeram humildes servos.

O Espiritismo é, sem dúvida, a concretização do Cristianismo na sua pureza primitiva. O Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita é dádiva celestial felicitando nosso coração. Nossas jornadas tiveram início em cenários de sombras e estão assinaladas agora com luzes eternas e bem-aventuranças inigualáveis.

As providências apontadas foram realizadas. Aristides não se fez de rogado. Passados quinze dias, chegou para assumir suas novas funções. O barracão reformado ficou melhor do que o projeto original. O grupo, por sugestão de Helena, recebeu o nome: Grupo Espírita "Servos do Cristo".

39 CARIDADE: EXCELSA VIRTUDE

Transcorridos três meses de trabalhos exaustivos e de grande espera, tudo ficou pronto e foi inaugurado. O "Servos do Cristo" iniciava suas atividades espalhando benefícios aos corações amargurados que batiam a suas portas em busca de apoio. Todos os seus integrantes estavam voltados para os labores cristãos, não medindo sacrifícios. A meta era ajudar a todos, vencendo o

mal com o bem, a mentira com a verdade, o ódio com o amor. Era realmente um pronto-socorro espiritual atendendo a desalentados, tristes e enfermos de todos os matizes.

— Tiago — falou certa vez Jorge —, precisamos de uma biblioteca para servir ao povo que frequenta esta casa.

— Excelente idéia! Organizaremos um quadro social e permitiremos que somente os sócios tenham livre acesso aos livros.

— Nada de quadro social. Aqui no Centro ninguém precisa cooperar financeiramente. Nosso trabalho é de natureza estritamente espiritual. O que temos dá muito bem para atender a todos os que nos procuram. As despesas correrão sempre por nossa conta. Além do mais, somos contrários à confinação de livros, deixando-os fechados em armários a sete chaves. "A biblioteca espírita é viveiro de luz" quando está à disposição de todos e não só de uma minoria privilegiada, o que evidentemente significa egoísmo.

— Ocorre, porém, que inúmeras pessoas deixarão de devolver os livros, o que implica em prejuízo material.

— Tiago, o objetivo desta casa não é auferir lucros materiais e sim lucros espirituais. Não queremos aumentar o patrimônio físico. Se dezenas de livros deixarem de retornar às prateleiras da biblioteca, outros tantos serão adquiridos. O que importa, Tiago, é espalhar material de leitura aos interessados em conhecer os conceitos do Espiritismo.

— Papai, suas ponderações são fortes e convincentes. Se pretendemos combater o mal, precisamos vencer a ignorância e a melhor arma é indiscutivelmente a verdade. Somente conheceremos a verdade estudando e nesse aspecto o livro espírita tem papel indispensável. Você está absolutamente certo!

— Instalaremos inclusive uma livraria espírita, para vender as obras a preço de custo. Jesus combateu os vendilhões do templo interessados em fazer negócios lucrativos.

Os frequentadores, notando o desprendimento dos responsáveis pelo atendimento, também cooperavam com alegria. Tudo era de todos. Cada um ajudava espontaneamente na medida das suas posses. As despesas eram partilhadas entre os dirigentes. Jorge sempre ficava com a maior cota em razão de sua posição financeira.

Até os doentes, tão logo sentiam-se bem, procuravam tarefas condizentes com suas aptidões. O trabalho é remédio infalível, quando voltado ao bem-estar alheio, pois ajudando seremos ajudados, conforme acentuou Francisco de Assis.

Aristides, não só participava das atividades do grupo, como também auxiliado por garotos da região fez uma bela horta, que atendia boa parte da comunidade com verduras frescas e saudáveis.

Os enfermos eram esclarecidos segundo os princípios espíritas, com preleções doutrinárias e passes magnéticos. As reuniões de desobsessão eram privativas, sob a direção de Aristides. A cada dois meses havia palestras para os adultos, com oradores procedentes de outras localidades, previamente convidados.

Aos domingos, evangelização das crianças com distribuição de lanche acompanhado de um copo de leite, a cada um dos menores presentes. Terminada essa atividade, os responsáveis pelo Grupo Espírita, mais os cooperadores interessados no movimento espírita, reuniam-se para avaliação dos

resultados obtidos durante a semana visando o aprimoramento dos trabalhos. O que importava era atender bem a todos. Para Deus mais vale a qualidade que a quantidade.

Quando as criaturas estão vivamente interessadas em servi-lo incondicionalmente ao seu semelhante, os óbices são facilmente superados. Os Mentores espirituais sempre se colocam ao lado das pessoas de boa vontade e que desejam exercer a legítima caridade. O amor é a maior energia que existe no Universo, sua origem é Deus. O amor vence todas as barreiras e limitações, por maiores que estas sejam. Quem ama verdadeiramente busca conhecer as carências alheias, porque encontra no amor as razões fundamentais da própria vida.

Amor cristão é caridade na sua mais bela expressão e ninguém definiu melhor a Caridade, a excelsa virtude, que Paulo de Tarso, o vidente de Damasco:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

"E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Caridade, nada seria.

"E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse Caridade, nada disso me aproveitaria.

"Agora, pois, permanecem a Fé, a Esperança e a Caridade, estas três, mas a maior destas é a Caridade". — (I aos Coríntios 13:1 a 3 e 13). Os grifos são nossos.

40 A LEGÍTIMA FELICIDADE

A vida humana está dividida em várias etapas, todas de vital importância à evolução das criaturas, quais sejam: a infância, a juventude, a maturidade e a velhice. Nessas etapas evolutivas todos semeiam e todos colhem da própria sementeira. Paulo de Tarso afirmou: "... o que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará" (II aos Coríntios 9:6).

As diversas fases da vida, quando bem aproveitadas espiritualmente, só podem auxiliar os seres humanos a lograrem êxito na escalada sem fim do progresso espiritual. Contudo, o que normalmente ocorre é exatamente o contrário, os indivíduos procuram avidamente os bens de caráter transitório, comprometendo-se ao longo da jornada que desfrutam.

Sejamos inteligentes aproveitando bem o tempo, dádiva divina, agindo coerentemente com a etapa de vida que nos é própria. É do convertido de Damasco igualmente esta magnífica lição: "Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino". (I aos Coríntios 13:11).

É bem verdade que os indivíduos que vivem equivocados na busca de vantagens terrenas, encontram dificuldades na conscientização dos verdadeiros valores. Todavia, Deus na sua

misericórdia ilimitada, dá tantas oportunidades quantas necessárias, através de reencarnações sucessivas, tendo como fatores de progresso: o tempo e a dor.

Aproveitando o ensejo, queremos citar um aspecto do assunto em tela, merecedor de acurada ponderação. Há espíritos jovens, maduros e velhos. Os jovens, na sua maioria, estão mais sujeitos a falhas e erros, isso em face da própria imaturidade, sem o necessário apoio das experiências; os maduros, quase sempre, são mais difíceis de falir, conquanto ainda estejam vulneráveis; os velhos são mais seguros de si, isso quando souberam aproveitar as duras experiências vividas ao longo de incontáveis encarnações; tais conquistas servem de suporte, alertando-os com relação a possíveis quedas e, ao mesmo tempo, ensejando-lhes êxitos nas jornadas evolutivas.

Quando o espírito reencarnado tem aquisições espirituais, apesar de estar animando um corpo jovem, sempre se identificará através das suas atitudes amadurecidas e equilibradas; por outro lado, a reencarnação de um espírito jovem, embora animando um corpo velho, as mais das vezes, demonstrará sua pouca idade espiritual, pelo comportamento instável e inseguro a respeito de temas transcendentais.

Tiago e Helena, em outras vidas, cometeram muitos desatinos em prejuízo de seus semelhantes. Na presente existência responderam por muitos de tais compromissos, aprendendo valiosas lições. São experiências que enriquecem o ser a caminho da luz. Tiago e Helena estavam amadurecidos na estufa do sofrimento regenerador.

Agora, conscientizados dos legítimos valores da vida, desejavam dar mais um passo decisivo em busca da libertação definitiva: o casamento. Fase das mais preciosas na vida daqueles que almejam alcançar as virtudes excelsas do Cristo. O casamento impõe uma série de atribuições que aprimoram os seres na via redentora. Tiago e Helena, os cativos do passado, amavam-se e estavam dispostos a assumir o sério compromisso do casamento. Aliás, todos ficaram felizes em saber da deliberação dos jovens em se unirem na edificação de um lar.

Em uma tarde festiva, de muito sol, na bela estação das flores — a Primavera — deu-se o enlace matrimonial dos dois. Era o início de uma nova etapa de suas vidas, agora seriam duas vidas em uma só vida. Dois ideais unidos na mesma meta de sublimação, na conquista da verdade e do bem. Jamais abandonariam os deveres cristãos assumidos desde que conheceram os conceitos elevados do Espiritismo.

Os irmãos de ideais espíritas, responsáveis pelo "Ser vos do Cristo", estiveram presentes ao enlace dos jovens, bem como o povo daquela comunidade pobre, externando votos de uma vida longa e feliz, com as bênçãos de Jesus. Duas almas vinculadas desde remotas existências, uniram-se novamente, animadas pelo sublime propósito de servir sem restrição ao Divino Mestre, na figura dos pequeninos da Terra. A luta seria enorme, mas a esperança que florescia em seus corações sinceros e sensíveis era muito maior e destinada a dar frutos sazonados. Foi uma festa inesquecível, porque a alegria dominava os corações, em uma demonstração de autêntica fraternidade cristã.

O "Servos do Cristo" semeou em muitas almas amarguradas a confiança em Deus, nas Suas leis sábias e imutáveis. O perfume do amor impregnava a atmosfera espiritual daquele cenário de ajuda mútua, incentivando as pessoas a viverem fraternalmente, como ensina a Boa-Nova do Senhor.

Com o passar dos anos, os integrantes do grupo de seareiros foram regressando à Pátria Espiritual, deixando em seus postos irmãos capacitados na tarefa, que jamais se omitiram no

cumprimento do dever de esclarecer e confortar as almas em necessidade e aflição. Os últimos a retornar à Espiritualidade, transferindo seus labores para outros braços operosos, foram Tiago e Helena.

Recebidos de braços abertos pelos Amigos espirituais, que os cumprimentaram jubilosos pelas conquistas de valores eternos logrados na recém-finda jornada terrena. Os débitos do passado, ressarcidos, aprimoraram suas almas, capacitando-as para cometimentos mais elevados, em nome do Cristo, de quem foram servos humildes, laboriosos e prestativos.

Somente são aquinhoados com a verdadeira felicidade, aqueles que cumprem com fidelidade os desígnios divinos.

— FIM —